

AS TERRAS DE ELYON

O VALE DOS ESPÍNHOS

PATRICK CARMAN

LIVRO 2



EDITORIAL PRESENÇA



PATRICK CARMAN

O Vale dos Espinhos

As Terras de Elyon Livro II

Tradução de Isabel Gomes

FICHA TÉCNICA

Título original: *Beyond The Valley of Thorns — The Land of Elyon Book II*

Autor: *Patrick Carman*

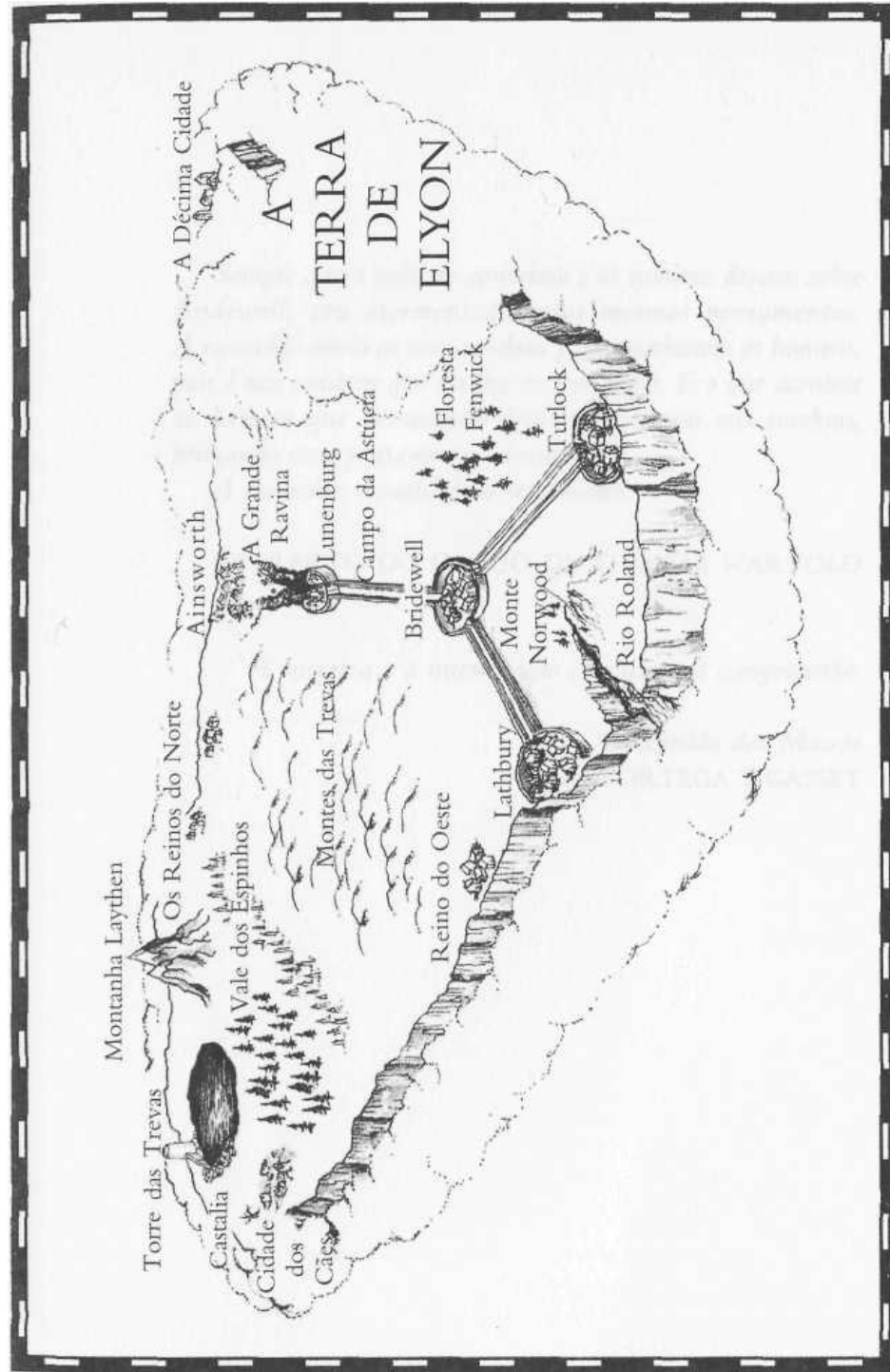
Tradução: *Isabel Gomes*

Capa: *Ilustração de Brad Weinman*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1ª edição, Lisboa, Outubro, 2007

Para a Siena



Sempre que a noite se aproxima e as sombras descem sobre Bridewell, sou atormentado pelos mesmos pensamentos. A escuridão envia as suas sombras para envolverem os homens, pois é nas sombras que ela faz os seus jogos. E o que acontece ao homem que permanecer muito tempo nas sombras, brincando com pensamentos sinistros?

A escuridão certamente o dominará.

EXTRATO DO DIÁRIO DE
THOMAS WARVOLD

A surpresa e a interrogação conduzem à compreensão.

A Rebelião das Massas
JOSÉ ORTEGA Y GASSET

PARTE I

CAPÍTULO 1

A MINHA CHEGADA A BRIDEWELL

Ontem deixei Lathbury para trás. Viajei com meu pai e ele me deixou conduzir a carroça na estrada para Bridewell. A viagem foi muito diferente da que fiz, na mesma estrada, a apenas um ano, antes das muralhas que a envolviam terem sido derrubadas. Continua a ser uma viagem quente, mas ontem podia ver em todas as direções: os Montes das Trevas à minha esquerda, o vale e o Monte Norwood à minha direita, e a Floresta Fenwick à distância, formando uma massa verde. Enquanto olhava em volta, apreciando o perfume das flores que enchia o ar, não pude evitar sonhar com as aventuras que se poderiam viver nos recantos longínquos da Terra de Elyon.

Conduzindo a carroça ao longo da estrada poeirenta, procurava vislumbrar algum animal que reconhecesse ou algum falcão a voar por cima das nossas cabeças, mas parecia que o ruído das rodas tinha levado todos aos seus esconderijos.

— Pode me dizer novamente quais são as regras? — perguntei ao meu pai. Depois de tudo que tinha acontecido no Verão anterior, ele estava mais protetor do que nunca e eu queria ter certeza de que conhecia as regras que, certamente, iria quebrar assim que chegássemos a Bridewell.

— Ah sim, as regras — repetiu ele enquanto afiava um pau com a navalha. — Primeiro que tudo, nunca transpor as muralhas de Bridewell sem a companhia de um adulto e, mesmo que seja esse o caso, quero saber exatamente onde vai e porquê. Tem muito com que se entreter na cidade sem que tenha que se aventurar no exterior sem supervisão. E nada de andar pela casa escutando conversas que não são para os teus ouvidos. Além disso, tem que me fazer companhia todas as noites ao jantar. Está na hora de começar a prepará-la para

ocupar um cargo de chefia. Daqui a uns anos as tuas visitas a Bridewell serão de menos brincadeira e mais trabalho.

Quanto mais ele falava, mais eu sentia a minha infância fugir-me, principalmente ao ouvir a parte final sobre tornar-me líder na nossa comunidade. Fiquei com saudades do tempo em que Warvold me contava histórias e em que eu vivera aventuras nas montanhas, na companhia de Yipes e *Murphy*. Quem me dera que o meu pai não fosse tão importante, que eu fosse uma garota desconhecida de passagem por cidades, a caminho de um ou outro lugar, livre para viajar a meu bel-prazer pela Terra de Elyon.

— Que divertido! — respondi, com um entusiasmo talvez muito fingido. O meu pai olhou-me como se o meu tom não fosse o que ele esperava. Mergulhamos no silêncio, ele, sem dúvida, pensando em como iria manter-me debaixo dos olhos durante o Verão, ao mesmo tempo que fazia o seu trabalho, e eu sonhando com as aventuras que poderia viver em lugares longínquos.

Passada meia hora em que trocamos poucas palavras, as muralhas de Bridewell ficaram visíveis, à distância. Eram as únicas muralhas que permaneciam de pé e pareciam surgir do nada, como um gigantesco cepo de árvore, sem ramos, erguendo-se, frio e sozinho na natureza. De repente, senti-me desprotegida em terreno aberto, uma sensação que ia e vinha constantemente desde a altura em que as muralhas, com a exceção das de Bridewell, haviam sido derrubadas. Nem mesmo na segurança da minha casa, nos penhascos escarpados junto ao mar, conseguia me livrar da sensação de que não estava segura sem as muralhas que, havia apenas um Verão, estivera tão empenhada em derrubar.

Ao verem o seu destino, os cavalos apressaram o passo e pouco depois chegamos ao enorme portão de madeira em cuja torre de vigia estava Pervis Kotcher. Mesmo ao longe conseguia ver o seu rosto magro e o bigode fino. Os seus olhos, sempre escuros e penetrantes, observavam atentamente enquanto os cavalos paravam bruscamente diante da entrada de Bridewell.

— Oh, não! O Sr. Daley vem acompanhado por Encrenca! — comentou Pervis ao homem que estava a seu lado. — É melhor dobrarmos a guarda nas torres até ela ir embora.

Olhando para cima, sorri, e uma torrente de recordações rodopiou-me na cabeça.

Estava de volta a Bridewell por mais um Verão e o meu espírito aventureiro estava de novo afogueado.

— Também estou contente por vê-lo, Pervis — retorqui. — Estou ansiosa por fintá-lo, dia após dia, durante todo o Verão.

Entramos em Bridewell e passei o dia a instalar-me na Casa Renny, a desfazer a única mala que levava e a tomar as refeições na companhia do meu

pai, de Nicolas, de Grayson, de Silas Hardy e de Pervis. Cada um destes homens tinha desempenhado um papel importante na minha vida, principalmente durante o meu atribulado Verão anterior em Bridewell. O meu pai, o eterno líder, já estava ocupado com intermináveis reuniões. Nicolas continuava elegante e bonito, mas agora estava mais sério e parecia ter envelhecido bastante no ano que tinha passado desde a morte de seu pai. Que poderei dizer sobre Grayson àqueles que não se lembram dele? Continuava rechonchudo, a esgueirar-se constantemente até à cozinha, e eu ainda adorava visitá-lo na biblioteca onde trabalhava, restaurando livros. Silas continuava a desempenhar a sua tarefa de carteiro para o meu pai e outras pessoas importantes, mas também tinha se transformado numa espécie de confidente do meu pai, e era freqüente os dois conversarem em voz baixa e darem passeios juntos. Pervis tinha parado de me perseguir por toda a parte, tentando me apanhar fugindo, mas nunca o tinha visto tão alerta e cauteloso em relação ao mundo exterior. Passava a maior parte do tempo nas torres de vigia e parecia aguardar nervosamente algo que eu desconhecia. Só faltava Ganesh. Um ano tinha passado e ainda era difícil acreditar na forma como ele tinha enganado a todos.

No dia seguinte, passada a viagem e os cumprimentos, consegui me sentar no parapeito da minha janela e pensar. A proteção amuralhada de Bridewell era agora estranhamente reconfortante. Ver as muralhas da janela do meu quarto ou vê-las nos meus passeios pela praça da cidade provocava em mim um sentimento muito diferente do que no passado. Há um ano não imaginava nada melhor do que escapar para lá dessas muralhas; agora não conseguia evitar gostar dos seus braços fortes que me envolviam em segurança. Ao contrário do que acontecia antes, elas agora davam-me prazer, principalmente porque não as via a um ano. A minha terra natal, Lathbury, era tão diferente, toda aberta, estendendo-se na beira dos penhascos, com espaço para crescer e se expandir na direção que quisesse. Perguntei a mim mesma se não teria julgado mal estas muralhas ao vê-las como algo a temer em vez de algo que deveria ser aceita. Quando se consegue o que se deseja, as coisas nunca são como se pensava.

E, no entanto, apesar do conforto das muralhas, interrogava-me também sobre o que encontraria nos Montes das Trevas, para além de onde minha vista alcançava. Interrogava-me sobre o que haveria no meio do nevoeiro que ficava para além da Floresta Fenwick, se é que existia alguma coisa lá. A aventureira que havia em mim sonhava em escapar mais uma vez, só que desta vez iria mais longe, para além dos confins do nosso reino, para as terras que apenas Warvold havia percorrido e explorado.

Estes devaneios recordaram-me a biblioteca e a minha velha cadeira, portanto desci do parapeito da janela e me dirigi para lá. A porta da biblioteca

estava aberta, por isso entrei, inalando aquele velho e familiar cheiro de livros, ouvindo o ranger do chão e olhando para as filas sinuosas de prateleiras. Estas coisas faziam com que Bridewell parecesse de novo a minha casa, um local do qual eu pertencia.

— Quem vem me fazer uma visita? — disse uma voz vinda do escritório que havia dentro da biblioteca, a pequena e desarrumada divisão onde o Grayson passava a maior parte do seu tempo a restaurar livros e a sonhar com compota de morango.

— Sou só eu, Grayson — respondi. — Venho dar uma olhada e sentar-me um pouco antes que es quente muito. — Já o tinha visto ao jantar, na noite anterior, portanto não havia necessidade de fazer uma entrada grandiosa.

Grayson espreitou do seu escritório e sorriu-me. Era a mesma pessoa gorducha e bem-disposta de que eu me lembrava do Verão anterior.

— É tão bom tê-la novamente na biblioteca, Alexa. Isso aqui tem andado muito aborrecido na sua ausência. Talvez consiga animar um pouco as coisas. — Grayson olhou-me pelo canto do olho, pensando no que havia dito, e depois acrescentou: — Mas não anime demais, combinado? — Assenti com a cabeça e me dirigi lentamente mais para o interior da cavernosa biblioteca.

Caminhando ao longo das empoeiradas filas de livros, passando os dedos pelos seus títulos, fui dominada pela sensação de rotina que me penetrou até os ossos. O chão ainda fazia os mesmos ruídos enquanto percorria o serpenteante corredor que atravessava a biblioteca, até à minha cadeira preferida, no cantinho escondido, rodeada por estantes altas cheias de livros. Ia endireitando os livros enquanto avançava, prolongando a caminhada por alguns dos corredores. Ao chegar ao lugar onde a minha cadeira estava, parei junto da janela e olhei para a muralha que tinha à minha frente — uma massa de pedra, lisa e imóvel, a que apenas a hera verde que por ela subia e a transpunha dava vida.

O meu olhar pousou na cadeira e senti-me tentada a afastá-la para abrir a porta secreta que ficava por trás. Podia esgueirar-me para os túneis que ficavam lá embaixo e escapulir para a natureza. Podia correr em liberdade. Mas seria em vão. O meu pai tinha me tirado a chave prateada que abria a porta e tinha me proibido de voltar a entrar nos túneis. Assim, deixei-me cair na cadeira e olhei para os livros que ocupavam a prateleira, ao meu lado. Já os tinha visto antes, tendo lido e apreciado muitos deles. Desta vez, porém, procurava um em particular: aquele que eu tinha, no Verão passado, atirado no buraco que havia do outro lado da porta secreta, aquele que se chamava *Aventuras às Portas da Décima Cidade*. Procurei-o ao longo das filas de livros, puxando alguns deles para fora e empurrando outros ligeiramente para endireitá-los na prateleira. Finalmente encontrei o livro, tirei-o da prateleira e instalei-me na cadeira,

colocando os pés em cima de uma velha caixa de madeira que me servia sempre de escabelo.

Abri o livro e comecei a ler, enquanto a brisa que soprava no exterior da janela fazia as folhas que trepavam pela muralha dançar e cantar como só as folhas são capazes. Nisto ouvi um ruído diferente, um ruído estranho: umas pancadinhas leves e quase imperceptíveis.

Truz, truz, truz.

Olhei para todos os lados e depois levantei-me, com o livro na mão, e debrucei-me na janela para tentar ouvir novamente o som.

Truz, truz, truz.

Este estava mais alto agora, mas não vinha do exterior. Virei-me, colocando-me de frente para as prateleiras de livros, e fiquei muito quieta.

Truz, truz, truz.

O livro que segurava escorregou-me das mãos e caiu no chão com um baque. Permaneci imóvel, quase sem respirar.

Truz, truz, truz.

O ruído vinha de trás da minha cadeira, do outro lado da porta secreta!

CAPÍTULO 2

UMA MENSAGEM INESPERADA

Voltei a atravessar a biblioteca, serpenteando ao longo de várias filas de estantes, à escuta para ver se Grayson estava em algum lugar ali perto. Não encontrando ninguém, regressei rapidamente para junto da minha cadeira e comecei a afastá-la da parede, o mais silenciosamente possível. Embora tivesse um ano a mais, continuava magricela como nunca, quase sem músculos nos meus braços ossudos, e precisei de toda a minha força para afastar a cadeira da porta secreta. Em seguida, agachei-me e pus-me à escuta. Estaria ouvindo coisas? Comecei a pensar se não estaria tão ansiosa por uma aventura que tivesse inventado o som. Mas depois ouvi um estalido suave e a portinha se abriu lentamente para dentro, sobre dobradiças que chiavam, revelando apenas escuridão.

Mantive-me afastada, receando espreitar para o interior. Nisto, uma cabeça pequena espreitou para a divisão, seguida de uma voz aguda que eu tão bem conhecia.

— Já estava pensando que ia me deixar pendurado aqui a manhã inteira! — Era Yipes, pendurado na velha escada que descia para a escuridão, com um grande sorriso estampado no pequeno rosto.

— Yipes! — exclamei. — Que diabo faz aí dentro? Nem acredito que é você!

Ele saltou do túnel e agachou-se ao meu lado, atrás da cadeira, levando o dedo aos lábios.

— *Chiu!* Nunca se sabe quem poderá andar pela biblioteca — sussurrou.

— Mas por que anda se esgueirando pelos velhos túneis? — perguntei.

Trepou pelas costas da cadeira, escalou uma das grandes estantes e desapareceu pela parte de cima. Ouvia-o saltar de estante em estante, os seus pés fazendo um som rápido e quase imperceptível.

Permaneci atrás da cadeira, olhando fixamente para a estante de cujo topo ele tinha desaparecido, interrogando-me sobre onde teria ido e quando regressaria.

— Já pode sair — disse Yipes do parapeito da janela, atrás de mim. O som da sua voz assustou-me.

— Precisa mesmo me assustar dessa maneira? É pior que *Murphy*, com

as suas escapadas.

— *Murphy* e eu temos um acordo — respondeu o Yipes. — É tão divertido te pregar sustos que não podemos desperdiçar nenhuma oportunidade de fazê-lo. De qualquer forma, Grayson foi até à cozinha e, por enquanto, a biblioteca está vazia. Podemos falar em sossego.

Passei para a frente da cadeira e sentei-me, virada para a janela, onde Yipes estava acocorado, pronto para entrar em ação caso ouvisse o menor ruído no interior da biblioteca. Por mais vezes que o visse, ficava sempre espantada com o seu tamanho diminuto. O seu rosto muito bronzeado e curtido pelo tempo e amigável, e o sorriso que ostentava sob o narizinho pontiagudo, denunciava a alegria que sentia por me ver.

— É bom vê-lo mas não devia andar perambulando pelos túneis — disse eu. — Eles puseram guardas patrulhando, sabia?... Para se certificarem de que as pessoas não andam bisbilhotando onde não devem.

Há muito que Pervis tinha criado uma entrada a partir do pátio, situada numa casinha pequena, de pedra, conduzindo aos túneis. Tinha passado dias seguidos percorrendo as câmaras, certificando-se de que não havia ninguém escondido lá. Os guardas conheciam todas as entradas e saídas, as quais tinham sido permanentemente seladas.

— Nem sei como conseguiu entrar lá — continuei. — Pensei que Pervis tivesse selado os túneis do lado de fora.

Yipes sorriu com ar maroto e aproximou-se mais de mim.

— Ainda há uma entrada para aqueles que são suficientemente pequenos. — Parecia muito orgulhoso de si mesmo e, de repente, fiquei muito interessada em saber mais sobre esse acesso secreto e onde poderia conduzir.

— Tenho uma coisa importante a dizer — continuou Yipes. Olhou em volta mais uma vez, virando a cabeça de um lado para o outro, tentando captar algum ruído.

— Quando tinha apenas alguns anos de idade, após a morte de Renny, Warvold fez uma viagem. Esteve fora bastante tempo e ninguém sabe onde foi. Quando regressou, foi me visitar, pouco tempo depois de eu ter me instalado no mato. Nunca o vi tão preocupado, e entregou-me uma coisa que eu devia guardar com especial cuidado.

Yipes abriu o colete, meteu nele a sua pequena mão, procurando algo, e retirou um envelope amarfanhado, que me entregou. O envelope estava sujo e rasgado nos cantos e a mensagem que tinha escrita na parte da frente estava borrada com uma substância vermelha, seca, provavelmente vinho tinto de um copo há muito entornado. No exterior tinha escritas estas dez palavras:

Para Alexa Daley, um ano após a minha morte.

Aproximei-me da luz que entrava pela janela e parei ao lado de Yipes. Era uma sensação estranha ter na mão uma mensagem de Warvold. Sentia arrepios de excitação só de ouvir pronunciar os nomes de Renny e Warvold. Porém, não era só isso o que eu sentia. Era estranho, mas sempre que ouvia o nome de Renny ou de Warvold, sentia uma vontade enorme de estar novamente com eles.

— Por que não me deu isto antes? — perguntei. — Ele já morreu a um ano.

Yipes mexeu-se desconfortavelmente e desviou o olhar antes de responder.

— Só agora fez um ano que ele morreu — disse. — Como pode ver, a carta diz para esperar um ano. Juro que foi muito difícil resistir à tentação de entregá-la antes. Passei muitas noites à luz de vela, com ela na mão, tentando ler o que dizia. Mas o envelope era muito grosso.

Yipes fez uma pausa e coçou os joelhos.

— Seja como for, agora está nas tuas mãos, portanto é melhor abri-la e ver o que diz — continuou. — Tenho um pressentimento de que chegou a hora de fazer algo que ele queria que fizesse.

Olhei para o envelope. A minha mão tremia ao segurá-lo e mil pensamentos sobre o que poderia conter rodopiavam-me pelo cérebro. Virei-o e, cuidadosamente, quebrei o selo de cera. Lá dentro havia um pedaço de papel amarelecido, dobrado ao meio e com arestas esfarrapadas. Havia também um envelope menor, endereçado a meu pai. Pousando o envelope pequeno, desdobrei a folha e comecei a ler em voz alta.

Alexa,

Já conheço Yipes há bastante tempo e ele era a única pessoa a quem podia confiar esta carta. Há muitas coisas que precisa saber, mas só posso contar algumas agora. Se te contasse tudo já, receio que não tivesse coragem suficiente para fazer o que tem a fazer, portanto, só vou revelar uma coisa para te pôr a caminho.

Há uma caverna secreta nos Montes das Trevas, para lá de qualquer lugar que possa ver de Bridewell. Dentro desta caverna há uma coisa que tem que ir buscar, uma coisa muito importante e muito especial. Essa coisa é para você e só para você, Alexa, e tem que encontrá-la. Tomei a liberdade de incluir uma carta para o seu pai. Deixe-a e ele não irá atrás de você. Esta é uma viagem secreta na qual ele não pode participar. Ele está a par de certos fatos, de certas situações, e pode ter certeza de que compreenderá por que tem que ir aos Montes das Trevas.

Agora, põe-te a caminho! Vai!

Warvold

Depois da mensagem havia um mapa complicado que conduzia a uma entrada que eu desconhecia. Mas debaixo dela, um sublinhado duplo assinalava o lugar onde eu tinha que ir: as *Cavernas dos Montes das Trevas, Câmara Secreta do Leste*.

Ergui a cabeça e olhei para o Yipes. Embora devesse estar com medo, o que sentia era uma alegria enorme perante a perspectiva de uma aventura. Warvold chamava-me da sepultura para fazer algo inesperado e assustador mas, em vez de medo, sentia-me como se já tivesse previsto este acontecimento.

— Yipes, isto é inacreditável! — exclamei. — Vai comigo?

— Nem eu permitiria que fosse sozinha — respondeu ele. Via-se que ele estava tão entusiasmado quanto eu com a perspectiva do que poderíamos encontrar nos Montes das Trevas.

CAPÍTULO 3

A CAVERNA SECRETA

Regressei ao meu quarto e arrumei o saco de couro com tudo o que me lembrei de que pudesse necessitar. No caminho de volta à biblioteca, passei pela cozinha. Estávamos no meio da manhã e os cozinheiros faziam um intervalo na sala de fumo. Dirigi-me à enorme despensa e meti no saco toda a carne seca e fruta que cabiam lá.

Quando regressei à biblioteca, Grayson já estava novamente no seu escritório, restaurando um livro particularmente grande. Sabendo que não conseguiria evitá-lo a caminho da minha cadeira, espreitei para dentro da divisão. Ele interrompeu o trabalho e olhou para mim.

— Vai viajar? — perguntou, vendo o saco que tinha ao ombro.

— São apenas umas guloseimas e uns livros para uma tarde de leitura e passeio pela cidade.

— Ah, parece maravilhoso. Quem me dera poder juntar-me a você. Já estou atrasado com a restauração deste livro e o Silas tem que levá-lo a Ainsworth hoje à noite. Receio que ainda vou ficar algum tempo agarrado a ele.

— Dito isto, voltou novamente a atenção para o trabalho e mudou de posição na cadeira, a sua grande barriga roçando contra a escrivaninha. Fiquei aliviada... e se ele tivesse querido acompanhar-me?

— Boa leitura — desejou-me, e eu me afastei para os fundos da biblioteca.

Quando cheguei junto à cadeira, ela estava tal e qual como a deixara: no seu devido lugar, com a porta secreta fechada. Não havia sinal de Yipes e comecei novamente a pensar que tinha imaginado tudo.

Tirei do saco a carta dirigida ao meu pai e pousei-a no assento da cadeira. Nisto, ouvi novamente as pancadinhas suaves.

Truz, Truz, Truz.

Desta vez sabia que era Yipes que me esperava na escada, dentro do túnel.

Dediquei-me novamente à extenuante tarefa de afastar a cadeira e lá estava ele, pendurado na escada, escondido, no caso de Grayson vir à minha procura. Yipes desceu alguns degraus e eu entrei no túnel, sentindo o ar fresco da

terra a refrescar-me a pele. Lancei um último olhar para o interior da biblioteca e fechei a porta secreta atrás de mim.

Estava mais escuro do que me lembrava e a candeia apenas produzia um brilho tênue contra a escuridão sufocante que nos envolvia. Senti-me como um minúsculo pirilampo, apanhado, sozinho, nas profundezas da noite.

— Não podemos fazer barulho — sussurrou Yipes. — Nunca se sabe se algum guarda anda fazendo a ronda dentro dos túneis.

Concordei com um movimento de cabeça e descemos até o chão de terra em silêncio. Yipes ia na frente enquanto descíamos o túnel, a candeia pendurada na sua pequena mão, lançando sombras nas paredes. Caminhamos durante algum tempo, ziguezagueando por lugares onde eu nunca tinha estado. Quando nos aproximamos de uma curva brusca, para a direita, Yipes parou, virou-se para trás e agachou-se. Depois apagou a candeia e ficamos sentados, imóveis, contra a parede do túnel.

— O que foi? — sussurrei. Não conseguia vê-lo na escuridão e ele não respondeu, limitando-se a me tocar no ombro, a deslizar a mão pelo meu rosto e a colocar-me a mão sobre a boca. Pouco depois vi uma luz a dançar na parede, à distância, que avançava na nossa direção.

Os meus instintos ordenavam-me que corresse de volta por onde tínhamos vindo, antes que fôssemos descobertos pelo guarda, mas Yipes segurava-me pelo ombro, como que a dizer-me que devíamos ficar quietos. A luz aproximou-se até ficar quase em cima de nós e ouvi os passos se aproximando.

Enquanto Yipes me segurava, arquejante, contra a parede, eu lutava contra a vontade de me levantar e fugir. No momento em que eu esperava ver o guarda fazendo a curva, a luz da sua candeia começou a atenuar-se e os seus passos tornaram-se menos audíveis até que, finalmente, ficou tudo escuro e silencioso novamente.

— Onde é que ele se meteu? — sussurrei.

— Há outro túnel que segue para a direita, depois da curva. Tenho observado os guardas enquanto circulam pelos túneis e eles viram sempre ali, voltando depois para trás e passando por aqui. Temos apenas uns minutos para atravessarmos, antes que ele volte.

Pusemo-nos de pé, na escuridão, e avançamos, apalpando a parede. Seguindo Yipes, fizemos a curva e passamos a boca do túnel onde o guarda tinha entrado e ao longo do qual se movia a luz. Praticamente cega, tropecei numa pedra que estava no chão, soltando uma exclamação. Yipes amparou-me e puxou-me para me fazer avançar mais depressa.

— Quem está aí? — berrou o guarda, os seus passos avançando na nossa direção.

Yipes puxou-me, no meio da escuridão, e depois virou para a esquerda.

— Mostre-se! — ordenou o guarda. No entanto, passou o lugar onde tínhamos virado, seguindo na direção errada. Silenciosos como gatos, avançamos o suficiente no nosso trajeto para que eu começasse a pensar que tínhamos despistado o guarda naquele labirinto de túneis.

— Foi por pouco! — disse Yipes depois de algum tempo. — Já estamos quase lá. Segure a minha mão... sei o caminho mesmo na escuridão.

Algumas curvas e contracurvas mais tarde, parou e largou minha mão. Não conseguia ver onde ele estava, mas depois um raio de luz apareceu junto ao chão. Yipes tinha tirado as tábuas da parede e descobri que, com a luz que entrava pela abertura, conseguia ver o que me rodeava. Tínhamos entrado numa divisão cujas paredes estavam forradas com tábuas de madeira, e tinha aspecto de ter sido utilizada como dormitório pelos condenados que tinham se escondido nos túneis antes do derrube das muralhas.

— Vá, entre — disse Yipes. — É um pouco apertado, mas a distância até à superfície não é grande.

Mais uma vez Yipes me empurrou para frente. Às vezes parecia que a única direção que ele conhecia era «em frente». Já me tinha empurrado por túneis e florestas e agora parecia determinado a me guiar para além dessas aventuras iniciais. Ele era meu amigo e eu confiava nele, portanto o segui. Avancei à frente dele, espreitei pelo buraco e depois estendi os braços à minha frente, como se estivesse prestes a mergulhar num lago. Uma vez lá dentro, mexer-me provou ser um verdadeiro desafio, mas consegui avançar centímetro a centímetro até a minha cabeça aparecer à superfície, banhada pelo sol ofuscante e quente.

Yipes seguiu-me e demos por nós nos Montes das Trevas, com as muralhas de Bridewell à distância, parecendo-me mais próximas do que gostaria. Escondíamos-nos na espessa vegetação rasteira que formava uma espécie de túnel na superfície e se estendia para o interior das terras selvagens, afastando-se de Bridewell.

— Aquele guarda pode ter ido buscar reforços — avisou Yipes. — Virão em busca de confusão, por isso é melhor nos apressarmos.

Voltamo-nos e caminhamos o mais depressa possível ao longo do caminho coberto, que era quente e apertado. Avançamos cada vez mais num território no qual eu nunca pensei ter coragem de me aventurar. Muito tempo depois, Yipes parou, num ponto onde o túnel de vegetação se dividia em três.

— É aqui. É aqui que começa o mapa — disse.

Tirei o mapa do saco e o estendi no chão. Realmente havia no mapa uma bifurcação com três túneis a se estenderem em direções diferentes. O mapa

indicava que devíamos seguir o caminho do meio até encontrarmos uma pedra gigantesca em algum lugar, mais adiante. Aí encontraríamos um espaço e a entrada para a caverna secreta.

— Não estamos muito longe, talvez a um quilômetro e meio de distância — disse Yipes. — Vamos a isto. Nunca se sabe o que encontraremos quando chegarmos lá.

Cerca de meia hora mais tarde, emergimos do espaço apertado das moitas, para terras mais rochosas e desertas. Estávamos numa ravina comprida e estreita cujo chão se encontrava coberto por um emaranhado de mato verde e árvores aguçadas e mortas. Era uma atmosfera sombria e deprimente. Debaixo dos nossos pés tudo era quebradiço e duro e, por todo o lado, grandes pedregulhos descoloridos salpicavam a paisagem.

Sentei-me no chão quente e estiquei o mapa à minha frente.

— Há rochas por todo lado, mas aquela é certamente a maior — disse, apontando para uma grande massa rochosa que saía do chão, à nossa frente. Era vermelha e castanha, com a forma de um enorme nariz a espreitar do solo.

Limpei a testa que pingava suor e bebi um pouco de água do meu odre. Contornamos o rochedo e o matagal cerrado, em busca de uma entrada para a caverna ou de um sinal da sua existência. O céu cobriu-se de nuvens brancas e fofas que taparam o sol, enchendo a ravina de sombras.

Yipes trepou pela rocha e foi colocar-se bem na beirinha. Parecia estar pensando no aspecto que tinham as coisas que o rodeavam, analisando as árvores mortas e o matagal para se certificar de que estavam onde deviam. Uns minutos depois atravessou o rochedo a correr e saltou para o chão, apenas uns centímetros à minha frente.

Ao aterrar no chão, o som não foi o que eu esperava. Estava à espera de um baque forte e sólido mas, em vez disso, ouvi um som vazio e oco debaixo da terra, como se não houvesse muita coisa mantendo Yipes à superfície. Ele saltou e aterrou no chão novamente e eu tive a incômoda sensação de que algo estava errado com aquele pedaço de terra. Saltando repetidamente, Yipes foi se afastando do rochedo até, finalmente, aterrar em solo que fazia um som normal.

Virando-se, colocou-se de frente para a pedra e ajoelhou-se. Ao mesmo tempo, e para nossa surpresa, ambos reparamos num pedaço de corda toscamente entrelaçada, meio enterrada na terra. Yipes pegou nela e examinou-a, virando-se depois para mim e estendendo-me.

— Faça você as honras — disse.

Peguei na corda e puxei, levantando um alçapão coberto de terra. A parte de baixo da porta estava povoada de aranhas e outros insetos, que corriam de um lado para o outro, e uma lufada de ar fresco e úmido saiu do buraco descoberto.

CAPÍTULO 4

JOHN CHRISTOPHER

Yipes e eu nos sentamos no chão e deixamos que os nossos pés balançassem para dentro do buraco; o ar, embora bolorento, era refrescante. Passei as mãos pelas paredes do buraco, onde a terra era dura. Quanto mais abaixo apalpava, mais fresca ficava a parede. Deixei que os meus pés e braços pendessem mais algum tempo dentro do buraco mas, ao sentir uma aranha rastejando por cima dos dedos da minha mão, retirei rapidamente todos os membros para o calor da ravina.

— Não temos muita escolha — disse Yipes. — Vamos ter de entrar aí dentro e, quanto mais depressa o fizermos, melhor. Pelo menos não estará tão quente como aqui fora.

Não havia nenhuma escada em nenhuma das paredes e, embora a luz entrasse no buraco, não tinha certeza de estar vendo o chão do túnel. Primeiro pensei que o fundo ficava apenas a uns dois metros ou dois metros e meio, uma distância que eu conseguiria saltar. Mas depois os olhos começaram a pregar-me peças. Limpei o suor do rosto e deixei cair uma pedra do tamanho do meu punho para dentro do buraco, ficando à espreita e à escuta. Para alívio meu, a pedra chegou rapidamente ao chão e caiu num lugar visível, a sua massa cinzenta delineada pelas sombras, a menos de três metros abaixo.

Yipes saltou primeiro e não pareceu ter qualquer dificuldade na aterragem, o que me deu a coragem de que precisava para fazer o mesmo. Embora tenha escorregado de mãos e joelhos no chão depois de aterrar, conseguimos chegar em segurança à caverna secreta.

Peguei na pedra que tinha lançado para o buraco, pensando que talvez me pudesse servir de arma se fosse necessário. O túnel se estendia numa única direção e o teto era mais baixo do que eu gostaria, tão baixo que tinha de me dobrar para conseguir percorrê-lo. Seis passos neste novo mundo subterrâneo deixaram-me numa escuridão quase total, seguida de perto por Yipes. Uma criatura pequena, provavelmente um rato silvestre, correu junto a meus pés, enquanto eu afastava teias de aranha com a mão. Sem pensar, apalpei o teto de terra. A medida que ia avançando, o túnel alargava e aumentava em altura, e percebi que conseguia ficar de pé no ar frio. A minha frente vi o que esperava

ver atrás de mim: a luz que entrava no buraco, que mais parecia irradiada por uma candeia distante do que luz vinda do exterior. Apalpei ao longo da parede fria de terra e voltei-me para trás, na outra direção. Só então me apercebi da situação em que tínhamos nos metido.

No fundo do túnel havia um círculo de luz: a abertura por onde tínhamos entrado. Voltei-me, olhei novamente na direção em que caminhávamos e vi a luz distante que parecia uma candeia tremeluzente. Nisto, ouvi um estrondo ao longe e virei-me para ver que o círculo de luz tinha desaparecido. Alguém ou alguma coisa nos tinha fechado debaixo da terra!

— Que azar! — exclamou Yipes.

— Agora não temos escolha — disse eu. — O que quer que Warvold queria que nós encontrássemos está em algum lugar aqui embaixo. Só espero que não tenha garras e dentes afiados.

Uma criatura pequena e peluda roçou contra o meu tornozelo e eu guinchei, dei um salto e bati com a cabeça no teto, provocando uma chuva de terra.

— Há alguma coisa aqui conosco, Yipes. Há alguma coisa junto dos meus pés.

— Provavelmente é apenas um rato silvestre ou uma ratazana — respondeu ele. — Se eu fosse você, não me preocuparia muito até sentir uma dentada nos dedos.

Sacudi-me e depois continuei a caminhar em direção à luz tremeluzente, avançando lentamente na escuridão, com os braços esticados à minha frente para afastar teias de aranha e detectar obstáculos que pudessem estar no meu caminho.

— Olá? — chamei baixinho. — Tem alguém aí?

— Eu estou aqui — gozou Yipes.

Sorri no meio da escuridão e perguntei em voz alta se havia alguém ali além do Yipes, mas ninguém respondeu.

Uns três metros adiante, três velas grossas ardiam, muito juntas umas das outras, em cima de uma mesa de pedra. Uma sombra correu pela parede e minha respiração prendeu-se na garganta. Espalmei-me contra o lado direito do túnel e permaneci imóvel, sentindo o frio da parede a penetrar-me o pescoço. Mais uma vez senti movimento junto do tornozelo e alguma coisa passou por cima das minhas sandálias. Desta vez, a luz das velas iluminou suficientemente o chão para que eu pudesse distinguir formas e vi a silhueta de uma grande ratazana passando por cima do meu pé esquerdo. Gritei e chutei a horrível criatura, atirando-a para o outro lado do túnel. Ela se chocou contra a parede com uma pancada surda e depois fugiu, desaparecendo de vista.

— Então, vamos lá. Não temos o dia todo. Temos muito que fazer e pouco tempo.

Era uma voz que eu não reconhecia, grave mas amigável, vinda de algum lugar mais à frente. Yipes foi o primeiro a responder.

— Quem é você? O que faz aqui embaixo?

Após um longo silêncio, a voz respondeu.

— Me chamo John Christopher. Warvold pediu-me que estivesse aqui quando vocês chegassem. E se isso não os deixar mais tranquilos, talvez um outro amigo seu deixe. — A voz calou-se por uns instantes e depois falou novamente. — A pobre criatura que tem andado a chutar de um lado para o outro no escuro é um roedor que está me dando cabo da cabeça a horas. Não pára de saltar e correr de um lado para o outro. Acho que conhecem *Murphy*.

Saí do meu esconderijo e o esquilo atravessou a caverna correndo, na minha frente, e pulou para os meus braços.

— *Murphy!* — exclamei. — Que bela surpresa!

Yipes avançou até entrar na zona iluminada e eu o segui, passando a mão no pêlo suave de *Murphy* enquanto caminhava. Demos por nós numa pequena câmara subterrânea, suavemente iluminada pelas três velas grandes.

— É muito bom vê-lo outra vez — sussurrei para *Murphy*. — Quem me dera ter uma jocasta para podermos conversar um com o outro.

— É bom que se habitue a caminhar no escuro — disse John. — Vai haver muito disso nos próximos dias. — A luz bruxuleante das velas iluminou-lhe o rosto, apenas o suficiente para me deixar vislumbrar o seu olhar vivo e a forma do seu rosto.

Era um homem alto, magro, mas forte e, para minha surpresa, tinha um C marcado a ferro em brasa, na testa. Era um antigo condenado e, de repente, fiquei pouco à vontade no espaço diminuto da caverna.

— Pelos visto já reparou na minha testa — disse o John. — Ainda bem. Mais vale esclarecermos já esse assunto, antes de fazermos seja o que for.

Pousei *Murphy* e dei-lhe umas palmadinhas na cabeça. Ele deu alguns passos a correr e saltou para cima da mesa de pedra, que ficava no centro da divisão. A sua cauda grande e farfalhuda agitava-se nervosamente para cima e para baixo, lançando sombras erráticas nas paredes.

— *Murphy!* — gritou Yipes. — Acalme-se, está bem? Vai deixar todos com dor de cabeça. — *Murphy* afastou-se das velas, deu um salto mortal e, enquanto descia, segurou a longa cauda com as patas da frente. Continuou a tremer e a saltitar nervosamente de um lado para o outro, os seus grandes olhos negros parecendo comicamente esbugalhados e com uma expressão tonta estampada no seu focinho simpático.

— Não sei o que havemos de fazer com ele — disse o John. — A pobre criatura não consegue ficar quieta. Já o viram dormindo alguma vez? É a mesma coisa, não pára. Não sei quanto tempo vou agüentar ficar aqui em baixo com ele. Um dia chega e sobra!

Todos olharam para *Murphy*, que espirrou três vezes no espaço de cinco segundos, sempre tentando não largar a cauda e divertindo-se como um louco. Enquanto Yipes tentava acalmá-lo, John começou a falar novamente.

— Onde é que estávamos? — perguntou. — Ah, sim, este C que tenho na testa. É verdade que, em tempos, fui um dos condenados que estava a serviço do Sr. Warvold. Mas eu e ele tínhamos uma relação especial. Eu era o que poderiam chamar um criminoso menor. Só roubava o essencial para sobrevivermos: um pouco de pão aqui, uma galinha ali, uma cochilada furtiva num celeiro ou estábulo. Warvold viu em mim alguém que podia ser útil, alguém a quem podia confiar uma tarefa importante e secreta. É para ela que devemos agora voltar a nossa atenção.

— Por que fechou a porta secreta por onde entramos? — quis saber. Na verdade, também gostaria de saber *como* ele o tinha feito.

— Vieram cair num lugar perigoso. Nunca se sabe quem ou o que pode estar à espreita nos Montes das Trevas, nem o que poderia ter vindo parar aqui embaixo se eu não tivesse fechado a porta.

— Está bem, mas como é que a fechou daqui? — perguntei. Ainda não tinha certeza de confiar em John Christopher.

— Digamos que há mais do que uma entrada para esta divisão. Soube que tinham chegado logo que abriram a porta para entrar.

Murphy largou a cauda, que voltou a agitar-se para cima e para baixo, lançando sombras por todo o lado.

— *Murphy!* — berrou Yipes. Desta vez o esquilo saltou da mesa e de novo para os meus braços, escondendo a cabeça junto ao meu cotovelo. Um silêncio profundo apoderou-se da divisão e eu observei, incrédula, enquanto John se inclinava e apagava as velas, deixando-nos na mais completa escuridão.

Agora não tinha nenhuma proteção.

CAPÍTULO 5

O LEGADO DE WARVOLD

Uma escuridão fria envolveu o espaço. Estava com medo e inclinei-me para trás em busca de uma parede a que me pudesse encostar, ao mesmo tempo que chamava por Yipes. *Murphy* ficou irrequieto nos meus braços e trepou para o meu ombro, onde se sentou, agitando a cauda contra a minha nuca. Virei a cabeça para olhar para ele, o meu nariz tocando no dele, mas não conseguia ver-lhe o focinho.

— Dê-me sua mão — disse o John. — Vamos lá, estique o braço e dê-me a mão. Não temos muito tempo e certamente não podemos gastá-lo tropeçando por aí às cegas.

Não me sentia muito confortável com a idéia de lhe dar a mão. Mal o conhecia e ele era muito maior que eu. Senti minhas mãos tremerem na escuridão da caverna, e senti-me encurralada, como se não tivesse outra escolha senão fazer o que me mandava.

Mantive uma mão na parede e estiquei a outra no ar. Quando toquei na mão de John, percebi quão pequena era a minha. A textura áspera da sua pele assemelhava-se a uma corda velha e nodosa. Segurei-lhe a mão com força e ele me puxou ao longo da parede da caverna até eu perder a noção de onde estávamos.

— Sente-se, Alexa — disse ele. Apalpei o chão fresco de terra com a mão que tinha livre, e sentei-me lentamente. *Murphy* permaneceu no meu ombro, agarrando-se ao meu cabelo com as patinhas da frente, tremendo de medo. Yipes encontrava-se em algum lugar na divisão, mas estava calado, portanto, não conseguia saber ao certo onde ou o que estava fazendo.

Fiquei sentada na caverna escura durante mais algum tempo, escutando o som de pedra a deslizar contra pedra, que vinha de algum lugar, próximo dali. Em seguida, a caverna encheu-se de um brilho aquoso, muito mais intenso que a luz das velas. Enquanto o ruído de pedra a deslizar continuava, um caleidoscópio de cores avermelhadas flutuou no ar à nossa volta. *Murphy* saltou para minhas costas quando engatinhei até à fonte da luz e espreitei pela borda de uma enorme pedra arredondada. A parte de cima da pedra era plana e o interior tinha sido escavado de maneira a criar uma espécie de bacia, que continha uns trinta

centímetros de água e, no fundo dessa água, estava um pedra incandescente, pulsando com luz vermelha e amarela como brasas numa fogueira.

— É uma Jocasta! — sussurrei.

— É a última Jocasta — disse John, cujo rosto brilhava, enquanto espreitava para o interior da bacia de pedra, com ar de quem tinha encontrado o maior dos tesouros desaparecidos. — Foi colocada aqui a muitos anos por ordem de Warvold — continuou. — A entrada da caverna costumava ser ali, mas era muito visível, portanto ele a tapou.

John apontou para um monte de pedras que estava ali perto, tapando o que em tempos tinha sido uma abertura.

— Estamos bem longe do lugar onde os condenados escavaram os seus túneis, perto de Bridewell. Eles nunca se aventuravam tão longe nos Montes das Trevas. Pelo menos a maioria deles não vinha.

John fez uma pausa, esticou a mão e fez uma festa na cabeça de *Murphy*.

— Warvold encarregou-me de cavar o pequeno túnel que conduz a esta caverna, bem como de bloquear a entrada antiga. Fui eu quem escolheu a pedra macia que protegeria a última das Jocastas, quem cinzelou o seu interior e quem encontrou uma rocha que taparia perfeitamente o recipiente secreto. Como podem imaginar, foi uma tarefa que levou muitos anos a ser cumprida.

Yipes debruçou-se por cima da pedra e olhou para a água, o brilho da Jocasta bruxuleante no seu rosto. Tinha uma expressão de desejo profundo estampada no rosto, como se tivesse encontrado algo que acreditava ter deixado de existir. Parecia que, a qualquer momento, iria agarrar na Jocasta com as suas pequenas mãos.

— Esta pedra lhe foi destinada, Alexa — disse John. Yipes olhou para mim, sorriu e acenou com a cabeça, indicando que concordava. — Não sabemos por que, mas foi o que Warvold me mandou dizer. Esta pedra é especial, mais especial que as outras.

Tudo aquilo tinha sido feito para mim? Todos aqueles planos cuidadosos e todo aquele trabalho para proteger aquela pedra? Era difícil imaginar que sim. Warvold tinha confiado muita coisa a John Christopher e, de repente, senti que eu também podia confiar nele.

— Se não pegar nela logo, a cabeça do *Murphy* explode — disse Yipes. — Deve estar se coçando para falar contigo.

A última Jocasta! Eu e Yipes tínhamos voltado muitas vezes à lagoa luminosa, no topo do Monte Norwood, na esperança de encontrar uma. E esta tinha estado à espera aquele tempo todo, escondida por Warvold na caverna. *Murphy* começou a me arranhar as costas e eu meti a mão na água límpida e fria. Fechei os dedos em torno da pedra, do tamanho de uma ameixa, e tirei-a da

água.

— *Murphy*, o corajoso, às suas ordens! — guinchou o esquilo de cima das minhas costas.

A magia das Jocastas mantinha-se. Seguiram-se alguns minutos de tagarelice entre velhos amigos: basicamente pusemo-nos ao par das vidas de cada um. *Murphy* estava começando o seu jantar, que consistia numa noz, quando John apareceu.

— John já vive no mato desde a época antes das muralhas terem sido erguidas e visitou a lagoa luminosa muito tempo antes de você ter ido lá — contou-me *Murphy*.

John abriu uma bolsa de couro que trazia ao pescoço e tirou dela uma pedra que brilhava com luz azul.

— Não é a última, mas serve — disse ele. Ambos olhamos para Yipes e pensamos como seria bom que ele pudesse voltar atrás no tempo e recuperar a sua Jocasta. Mas ele parecia perfeitamente satisfeito com o fato de sermos nós a lhe servir de tradutores.

— Já fico feliz por poder fazer parte da aventura — disse.

— Não podemos perder tempo a tagarelar na caverna — interrompeu John. — Podem conversar à vontade na superfície.

Sob a luz das Jocastas, percorremos todo o comprimento do túnel, com John à frente.

— Como é que soube que iríamos chegar aqui hoje? — perguntei ao nosso guia.

John riu em voz alta.

— Não imagina quantas vezes quis dizer a Yipes para te entregar a carta. A minha única ocupação tem sido vigiar e esperar que ele a entregasse. O aborrecimento era atroz. Mal ele partiu para ir buscá-la, e seguindo instruções de Warvold, chamei *Murphy* e mais outro amigo, e viemos imediatamente para cá. Desde ontem à noite que estamos à sua espera.

Chegamos ao lugar onde a porta secreta tinha sido fechada. Eu tinha trazido a minha primeira Jocasta, agora sem brilho e sem vida, na sua bolsa, em volta do meu pescoço. John me mandou tirar a pedra velha da bolsa e colocar lá a Jocasta nova. Obedeci à sua ordem e, quando John guardou a sua Jocasta, ficou tudo escuro novamente.

Ouvi um baque por cima da minha cabeça, o som feito por uma pedra batendo contra a parte de baixo da porta de madeira. Um momento depois a porta se abriu e a luz ofuscante tomou conta de tudo. Tive que proteger os olhos antes de olhar para cima, através da abertura. Uma silhueta espiou para baixo, mas não pertencia a uma pessoa.

— Ela cresceu bastante. Já não é a menina que era. — Estas palavras foram rosnadas com suavidade, a voz mística de um lobo, os contornos da sua enorme cabeça olhando para baixo, para mim.

— Lá isso é verdade — respondeu John, puxando uma escada das sombras de um canto e encostando-a à parede do túnel.

— *Darius*, é você? — perguntei enquanto subia para a borda da abertura e *Murphy* saltava do meu ombro.

— Infelizmente, os seus dias de aventura chegaram ao fim, portanto vão ter que se contentar comigo. — Era *Odessa*, a companheira do *Darius*. A sua figura era tão maciça quanto a de *Darius*, com olhos azuis penetrantes e enormes dentes brancos. Era uma criatura poderosa e, apesar de sentir instintivamente que era minha aliada, a sua presença era tão assustadora que tive dificuldade em ficar a seu lado. Pelo visto o mesmo não se passava com *Murphy*, que já tinha saltado para as costas de *Odessa* e estava entretido a saltar para cima e para baixo e a guinchar sem qualquer motivo aparente. (A loba não pareceu se importar.)

Yipes subiu a escada, vindo colocar-se a meu lado, e John fechou ruidosamente a porta, selando a caverna. Enquanto estávamos ali de pé, na ravina, o vento começou a soprar e um falcão desceu do céu, pousando no ombro do Yipes.

— Já estava pensando quando é que iria regressar, sua malandra. Andamos caçando novamente, não é? — ralhou Yipes. — E pare de olhar para *Murphy* dessa maneira. Ele não é nenhuma refeição, é um membro do nosso grupo. — *Murphy* agarrou-se com força ao pêlo de *Odessa* e os seus pequenos olhinhos se arregalaram e escureceram.

O grupo estava agora reunido: Yipes, John Christopher, *Murphy*, *Odessa*, a loba, o falcão (que se chamava *Squire*) e eu. Era uma estranha mistura de animais e pessoas e, nesse momento, ocorreu-me que Warvold vira muito além do que os olhos vêem ao contemplarem uma criatura. Pois quem pensaria em deixar este mundo depois de ter confiado uma missão grandiosa e inacabada a uma mera criança, a um antigo condenado, a um homem adulto do tamanho de um menino de cinco anos e a um estranho grupo de animais?

John tinha preparado tudo muito bem. Havia três mochilas de couro, uma grande e duas pequenas, bem como uma provisão de água, em quatro odres de tamanho considerável. Os odres estavam atados uns aos outros, dois de cada lado, e toda a provisão de água foi colocada nas costas da *Odessa* e amarrada em volta da sua barriga e pescoço. Cada um continha quatro litros e meio ou mais de água, mas pendurados nos enormes flancos da loba, não pareciam pesar muito. Ela não teria qualquer dificuldade em desempenhar a sua tarefa.

Achei a minha mochila bastante pesada e quente contra as minhas costas

suadas.

Murphy adicionou-lhe quase um quilo ao fazer a sua casa atrás da minha cabeça, no lugar onde ficam as tiras que se puxam para fechar a mochila. *Squire* tinha levantado vôo novamente, voando à nossa frente, no meio das nuvens, e os meus dois companheiros humanos pareciam estar prontos para partir.

— Só mais uma coisa, Alexa — disse Yipes, tirando uma pequena lupa de um bolso interior do seu colete. — Sabe que as pedras têm uma mensagem gravada para as pessoas que elas escolhem. Vamos lê-la?

Eu tinha uma sensação estranha e incerta em relação à pedra que agora estava em meu poder e, por motivos que não consigo explicar, não queria saber o que ela dizia.

— Acho que prefiro esperar, se não se importa — respondi. Admirado, Yipes pensou um pouco na minha resposta, encolheu os ombros e começou a recolher o que restava das suas coisas. Quando estava pronto, passou os dedos pelo bigode e olhou em volta para todos nós.

— E agora? — perguntou, e todos olharam para John, na esperança de que ele soubesse o que era suposto fazermos a seguir.

CAPÍTULO 6

O BANDO NEGRO

Não era uma sensação nada confortável estarmos nos Montes das Trevas, banhados pelo sol abrasador e um medo crescente de que alguém pudesse vir à nossa procura.

— Yipes, acha que aquele guarda viria até tão longe à nossa procura? — perguntei.

Ele pensou durante uns momentos e respondeu:

— Não me parece. Provavelmente estão procurando nos túneis. Não pensarão que nos afastamos tanto nos Montes das Trevas.

Estávamos todos ali, de pé, interrogando-nos sobre o que deveríamos fazer a seguir, agora que eu tinha completado a tarefa que Warvold tinha me atribuído na carta.

— Não entendo — disse eu. — Por que Warvold me enviaria aqui para recolher a última pedra sem deixar mais instruções? Achar que ele queria simplesmente que eu ficasse com a pedra?

John e *Murphy* trocaram olhares rápidos e depois John ajoelhou-se e inspecionou a sua mochila para se certificar de que estava tudo bem acondicionado.

— Eu sei algumas coisas, coisas que Warvold partilhou comigo ao longo dos anos, pistas sobre o porquê de estarmos aqui e onde devemos ir.

Olhou para nós, limpou a testa com as costas da mão e depois falou.

— Em algum lugar além dos Montes das Trevas fica o Vale dos Espinhos. No fundo do vale há um lago de profundidade e escuridão pouco comuns e, na margem mais distante, fica a Torre das Trevas.

Isto parecia o início de uma das histórias assustadoras de Warvold. John respirou fundo e continuou.

— Embora nunca ninguém de Bridewell viajasse até lá, Warvold foi, mais de uma vez, à Torre das Trevas e à pequena e pobre povoação que ela governa. Falou-me, em sussurros, sobre estes lugares e a sua história. Posso contar-lhes mais coisas enquanto avançamos, mas não podemos ficar aqui mais tempo. Há perigos invisíveis neste lugar.

Pondo-se mais uma vez de pé, colocou a mochila no ombro e apontou

para o interior dos Montes das Trevas.

— O que posso lhes dizer já é que temos que viajar para além do Vale dos Espinhos, até os lugares onde Warvold se aventurou. Só aí encontraremos as respostas que procuramos.

Pela primeira vez comecei a pensar no que tinha me metido. Isto parecia muito perigoso para uma garota de treze anos, principalmente sem a autorização dos pais.

— Tem certeza disso? — perguntei. — Nem imagino o que o meu pai diria se descobrisse que eu tinha me afastado tanto de casa. Ficaria furioso! — Mas, mal acabei de proferir aquelas palavras, lembrei-me da carta de Warvold. *Esta é uma viagem secreta na qual ele não pode participar. Ele está a par de certos fatos, de certas situações, e pode ter certeza de que compreenderá por que tem que ir aos Montes das Trevas.*

— A decisão é sua, Alexa — disse John. — Seja como for, temos de nos pôr a andar. Não podemos ficar aqui mais tempo.

Instintivamente, levei a mão à bolsa de couro que tinha ao pescoço e senti a Jocasta que estava escondida no seu interior. *A última Jocasta.* Estava em meu poder e, por algum motivo, Warvold queria que a levasse a um lugar. Se regressasse a Bridewell, essa coisa ficaria por fazer, com que terríveis conseqüências eu não podia sequer imaginar.

— Mostre-nos o caminho — pedi a John.

Não tardou que todos compreendêssemos por que razão os Montes das Trevas eram um lugar ao qual, uma vez visitado, ninguém regressava com boas memórias. Apenas uma hora após o início da nossa caminhada, fomos forçados a parar, pois o sol esmagava-nos com o seu calor incapacitante. Senti uma enorme pena de *Odessa* e *Murphy*, que tinha abandonado a minha mochila e seguia agora a pé; cobertos de pêlo grosso, certamente deviam estar exaustos. Mas nem um nem outro se queixava e, embora a conversa fosse escassa, seguiam caminho com boa disposição.

O verdadeiro problema dos Montes das Trevas era a falta de abrigo. Quanto mais caminhávamos, mais deserto se tornava o terreno. Com exceção de um ocasional pedregulho que lançava uma ponta de sombra, o caminho era uma reta de terra seca e emaranhados de vegetação rasteira que cortavam e se agarravam às nossas pernas como garras afiadas. No meio de toda esta aridez desabitada encontramos uma rocha bastante grande, ao lado da qual nos sentamos, do lado oposto do sol. O solo, bem como a rocha, tinham estado o dia todo a aquecer e isso, juntamente com a pouca sombra que a pedra fornecia, deu ao nosso momento de descanso uma sensação de inutilidade. Bebemos um gole de água e comemos um pouco de frutos secos, que nos deram um prazer imenso,

bem como algum alívio. Mas a realidade da situação estava a infiltrar-se nas nossas mentes: a nossa aventura seria um trabalho duro e perigoso, que nos levaria para além dos nossos limites.

— Que tal está se saindo, Alexa? — perguntou *Odessa*. — O terreno é difícil para quem caminha sobre quatro patas... nem consigo imaginar como deve ser difícil para quem caminha com duas.

Lembrei-me da caminhada que fiz ao escalar o Monte Norwood quando conheci Yipes e de como essa viagem terminou junto da lagoa luminosa, com os meus pés cheios de bolhas e a doerem.

— Acho que consigo — respondi. — Só gostaria que não estivesse tão quente.

— Estamos nos aproximando do pôr do Sol — anunciou Yipes. — Vai esfriar logo.

John olhou para todos nós, cansado de um dia de caminhada.

— Algum de vocês já ouviu falar de uma coisa chamada o bando negro? — perguntou.

Olhamos uns para os outros, perguntando a nós mesmos do que ele estaria falando. Era óbvio que nunca tínhamos ouvido falar em tal coisa.

— Ainda temos algum caminho pela frente antes de chegarmos a um abrigo — continuou ele. — Já fui para além deste lugar e sei que há um lugar que temos que encontrar.

John interrompeu-se e bebeu um pouco de água de um dos nossos odres.

— Há muito tempo que não vou lá, mas acho que conseguiremos chegar antes do anoitecer. É bom que cheguemos... o bando sai à noite.

— John... — começou o Yipes, um medo nervoso a crescer-lhe na voz. — ...o que é o bando negro?

John deu mais um gole antes de responder.

— Morcegos — disse. — Mas não dos que comem insetos. Estes morcegos juntam-se numa nuvem gigante e rodopiante e procuram presas para devorar. Só os vi uma vez, ao longe, mas Warvold conhecia-os bem. Se nos encontrarem, a nossa viagem terá um fim rápido.

Não precisamos de mais nenhuma palavra de encorajamento para nos colocarmos todos de pé, prontos a alcançar o abrigo antes da noite cair.

Às duas horas seguintes foram uma dura luta contra os elementos. Apesar do meu corpo estar alagado em suor e de as costas me doerem, foram os meus tornozelos que começaram realmente a incomodar. Tinha roçado contra inúmeros arbustos e cardos. As pernas ardiam e comichavam dos joelhos até os pés, e dentro das sandálias havia terra e pequenas pedras que arranhavam e picavam à medida que eu caminhava.

A noite caía quando chegamos a uma grande árvore morta, partida no meio e chamuscada por um incêndio antigo, com a parte de cima tombada contra um agrupamento de pedras vermelhas e grandes.

Murphy saltitou até ao alto da árvore partida, observando o horizonte em busca de *Squire*, que já não víamos há mais de uma hora. Ela era o elemento arisco do grupo, em parte devido às suas tendências naturais de falcão, mas talvez ainda mais porque nenhum de nós conseguia falar com ela. Por algum motivo, as Jocastas não funcionavam com os pássaros.

— É aqui — disse John. Tinha contornado a árvore e estava agachado na terra. Eu fiz a curva e abaixei-me a seu lado. Ali, no solo, havia uma pedra grande e a mão de John movia-se sobre a sua superfície lisa. A medida que a noite caía eu ia tendo mais dificuldade em ver.

Ao longe ouvi *Squire* guinchar do ar e virei-me para procurá-la, mas não a vi no céu escuro.

— *Squire* voltou a juntar-se a nós — anunciou *Murphy*, saltando da árvore para as costas de *Odessa*, tremendo de medo.

— Aquilo não é *Squire* — disse Yipes. — Aquilo é outra coisa.

John pôs-se de pé, examinou o horizonte e depois proferiu uma única palavra que me enviou um calafrio gelado pela espinha abaixo.

— Morcegos!

CAPÍTULO 7

PISTAS NA ESCURIDÃO

— Todos contra a pedra! — gritou John, aplicando todo o seu peso contra a grande pedra em que estivera tocando. A pedra levantou-se uns milímetros do chão e depois voltou a cair com um baque.

Yipes foi o primeiro a juntar-se a ele, depois *Odessa* colocou a cabeça contra a pedra, empurrando com as patas. Um minuto depois, os três tinham feito rolar a enorme pedra, colocando-a de lado e revelando a entrada para um espaço subterrâneo. Do lugar onde eu estava, parecia-me terrivelmente escuro e pequeno.

Os morcegos guincharam mais uma vez e eu me virei na direção do som. Mas, na escuridão da noite, não consegui distinguir as formas que voavam no ar. Estavam mais próximos... suficientemente perto para nos verem se não nos escondêssemos rapidamente.

— Lá para dentro! — ordenou John, olhando para mim.

— Quando foi a última vez que entrou aí? — perguntei. — Se calhar alguma coisa rastejou lá para dentro e está à espera que o primeiro de nós entre. — Lembrei-me da primeira vez que entrei nos túneis em Bridewell, de como tive a sensação de estar entrando na boca de um gigante.

Murphy passou por mim correndo, entrando no espaço, e depois chiou lá de dentro.

— Não há problema — disse. — É só um espaço vazio, não tem nada que se veja.

Os guinchos dos morcegos estavam muito próximos e tive a certeza de que qualquer coisa seria melhor do que ser comida por eles. Desci e os outros me seguiram.

Descobri que não conseguia ficar de pé, portanto agachei-me contra uma parede, e *Murphy* pulou para o meu colo. Por baixo da pequena entrada havia outra pedra, de forma mais arredondada que a anterior. John colocou imediatamente o ombro contra ela e começou a empurrá-la para frente da abertura. Assim que a pedra tapou a entrada, ouvi o bater de asas coriáceas e o som ensurdecedor de morcegos voando em bando por cima de nós. Parecia que alguns deles batiam com as asas contra a parte de fora do pedregulho,

redemoinhando no espaço, bem por cima de nós. Depois desapareceram, a chiadeira agora apenas um sussurro estridente. Nisto percebi como estava escuro.

Todos se mantiveram em silêncio, ainda com receio de que um morcego solitário tivesse ficado atrás da pedra, à espera de nos ouvir, para poder voar atrás do bando e trazê-lo de volta. Mas não se ouvia nada a não ser o som da nossa respiração e o agitar da cauda de *Murphy* enquanto tentava ficar quieto.

Ouvi John procurando algo e depois a divisão iluminou-se com uma suave luz azul, irradiada pela Jocasta que ele segurava na mão. Ele segurou a luz à sua frente e eu pude, pela primeira vez, ver o lugar onde estávamos.

Era uma divisão pequena, coberta e de teto baixo, sem móveis de qualquer espécie. Contudo, reparei imediatamente em duas coisas estranhas: um copo de madeira, lascado e arranhado, descansando em cima de um cobertor cuidadosamente dobrado. Estes objetos estavam sozinhos no centro da divisão.

— Agora já podemos falar. Eles já passaram — disse John. Consegui ver Yipes enquanto engatinhava até ao copo e ao cobertor e me sentava ao lado deles. Yipes, *Odessa* e *Murphy* eram os únicos que podiam endireitar-se, a *Odessa* quase tocando no teto.

— Este lugar é dos meus — brincou Yipes. — É acolhedor e o teto tem a altura certa.

Sorrindo, olhou em volta com ar feliz, a luz azul aquosa dançando-lhe nos olhos.

— Vamos ter que passar a noite aqui — disse John. — Posso empurrar a pedra um pouco para deixar entrar ar fresco mas só depois de guardarmos a Jocasta.

Yipes tirou os odres das costas de *Odessa* e John pôs à nossa disposição nozes, fruta e carne seca. Peguei no velho copo que estava em cima do cobertor e virei-o na mão, perguntando a mim mesma quem o teria deixado ali.

— Warvold viajou até aqui — disse John. — Aposto que mais de uma vez. Ele me contou sobre este lugar a muito tempo. Estou um pouco surpreendido por ter conseguido nos conduzir até aqui sem problema.

Em algum lugar no passado distante, Warvold tinha bebido daquele copo. Tinha estado ali, sentado exatamente naquele lugar, escondendo-se do bando negro, tal como nós.

Peguei na ponta do cobertor dobrado e comecei a limpar o pó do interior do copo.

— O que é isto? — perguntou *Murphy*. Ele tinha estado a correr de um lado para o outro, subindo e descendo as paredes, farejando tudo o que via. Tinha chegado junto do cobertor e enfiado o nariz debaixo da ponta que eu tinha

levantado para limpar o copo. Quando saiu lá de baixo, trazia umas folhas de papel entre os dentes. Arranquei-as de sua boca e pousei o copo.

Era uma descoberta maravilhosa e todos se aproximaram para ver as folhas, excitados com o que poderiam conter. Folheeí as páginas na mão e apercebi-me do tesouro que *Murphy* tinha encontrado.

— É a letra de Warvold! — exclamei. *Murphy* não conseguia se conter, dando saltos mortais e arranhando o chão com as patas. Havia cinco folhas cobertas de palavras de ambos os lados, todas na caligrafia familiar de Warvold.

John aproximou a sua Jocasta e todos nos chegamos mais uns aos outros. *Odessa* deitou-se a meu lado, roendo um naco de carne seca, e *Murphy* empoleirou-se em cima de suas costas.

Enchi o copo de madeira de água e dei um grande gole. Depois pigarreei para limpar a garganta e li em voz alta o que as folhas diziam para que todos ouvissem.

CAPÍTULO 8

CASTALIA

«Há apenas uma outra pessoa, viva ou morta, a quem contei sobre este lugar secreto. Construí este abrigo a muitos anos e tenho me abrigado aqui muitas vezes durante as minhas viagens pelas regiões longínquas da Terra de Elyon. Receio que esta seja a última vez que vejo estas paredes e há coisas que tenho que deixar escritas, no caso de encontrar inesperadamente a morte.

John Christopher, espero que tenha conseguido encontrar esta carta. Mais importante ainda, espero que tenha Alexa contigo e que ela traga a última pedra.

Tenham paciência enquanto lhes conto um pouco da história dos lugares que ficam para além do Vale dos Espinhos.»

Olhei para os rostos com reflexos azuis que me rodeavam. Todos tinham parado de comer, até Odessa.

— Isto promete ser interessante — disse Yipes. Depois atirou uma noz para dentro da boca e inclinou-se para frente como uma criança que vai ouvir uma história maravilhosa. Bebi outra vez do copo de madeira e retomei a leitura.

«A uns trezentos anos surgiu um pequeno reino nas margens de um grande lago. As pessoas chamavam o lago de Castalia e, pouco depois, o próprio reino tomou esse nome.

Os castalianos prosperaram durante cem anos. A água do lago regava as suas colheitas e o seu número aumentou até muitos milhares de pessoas viverem ao longo da margem. Mas depois a má sorte caiu sobre os castalianos.

Foram visitados por um homem chamado Victor Grindall. Embora ele próprio fosse de altura mediana e de aparência modesta, trazia com ele um bando de cem homens de enorme estatura, mais do dobro da altura de qualquer pessoa em Castalia.

Os castalianos eram um povo tímido que nunca tinha sido incomodado por ninguém e sabiam pouco de armas ou de guerra. Os homens de Grindall, embora de aparência agradável, eram assustadores devido ao seu tamanho. Grindall deu aos castalianos uma escolha: ou faziam dele o seu governante, ou os seus gigantes invadiriam a cidade e a tomariam à força.

Passados muitos anos, os descendentes de Grindall e os gigantes

permanecem lá e, neste exato momento, Castalia está nas mãos de um homem malévolo e das forças do Mal que o guiam.»

Levantei os olhos, confusa com a estranha história que Warvold tinha começado.

— Warvold contava histórias fantásticas — disse eu, tentando melhorar a minha própria disposição. — Isto parece mesmo algo que ele escreveria.

Mas, enquanto falava, fiquei, por algum motivo, com a sensação de que esta história não era como as outras.

— Quer que eu acabe de ler? — ofereceu-se Yipes. — Quer seja verdade ou não, quero saber o que acontece! — Esticou a mão e eu lhe entreguei as folhas. Depois segurei o copo de madeira com ambas as mãos, passando o polegar pela sua borda lascada, esperando conseguir sentir a presença de Warvold na divisão.

«Não a muito tempo, duas irmãs viviam em Castalia. A mais velha chamava-se Catherine e a sua irmã mais nova, Laura. As duas irmãs viviam em segredo no meio dos pobres de Castalia, durante o nono reinado de Grindall. Poucas pessoas sabem como elas passaram a viver escondidas e o que descobriram na calada da noite, mas eu lhes contarei um pouco da história.

As garotas eram órfãs. Catherine tinha treze anos e Laura onze, e viram-se obrigadas a tomar conta uma da outra, a procurar comida e abrigo no meio da pobreza da praça da povoação. Há muito que Castalia se tinha transformado numa aldeia de camponeses. A Torre das Trevas erguia-se lá no alto... um pináculo negro e perigoso no qual geração após geração de descendentes de Grindall tinham forjado as suas mais cruéis intenções.

Apesar dos portões serem guardados por gigantes, as garotas estavam determinadas a fugir de Castalia e a encontrar uma nova casa. Catherine era uma garota astuta, sempre observadora, e descobriu uma forma de saírem da povoação.

As duas irmãs esconderam-se no fundo de uma carroça de lixo e nela saíram pelo portão e para fora da cidade, até à lixeira.

Aí, deram por si num espaço cheio de árvores e matagal, e a maior parte das estruturas que as rodeavam tinham as paredes destruídas e estavam agora cheias de lixo. Um cheiro horrível pairava no ar. Tinham sido despejadas numa área outrora habitada pelos castalianos mas onde era agora largado todo o lixo. A muito que aquele lugar era conhecido por Cidade dos Cães, pois grandes matilhas de cães selvagens erravam por ali, vivendo do que encontravam no lamaçal no qual as garotas se encontravam agora.

Encontraram uma velha torre de relógio, coberta de trepadeiras, uma relíquia de pedra, na esquina de uma rua esquecida, perto dos limites da lixeira,

que a muito tinha ficado em ruínas. A torre do relógio iria transformar-se no seu lar.

Nessa primeira noite, permaneceram no térreo, pois tiveram muito medo de subir a escada presa à parede e empurrar a porta que havia no teto. Mas, na manhã seguinte, com fome e aborrecidas, as irmãs subiram os sete degraus e empurraram a porta de madeira que conduzia à torre do relógio. A porta estava bloqueada e não abria. Embora não estivesse lá e tenha ouvido a história em segunda mão, contaram-me que, nesse exato momento, uma matilha de cães selvagens começou a farejar o edifício, rosnando ameaçadoramente perante o cheiro de novos habitantes.»

— Vai mais devagar, Yipes — disse John. — Quase não consigo compreender o que está dizendo.

Yipes estava sem fôlego, lendo a uma velocidade frenética, dominado pela expectativa, à medida que a história ficava mais perigosa. Parou de ler e estendeu-me as folhas.

— É melhor você acabar, Alexa — disse. — Não consigo evitar correr até o fim. Mas não leia *muito* devagar, está bem?

Disse que sim com a cabeça e peguei nas folhas, passando rapidamente os olhos por elas até encontrar o lugar onde Yipes tinha sido interrompido. Tinha receio de aonde a história pudesse conduzir, mas estava também terrivelmente curiosa sobre inúmeras coisas. O que iria acontecer à Catherine e à Laura? Por que é que Warvold tinha deixado uma mensagem sobre elas? Quem eram elas? E aqueles gigantes e Victor Grindall? Existiam mesmo ou tinham sido inventados?

Tentei dominar o tremor das minhas mãos, respirei fundo e continuei a ler.

«As garotas olharam para baixo, da escada onde estavam empoleiradas, e perceberam que não haviam repostado a pedra que tinham afastado para entrar. Uma matilha de cães selvagens estava entrando, espumando e rosnando à medida que se aproximavam da escada. Nisto, uma coisa muito curiosa aconteceu.

A porta no alto da escada se abriu.

Não vendo nenhuma alternativa, Catherine e Laura entraram e encostaram-se à parede. Apenas uma luz fraca iluminava o espaço mas era óbvio que alguma coisa estava escondida lá. Um fósforo foi riscado e uma vela grossa acendeu-se a um canto. Uma criatura estava encolhida contra a parede, com os braços em volta dos joelhos flexionados.

Era um gigante.»

CAPÍTULO 9

A HISTÓRIA DO GIGANTE

Tínhamos lido metade do que Warvold escrevera e o ambiente estava ficando pesado por falta de ar fresco. Porém, isso não interessava. Estávamos todos absorvidos pela história.

— Espere só um bocadinho enquanto deixo entrar um pouco de ar — pediu John.

Como não conseguia andar direito, engatinhou até a pedra e guardou a Jocasta na sua bolsa de couro.

De repente, a divisão ficou às escuras. Estava tão escuro que eu não conseguia ver as folhas que tinha na mão, enquanto ouvia a pedra deslizar contra a abertura. Um ar morno entrou lentamente na divisão fazendo rodopiar pequenas partículas de pó numa suave brisa noturna. Ficamos sentados, em silêncio na escuridão, à espera que a luz da Jocasta regressasse.

John Christopher estava tão curioso quanto nós por acabar a história que Warvold nos tinha deixado e não tivemos de esperar muito para ouvir a pedra rolar de volta para o seu lugar e vermos a divisão novamente iluminada pela luz azul.

— Só faltam algumas páginas — disse eu, remexendo-as na mão. — Posso continuar? — Todos abanaram afirmativamente a cabeça, ansiosos, e a minha voz encheu a divisão com o resto da história do Warvold.

«E eis que nos deparamos com uma criatura que tinha conhecimento de coisas que nenhum camponês de Castalia ou governante de Bridewell podia ter. Nessa primeira noite, Catherine, Laura e o gigante conheceram-se e, nos dias que se seguiram, o gigante lhes contou uma série de segredos sobre si mesmo, sobre a sua raça e sobre a história dos Grindall. O que vou lhes contar a seguir irá puxá-los para um conflito do qual não podem fugir. O inimigo, que espreita aqui bem perto, no Vale dos Espinhos, se tornará claro como a água nesta mesma noite.

Quando Elyon criou o mundo e a raça humana, criou também outra coisa... cem seres poderosos a que chamou Serafins. Estes seres foram criados para proteger a Terra de Elyon a partir do interior do reino da Décima Cidade, um lugar secreto onde Elyon vivia e de onde se podia ver tudo. Embora os

Serafins tivessem sido criados para supervisionar a raça humana, estavam proibidos de sair da Décima Cidade.

Um dos Serafins chamava-se Abaddon e era mais poderoso que todos os outros. Abaddon vivia dominado pela inveja e queria governar a Terra de Elyon. Em segredo, convenceu os Serafins de que tinham que entrar no mundo dos homens e das mulheres para protegê-los. Quando os Serafins chegaram à Terra de Elyon adotaram a forma de gigantes, maiores que homens normais, mais fortes que eles e ainda com uma réstia de poder.

Quando Elyon descobriu o que os Serafins tinham feito, ficou furioso e os banuiu da Décima Cidade para sempre. Abaddon, cujo poder se tornava incontrolável, foi mais difícil de dominar que os restantes noventa e nove. Isto resultou numa grande batalha entre Elyon e Abaddon e, no final, Abaddon foi acorrentado num enorme fosso, na orla da Décima Cidade.

Elyon utiliza muita da sua própria força para manter Abaddon no fosso. No entanto, apesar de Abaddon não poder sair do fosso, consegue impor a sua vontade de várias formas. É capaz de corromper homens à distância, encorajando a sua maldade para servir os seus fins. E depois há os morcegos, criaturas inocentes que, presentes no fosso quando Abaddon chegou lá, estão agora envenenados pela sua vontade, voando em bando sobre a Terra de Elyon.

Abaddon quer destruir a Terra de Elyon bem como a Décima Cidade para poder governar tudo e banir Elyon.

Para consegui-lo, tem que se apoderar dos seres maléficos e dos fracos, servindo-se deles para atingir os seus objetivos. Victor Grindall é o homem mais poderoso que caiu sob o feitiço de Abaddon, o qual é capaz de dobrar a vontade de Grindall, levando-o a obedecê-lo.

Neste caso, está utilizando Grindall para procurar as pedras.

De onde vêm as pedras?, perguntam vocês. Em tempos existiu na Terra de Elyon um lugar que já não existe. Um lugar que só Elyon e os Serafins conheciam. Era um local mágico, onde o universo começou e se ouviram as primeiras vozes. Há muito tempo havia apenas uma língua, partilhada por animais e humanos, e até a voz de Elyon era ouvida e entendida por alguns. Incapazes de regressar à Décima Cidade, foi neste local que os Serafins se instalaram primeiro, longe das pessoas.

Este devia ser um lugar secreto, mas Abaddon usou Grindall para chegar lá, dizendo coisas que os Serafins pareciam entender. Alguma coisa em Grindall os fez segui-lo. Mal sabiam eles que era a voz de Abaddon, chamando-os do fosso para cumprirem as suas ordens.

Através de Grindall, Abaddon ordenou aos gigantes que recolhessem as pedras que estavam num lago nesse lugar secreto, pedras essas que continham o

poder de ouvir a língua original de Elyon. E assim, os Serafins partiram, seguindo a única voz que parecia vinda do seu lar... e Victor Grindall conduziu-os até Castalia.

Mas Abaddon foi enganado, pois Elyon encantara algumas das pedras, para que pudessem ir parar nas mãos apenas de quem ele escolhesse.»

— Só há mais uma folha — disse eu. Todos os que estavam na divisão pareciam tão confusos e espantados quanto eu me sentia.

— Leia o que falta, Alexa — pediu John. — Tenho a sensação de que ainda não ouvimos a parte mais importante.

Por algum motivo, eu tinha a mesma sensação, como se algo terrível estivesse prestes a acontecer. Aproximei mais a última folha da luz da Jocasta e recomecei a ler.

«Duzentos anos depois da morte do primeiro Grindall, Armon, o gigante, foi nomeado guardião das pedras. A linha dos Grindalls ia no seu nono reinado, e as pedras que restavam eram guardadas num pequeno tanque, na parte mais recôndita da Torre das Trevas, na zona mais escura da masmorra, onde Armon as vigiava.

Dia após dia, Armon vigiava as pedras, mergulhadas no seu tanque de água, até que, um dia, uma delas começou a irradiar um brilho tênue. Dominado pela curiosidade, Armon pegou nela e, por breves instantes, ouviu o som esquecido da voz de Elyon, distante mas nítido, vindo da Décima Cidade. A partir desse momento, Armon viu-se obrigado a proteger as pedras restantes, a retirá-las do seu esconderijo e abandonar Castalia. Fugiu para a Cidade dos Cães, escondeu-se na torre do relógio e foi descoberto por Catherine e Laura.

Quando Armon tocou na pedra, Abaddon percebeu finalmente o que Elyon tinha feito. Percebeu que as pedras restantes tinham poder para destruí-lo se fossem levadas àqueles que Elyon tinha escolhido. Conseqüentemente, Abaddon infectou o Grindall que estava no poder com toda a sua força, dando-lhe uma sede insaciável das pedras.

Estamos agora em pleno décimo reinado de Grindall e, se as coisas tiverem corrido como eu espero, Alexa tem em seu poder a última dessas pedras. Elyon escolheu-a desde o início e deixou o destino do mundo nas suas mãos.

Cabe agora a Alexa derrotar Abaddon.»

CAPÍTULO 10

A TRAVESSIA DOS MONTES DAS TREVAS

Como podem imaginar, eu estava boquiaberta. Fiquei sentada, em silêncio, pensando no que tudo aquilo queria dizer. Se aquela história era verdadeira, eu tinha nas mãos a última Jocasta e aquele bando de desajustados de que me tinha rodeado era tudo o que tinha para me auxiliar. De repente, percebi que era o mesmo tipo de grupo que tinha conseguido derrubar as muralhas que envolviam o meu reino e salvar Bridewell de uma conspiração malévola. John Christopher, Yipes, *Murphy*, *Odessa* e *Squire*... qualquer que fosse a confusão em que eu tivesse me metido, teria que acreditar que aqueles companheiros me protegeriam e me ajudariam a chegar ao fim. Enquanto olhava em volta, para os rostos que tinha diante de mim, senti-me reconfortada e até entusiasmada... iria percorrer os caminhos que o velho Warvold tinha pisado, entrando em lugares que só podia imaginar. Sorri.

— BUU! — gritei.

Yipes pôs-se de pé com tanta rapidez que bateu com a cabeça no teto, enquanto *Murphy* rodopiou e caiu aos trambolhões das costas de *Odessa*, aterrando em pé e correndo depois para um canto da divisão. John e *Odessa* apenas se sobressaltaram, permanecendo onde estavam.

— Por que tem que fazer essas coisas? — suplicou Yipes. — Quase matou o desgraçado do *Murphy* de susto.

Contorci-me às gargalhada. Depois John juntou-se a mim e, em breve, estávamos todos rindo, a nossa energia nervosa libertando-se no pequeno espaço. Quando todos se acalmaram e se calaram, mostrei-lhes a parte de trás da última folha das notas de Warvold.

— Aqui há outro mapa — disse. — Ao que parece, vai ser o nosso guia durante os próximos dias.

Era um desenho tosco de marcadores e linhas com o título: *Travessia dos Montes das Trevas até o Vale dos Espinhos — trajeto livre de MORCEGOS*.

— Isso é encorajador — disse *Murphy* do seu novo poleiro, em cima do meu ombro. Os esquilos têm unhas surpreendentemente afiadas e ele estava a cravá-las mais do que de costume.

— Está se segurando com muita força, *Murphy* — disse eu. — Não está

com medo, não é?

Ele segurou-se com menos força e enfiou o nariz úmido no meu ouvido, algo que costumava fazer quando ficava farto das minhas provocações.

— É melhor descansarmos um pouco — disse John. — Pelo aspecto desse mapa, temos pela frente pelo menos três dias de viagem por terrenos difíceis. Devíamos dormir um pouco enquanto temos a segurança deste espaço.

Todos pareciam concordar. A Jocasta foi guardada e a pedra afastada apenas o suficiente para deixar entrar outra vez um fio de ar fresco. Pouco depois, eu era a única ainda acordada. A escuridão profunda assustava-me. Para me reconfortar, pensei na escritaninha que tinha em casa, em Lathbury... no seu tampo cor de casca de noz, na madeira envelhecida, simultaneamente macia e dura, no cheiro de livros velhos que me rodeava. Virei-me de lado e, com um braço, abracei *Murphy* contra o peito, sentindo-me reconfortada com a sua respiração leve e pêlo quentinho. Pouco depois, eu também dormia.

A madrugada provou ser mais fria do que esperávamos e todos nós acordamos cedo na manhã seguinte. Arrumamos rapidamente os nossos poucos haveres e iniciamos a caminhada para o norte, a presença do sol apenas visível pela delicada tonalidade de laranja que coloria a linha do horizonte. Senti imediatamente o ardor dos primeiros arranhões feitos pelo matagal seco ao longo das minhas pernas e o solo poeirento debaixo dos pés. *Murphy* estava sentado em cima da minha mochila mordiscando umas nozes, enquanto eu comia uma porção de maçãs e figos secos.

Nos três dias que se seguiram, orientamo-nos pelo mapa, sempre receosos de encontrar intrusos na nossa caminhada infundável para o coração das terras estéreis. Não sabia ao certo, mas calculei que, no final do quarto dia, devêssemos estar a uns cento e sessenta quilômetros de Bridewell, quilômetros esses que teria sido impossível percorrer a cavalo devido às inúmeras fendas e subidas. À medida que o sol se punha, olhei para trás na direção de onde tínhamos vindo e percebi, com algum espanto, como estava longe de casa.

— Devemos avançar o máximo que conseguirmos até o anoitecer — disse Yipes. — Estamos chegando ao fim do mapa, mas também estamos ficando com pouca comida e água.

Já tinha me esquecido de como Yipes era determinado quando metia uma coisa na cabeça. Pelo aspecto do mapa, deveríamos chegar à entrada do Vale dos Espinhos no dia seguinte. Estávamos todos com muita curiosidade em saber o que era o Vale dos Espinhos, mas o simples nome deixava-me preocupada.

— As coisas tornam-se mais fáceis para mim a cada dia que passa — confessou *Odessa*. — Menos água significa menos peso para carregar... isso e *Murphy*, de vez em quando, mas ele é leve como uma pena.

A luz do final do dia desapareceu rapidamente à medida que o calor deixou de envolver a terra. *Squire* juntou-se a nós, pousando na mochila de John e olhando em volta, nervosa, em busca de ratos silvestres que pudesse ter a sorte de encontrar. John tirou um pedaço de carne seca de um bolso pequeno que tinha, de lado, na sua túnica e segurou-o por cima do ombro. Ela arrancou-o imediatamente da mão e, com o bico e as garras, desfez em pedacinhos. Pouco depois desapareceu novamente. Eu e *Murphy* entramos num jogo, tentando seguir a trajetória de *Squire*, até ela voar para o horizonte e a perdermos de vista.

Pouco depois começamos a conversar sobre as vantagens de ter um corpo coberto de pêlo. A discussão ficou bastante animada, com os dois animais a enumerarem uma lista extensa de motivos pelos quais ter pêlo era uma característica a ser invejada e insistindo que uma criatura desprovida de pêlo e a caminhar ereta, sobre duas pernas, era algo repugnante, uma imagem a que, em grande parte, tinham sido poupados graças ao uso de roupas. No final, Yipes, John e eu vencemos a contenda, mas apenas porque o calor intenso realçava o problema inerente de se ter um casaco que nunca se podia tirar.

Quando olhei novamente para cima, o sol era uma mera lasca distante, e encontramos uma clareira, rodeada por matagal, para nos abrigarmos durante a noite. Estávamos agora a escassas horas de distância do Vale dos Espinhos, e sentíamos-nos todos preocupados com o que iríamos encontrar lá.

— Quanto mais depressa chegarmos ao Vale dos Espinhos, mais depressa descobriremos o que tudo isto significa — disse John. — O melhor que temos a fazer agora é descansarmos e levantar cedo. Amanhã à tarde estaremos lá.

— Que terá sido feito das garotas? — perguntei, já deitada, com a cabeça apoiada na mochila.

«Catherine e Laura», murmurei, quase dormindo, exausta do longo dia. «Para onde terão ido? Será que algum dia saberemos?» Tentei ficar acordada para pensar mais sobre o mistério mas, passado um minuto, caí num sono profundo.

Algum tempo depois, no meio da noite, fui acordada por *Odessa*. Ela estivera várias horas de guarda ao acampamento e agora era a minha vez de fazer o mesmo. A noite tinha esfriado e estremeci quando me sentei, colocando os braços em volta dos joelhos.

— Está tudo calmo? — sussurrei.

— *Squire* voltou há uma hora e assustou-me, mas está descansando junto de Yipes agora — respondeu a loba. — Tirando isso, está tudo calmo... com exceção de John. Ele está mais inquieto do que nunca, acordando várias vezes e olhando em volta para ver se eu ainda estou no meu posto.

Levantei-me e caminhei até o limite do nosso acampamento, olhando

para o que restava dos Montes das Trevas, tão áridos e desertos. Mesmo durante a noite, via claramente a sua horrível aridez. Olhei para trás e vi que *Odessa* tinha se enroscado ao lado de John, e estavam cochichando. Depois vi *Murphy* se esgueirar lentamente para o outro lado do acampamento, e enrolar-se numa bola de pêlo aos pés de John. As horas do meu turno voaram, povoadas de pensamentos sobre Castalia e todas as suas estranhas maravilhas, até que a primeira luz alaranjada da manhã banhou o nosso acampamento e, de repente, todos acordaram e começaram lentamente a preparar as coisas para a nossa caminhada final, na região dos Montes das Trevas.

CAPÍTULO 11

O MEU TELESCÓPIO TEM ALGUM USO

— Há alguém por perto — disse John.

— Que quer dizer? — perguntou *Odessa*, farejando o ar, tentando captar um odor desconhecido. Mas John seguiu em frente, sem responder. Quando o pressionei para obter uma resposta, ele se virou e dirigiu-se a todos ao mesmo tempo.

— Há algo errado com este lugar. Faz-me sentir o mesmo que sinto quando está escuro lá fora e eu penso que há alguém me observando. Depois ouço um galho a partir-se e o meu coração dá um salto. Tenho andado com essa sensação toda a manhã.

— O que acha que é, John? — perguntou *Yipes*. A sua voz exprimia a preocupação que todos sentíamos.

John encolheu os ombros, virou-se e começou a caminhar novamente.

— Não faço a mínima idéia.

Tínhamos caminhado toda a manhã, a maior parte do tempo em silêncio, e a ansiedade que sentíamos aumentou com o que John havia dito. Nesse momento desejei que ele não tivesse dito nada. Mas tinha, e eu comecei a imaginar todo o tipo de criaturas monstruosas nos atacando nas sombras dos Montes das Trevas.

Há algum tempo que caminhávamos em direção a um grande monte e, em devido tempo, demos por nós junto dele, numa ravina seca. Embora não lhe chamasse propriamente montanha, o monte que tínhamos diante de nós era simultaneamente íngreme e largo, continuando de ambos os lados, para além do nosso campo de visão. Como não conseguíamos encontrar uma forma de contorná-lo, percebemos que teríamos que escalar para passarmos para o outro lado. Achamos melhor parar para rever o mapa, ao mesmo tempo que aproveitávamos para descansar uns minutos antes de iniciarmos a escalada.

Olhei para a terra ressequida e observei *Murphy* enquanto lavava os dedos e passava as patinhas da frente por cima da cabeça, para trás e para frente. De pé entre *Yipes* e John, percebi como estavam sujos. Tinham a barba por fazer e o cabelo sujo colado à cabeça. Além disso, cheiravam mal. Nisto ocorreu-me

que eu devia estar com o mesmo mau aspecto e odor que os meus companheiros, e fiquei momentaneamente deprimida.

— Cheiramos mal — disse.

Yipes e John olharam um para o outro e depois cada um levantou o braço e cheirou o ar junto da zona exposta. Não satisfeitos, aproximaram-se de mim, cheiraram mais uma vez o ar e depois afastaram-se.

— Receio que seja você, minha querida — disse Yipes. — Está tão podre como um tomate no Verão.

John concordou com a cabeça.

— Verdade? — perguntei, começando a cheirar o ar à minha volta.

Murphy, que era sempre o meu advogado de defesa nestas situações, aproximou-se imediatamente a correr, trepou pela perna de Yipes, agarrou-se ao colete com as quatro patas e enfiou a cabecinha no seu sovaco. Yipes mexeu-se, contorcendo-se de um lado para o outro, até que, finalmente, *Murphy* emergiu para respirar, com uma expressão de repugnância estampada no pequeno focinho.

— Este cheira *pessimamente* — gritou *Murphy*. — E *aquele*... — disse, olhando para John, cujos braços estavam firmemente cruzados sobre o peito. — Aquele ali é três vezes maior que o Yipes e transpira que nem um cavalo.

Pelo menos eu não era a única que precisava de um banho. Isto era um pequeno consolo embora insignificante.

Estávamos todos olhando para o mapa quando John se voltou rapidamente e olhou para o lado direito, para o monte estéril que estava à nossa frente.

— Lá está novamente aquela sensação — disse. — Alguém ou alguma coisa anda por perto.

Apontou para o outro lado da ravina, para um aglomerado de arbustos meio-mortos, ao lado de um pequeno monte de terra.

— Vamos nos esconder debaixo da vegetação até decidirmos o que fazer. Receio que o Vale dos Espinhos já possa estar depois daquele monte.

Fomos para junto dos arbustos apressadamente e agachamo-nos na terra. Os arbustos não nos escondiam totalmente, mas pelo menos não estávamos no campo aberto da ravina. O dia tinha se transformado em início de tarde e o sol estava quente, embora não tão quente como até ali. Corria uma leve brisa e, embora esta não fosse propriamente fresca, não tinha nada a ver com o calor abrasador dos últimos dias. Era como se este vento tivesse origem num lugar mais frio.

— Se for verdade que nos encontramos à entrada do Vale dos Espinhos, temos alguma idéia do que devemos fazer a seguir? — perguntou *Odessa*, com

as orelhas no alto da sua poderosa cabeça cinzenta muito eretas e alerta.

— Onde está *Murphy*? — perguntei, não o encontrando entre nós, no meio da vegetação. Estávamos todos olhando de um lado para o outro quando o som de pequenas pedras deslizando pelo monte abaixo se ouviu por cima das nossas cabeças. A princípio tive medo do que poderia ver, mas quando olhei para cima, vi que *Murphy* tinha fugido e corria monte acima, as suas minúsculas pernas fazendo com que avançasse em ziguezagues, enquanto ia se escondendo debaixo de tufos de ervas daninhas. Não tardou a chegar no meio da subida, onde parou, olhou para trás, deu um salto e começou a acenar com as patas dianteiras, para depois desatar novamente a correr.

— Já não sei o que fazer com ele — disse Yipes, abanando a cabeça lentamente. — Não tem um pinga de bom senso.

— Talvez o cheiro dos teus sovacos lhe tenha feito mal ao miolo — provoquei.

— Calados, vocês dois — ordenou John. — Perdi-o de vista, no meio daquela vegetação junto ao topo.

Saquei do meu telescópio, o mesmo que tinha pego de minha mãe e usado em Bridewell no Verão anterior. A lente que Pervis tinha partido havia sido substituída e parecia novinho em folha, tal como quando minha mãe me ofereceu como prenda pelo meu décimo terceiro aniversário. Montei-o com um estalido e o estendi a John. O telescópio já tinha sido útil ao longo da viagem, mas esta foi a primeira vez em que me senti realmente aliviada por tê-lo trazido.

Ficamos todos calados durante uns instantes, enquanto John tentava encontrar *Murphy* no monte.

— Pronto, já o encontrei. Está chegando ao topo agora.

Esperei em silêncio, observando, enquanto Yipes levantava disfarçadamente o braço direito e cheirava o ar debaixo dele, e depois não consegui conter mais a minha preocupação com *Murphy*.

— O que está acontecendo? Ainda consegue vê-lo? — Nesse mesmo instante, ouvimos um guincho vindo de cima e olhamos para o céu. *Squire* estava voando em círculos, observando enquanto a cena se desenrolava. Nesse momento, desejei também poder voar, mesmo que fosse apenas por uns momentos, para poder ver tudo o que se estendia à nossa frente, do outro lado do monte.

— Sabem, agora que tive tempo de pensar sobre o assunto, isto até tem sentido — comentou Yipes.

— O que está acontecendo? — perguntei, ignorando Yipes na minha preocupação com a situação do nosso amigo.

— É sério — continuou o Yipes. — Não acho que ele tenha

enlouquecido... pelo menos, não totalmente. Se pensarem sobre o assunto, quem quer ou o que quer que esteja do outro lado do monte pode muito bem estar de vigia contra intrusos. Um esquilo não constitui nenhuma ameaça. Na realidade, o mais certo é passar completamente despercebido. Só gostaria que ele tivesse nos deixado chegar a essa conclusão juntos, em vez de decidir sozinho.

John fechou o telescópio e estendeu-me sem olhar na minha direção.

— Já está ao meio da descida. Ali — disse, apontando para uma pequena bola castanha que ziguezagueava velozmente monte abaixo.

Murphy juntou-se novamente a nós, completamente sem fôlego e momentaneamente sem conseguir falar. O rodeamos e esperamos até ele finalmente ser capaz de nos contar o que tinha visto, numa única e bem escolhida palavra.

— Gigantes — disse. Inspirou mais umas vezes com dificuldade, olhou em volta para o grupo e depois acrescentou um pouco mais. — Muitos gigantes.

CAPÍTULO 12

O VALE DOS ESPINHOS

Ficamos todos sentados, imóveis e em silêncio, enquanto *Murphy* nos contava o que tinha visto do alto do monte, de vez em quando fazendo uma longa pausa para eu poder partilhar esta informação com Yipes. Embora ele parecesse perfeitamente satisfeito por saber os detalhes em segunda mão, eu me sentia mal por ele apenas ouvir uma longa série de guinchos enquanto *Murphy* falava.

Do outro lado do monte, o terreno caía abruptamente e era seguido por cerca de cem metros de vale com terreno muito semelhante ao dos Montes das Trevas. Depois disto havia uma longa fileira do que pareciam ser cepos de árvores finas, espetados no solo e erguendo-se de um lado ao outro, estendendo-se até onde *Murphy* conseguia ver. Debaixo dos cepos havia um amontoado de restolho castanho e caminhando sobre o restolho estavam uns dez homens de altura considerável, que *Murphy* achava serem gigantes. Continuando a descrever o que vira, *Murphy* achava que as árvores não tinham sido cortadas naquele lugar, pois estavam muito próximas umas das outras e dispostas num padrão perfeito. As árvores ou estacas de madeira (quanto mais falava, menos certeza tinha da sua verdadeira natureza) saíam do solo a alturas diferentes, algumas tão próximas do solo que podiam ser medidas em centímetros, outras a vários centímetros e outras ainda a metro e meio ou mais. Em todo o caso, os cepos ou estacas eram negros na base e afiados no topo, sendo as pontas afiadas da cor de sangue.

As estacas continuavam pelo solo do vale por uma distância na ordem dos cem metros ou mais e, além delas, o vale ganhava vida com abundantes tons de verde. Não muito longe, do lado de lá da mancha verde, havia um admirável lago azul-claro. *Murphy* descreveu-o como sendo «*magnífico no seu tamanho e cor*».

— Castalia — disse *Odessa*. A palavra ficou suspensa no ar até ser afastada por uma pergunta de John.

— Os gigantes estão muito afastados do monte para serem atingidos por uma flecha bem apontada?

Murphy olhou pensativamente para o alto do monte, tentando recordar-se a que distância as criaturas estavam realmente.

— Talvez consiga atingir a entrada do vale, mas os gigantes caminhavam entre as estacas, mais para o meio. Além disso, pareceu-me ver uma cabeça saindo do solo, portanto eles podem ter cavado trincheiras também. Ou isso, ou havia uns gigantes muito baixinhos lá em baixo, misturados com os grandes. Acho que uma chuva de flechas disparadas do alto do monte só se perderia no vale.

John e Yipes eram os únicos que tinham arcos e uma pequena reserva de flechas, portanto não parecia provável que conseguíssemos nos defender de um só gigante que fosse.

— Uma coisa é certa: temos que encontrar um lugar para nos esconder — disse *Odessa*. — Eles devem ter o hábito de enviar batedores até o lugar onde estamos agora.

Olhamos em todas as direções, tão longe quanto éramos capazes, e descobrimos com lamentável clareza que o único abrigo que existia ficava para trás, na direção de onde tínhamos vindo. Seríamos vistos por qualquer pessoa que patrulhasse o alto do monte.

— Há pelo menos três bons agrupamentos de rochas a quinhentos metros — disse Yipes. — Podemos ficar aqui até o anoitecer e depois retroceder até um deles, ou então tentamos a nossa sorte em plena luz do dia.

Nenhuma das opções me pareceu muito atrativa. No lugar onde estávamos sentados, tínhamos apenas alguns miseráveis arbustos atrás dos quais poderíamos nos esconder. Contudo, nos aventurar para o espaço aberto dos Montes das Trevas no meio do dia parecia imprudente, com gigantes tão perto.

— Consegue chamar *Squire*? — perguntou John a Yipes.

— Acho que sim — respondeu ele. — Mas para quê?

— Tenho o pressentimento de que ela pode nos ser útil.

Yipes pôs-se de pé e tirou um lenço vermelho, de algodão, do bolso do colete.

Segurando-o por cima da cabeça, agitou-o de um lado para o outro no ar, durante algum tempo, tendo o cuidado de se manter atrás de um arbusto, de forma a ser visto apenas do ar. *Squire* ignorou-o por completo, continuando a voar em círculos lá no alto, por cima das nossas cabeças.

— Treinou-a bem — gozou *Odessa*. — Consegue fazer com que se deite e finja de morta?

Yipes agitou o lenço vermelho mais energicamente até que, por fim, concordou que *Squire* estava realmente ignorando-o. Olhou nervosamente em volta até reparar em *Murphy*, que estava distraído tentando quebrar uma noz que eu lhe tinha dado após o seu regresso.

— Há uma coisa que funciona quase sempre — disse Yipes, ajoelhando-

se ao lado de *Murphy* e olhando para nós como se estivesse prestes a fazer algo desleal. — Que tal está a noz? — perguntou.

— Está ótima, obrigado — respondeu *Murphy*, embora Yipes apenas o ouvisse chiar.

— Ainda bem que está gostando.

Dizendo isto, fez-lhe uma festa na cabeça, passou-lhe a mão ao longo das costas e agarrou-o pela cauda.

Há uma coisa que um esquilo não suporta e Yipes tinha acabado de fazê-lo ao nosso amiguinho. O instinto levará qualquer esquilo que tenha sido agarrado pela cauda a um frenesi de dentadas, arranhadas e guinchos, e Yipes sabia-o bem. Rapidamente, colocou-se a céu aberto, afastando-se dos arbustos e começou a girar *Murphy* por cima da cabeça, o que impedia os dentes afiados deste de se virarem e se cravarem no seu antebraço. *Murphy* guinchava como um louco o tempo todo e, embora este não seja o ruído mais audível do mundo, um falcão tem um ouvido excepcional (para não falar da sua visão fantástica) e, quase imediatamente, *Squire* mergulhou na ravina em busca de um esquilo em apuros.

Mal *Squire* arrancou na nossa direção, Yipes parou de rodar *Murphy*, agachou-se e largou-lhe a cauda. *Murphy* rolou umas quantas vezes e aterrou, oscilando como um bêbado, de pé, em campo aberto. Cambaleou para trás e para frente e depois caiu para o lado. Aquelas voltas todas tinham-lhe embaralhado completamente o cérebro.

— Agarre-o! — berrou Yipes. *Squire* estava a uns trinta metros de nós e voava direito para *Murphy*. Eu era quem estava mais próxima, por isso corri os dois passos que eram necessários, coloquei-me de joelhos no chão e cobri *Murphy* com o corpo. *Squire* travou, voou em círculos baixos e foi pousar no braço estendido de Yipes.

— A coisa correu bastante bem, não acham? — perguntou Yipes.

Murphy se recuperou e eu o embalei com um braço, enquanto lhe devolvia a noz. Ele agarrou nela e atacou novamente a casca.

John aproximou-se do falcão e pôs uma mão junto à sua cabeça. *Squire* manteve-se calma enquanto, lentamente, John aproximava mais a mão até, finalmente, lhe tocar no pescoço com dois dedos. Nenhum de nós, inclusive John, sabia o que *Squire* estava pensando ou se ela realmente entendia o que dizíamos. Mesmo assim, John falou com a majestosa criatura numa voz calma.

— Consegue nos dizer quando eles vierem?

Moveu os dois dedos ao longo do pescoço da ave, até ao topo da asa, levantou-os e começou novamente no pescoço. Depois falou-lhe mais uma vez.

— Pode nos avisar se eles se dirigirem para o monte?

Afastando a mão, meteu-a no bolso e deu um pedaço de carne seca a *Squire*.

— Solte-a — disse. Yipes levantou rapidamente o braço e as poderosas asas de *Squire* levaram-na em direção ao céu distante. Ficamos olhando até ela retomar o seu vôo em círculos por cima do monte, flutuando calmamente sobre a terra, observando tudo o que se passava no solo.

— Também poderíamos deixar *Murphy* de vigia aqui — disse *Odessa*. — Eu sou um prêmio que eles decerto atacariam com flechas, mas ignorariam o *Murphy*.

— Ele não sobreviveria até o final do dia — disse Yipes. — É de admirar que já não tenha morrido.

Primeiro, fiquei perplexa com a resposta dele mas depois, de repente, entendi.

— *Squire* — disse.

— Exatamente. É uma ave boazinha, mas um roedor é um roedor e a natureza é a natureza — disse Yipes, olhando para o céu. — Aquele pássaro devorará *Murphy* se o deixarmos sozinho no alto do monte. Olhem para ele, não consegue ficar quieto e, neste caso, a sua vida dependeria disso. Não podemos correr esse risco.

Sentia *Murphy* tentando se soltar dos meus braços, para fugir e correr novamente monte acima. Tal como Yipes havia dito, ele não conhecia o medo, portanto mantive-o junto a mim e acalmei-o até ele concordar que ficaria conosco.

— Temos que correr o mais rapidamente possível de volta para as pedras, para o maior dos três agrupamentos, à direita. Temos que ir agora e confiar que *Squire* nos avise se os gigantes aparecerem — disse John.

Concordamos prontamente e, depois de olhar para o ar para nos certificar de que *Squire* ainda sobrevoava a área, começamos a correr de volta para os Montes das Trevas. *Odessa* era, de longe, a mais veloz entre nós e corria à frente. Nós, os restantes, mantivemo-nos em grupo e tentamos não espezinhar muito a vegetação com receio de que algum batedor pudesse ver onde tínhamos estado e fosse alertado para a nossa presença.

Por cima da nossa respiração ofegante, do ruído das mochilas saltando em nossas costas e do arrastar dos nossos pés no solo seco, tentei escutar os guinchos de *Squire*. Tínhamos começado a correr há poucos minutos, todos nós já terrivelmente cansados, quando *Odessa* alcançou as pedras, à nossa frente. Ainda tínhamos uns cem metros a percorrer e, embora a maior parte da distância estivesse já atrás de nós, eu estava tão exausta que aquela última reta me pareceu ter quilômetros.

Com cerca de cinqüenta metros ainda pela frente, parecia-me que quase conseguia tocar nas rochas com uma mão esticada. O nosso grupo ganhou novo fôlego, no que foi auxiliado por *Squire*, que começou a guinchar do firmamento atrás de nós, som esse que me assustou de tal maneira que comecei a correr em alta velocidade até cair de joelhos e sem fôlego atrás das pedras.

Ninguém falou enquanto nos recuperávamos da corrida, o que tornou os guinchos de *Squire* ainda mais aterrorizantes. Tal como os outros, eu rezava para que ela apenas estivesse contente por nos ver chegar ao nosso destino ou que tivesse visto outro falcão e estivessem alertando um ao outro da sua presença.

As pedras não ofereciam tanta proteção como esperávamos e tivemos que nos sentar ou deitar para evitar sermos vistos do alto do monte. A situação complicou-se ainda mais quando descobrimos que duas das pedras estavam juntas enquanto a terceira se erguia alguns centímetros mais à esquerda, sozinha na terra. Cada uma das pedras era suficientemente grande para esconder um corpo ou dois mas pouco mais. *Odessa* tinha chegado à frente da rocha solitária e permaneceu aí. Nós, os restantes, ficamos apertados uns contra os outros atrás das outras duas pedras, que mal nos tapavam. *Murphy* percorreu correndo o metro que nos separava e saltou para as costas de *Odessa*.

— Ela parou de guinchar — sussurrei, antes de me aperceber de que não era necessário sussurrar, uma vez que tínhamos recuado tanto nos Montes das Trevas. Continuei a falar num tom de voz normal. — *Murphy*, salte para cima da pedra e diga-nos o que vê.

Ele obedeceu, movendo-se nervosamente de um lado para o outro na pedra larga.

— Pare de se mexer tanto — pediu Yipes. — Ainda lhes chamam a atenção.

— Não vejo nada se mexendo no monte. Está tudo perfeitamente calmo — relatou *Murphy*, saltando da rocha, novamente para as costas de *Odessa*.

Yipes, John e eu erguemo-nos lentamente até os topos das nossas cabeças espreitarem por cima da pedra e conseguirmos ver o monte. Era verdade... não havia ninguém no alto do monte. Suspiramos aliviados.

Descontraímos temporariamente e erguemos as cabeças mais um pouco por cima das pedras. Em seguida, *Squire* aterrou diretamente à nossa frente, batendo as suas poderosas asas até parar. O sobressalto foi tal que caímos os três para trás, afastando-nos das pedras e caindo sobre os cotovelos.

— Talvez pudesse nos avisar da próxima vez que chegar — retrucou Yipes, começando a erguer-se para poder se sacudir.

— Espera! — exclamei. Depois virei-me para *Murphy* e pedi-lhe que saltasse para cima da pedra e desse outra espiada. *Squire* levantou vôo

novamente, as suas asas tão poderosas que levantou a terra que estava sob as rochas. Nós ficamos à espera, deitados de costas.

— Não se mexam — disse *Murphy*. — Há três gigantes no alto do monte, todos eles com telescópios apontados para cá. — O suor pingava-me da testa e transmiti esta informação aos outros, em voz baixa. Mantive-me completamente imóvel e escondida, juntamente com os outros.

Murphy desceu da pedra e desapareceu correndo para fora do meu campo de visão. Os segundos transformaram-se em minutos.

— Tenho medo — disse eu em voz alta. Tinha vontade de chorar, o peso da nossa situação tornando-se muito para mim. Meti algumas madeixas de cabelo na boca e chupei-as, um hábito nervoso a que não cedia há muito tempo. John pegou minha mão e acariciou-me os dedos. O seu polegar era incrivelmente áspero e transmitia-me uma sensação de proteção e poder, como se já tivesse passado por coisas muito piores e sobrevivido.

— Já foram embora. — Era *Murphy*, que tinha regressado à rocha. — O alto do monte está vazio e a *Squire* está novamente voando em círculos.

— Parece que a nossa companheira alada se tornou bastante útil — comentou John. Tirei o cabelo da boca e retirei a mão da dele para poder me sentar sem problemas. Depois juntamo-nos todos atrás das duas pedras e, silenciosamente, preparamos a pequena porção de comida e de água que nos restava.

Ficamos escondidos atrás das rochas até o sol se pôr atrás do monte. Pouco depois, ficou tudo silencioso e escuro. Era noite nos Montes das Trevas e estávamos sem comida, sem água e sem abrigo.

CAPÍTULO 13

UM ACONTECIMENTO INESPERADO

As luzes desciam velozmente pela encosta mas não balançavam nem saltitavam como aconteceria se se tratasse de homens correndo com archotes. Eram gigantes e estavam simplesmente caminhando na nossa direção. Fiquei assustada ao pensar na rapidez com que conseguiriam nos ultrapassar a pé se quisessem. *Odessa* começou a rosnar, um rosnar profundo e baixo, enquanto observávamos os archotes descendo o monte.

— Tente se manter calma, *Odessa*. Vai nos denunciar — sussurrou Yipes. Ele e John tinham ambos colocado flechas nos seus arcos para tentarem nos proteger. Tínhamos trazido poucas armas; algumas navalhas pequenas e dois arcos compunham a nossa defesa.

Seguiu-se uma conversa apressada. Devíamos nos manter escondidos atrás das pedras? Devíamos correr para os Montes das Trevas, onde não havia nenhum abrigo, na esperança de que eles voltassem para trás? Entretanto, as luzes continuavam a avançar, encurtando lentamente a distância entre nós.

— Estou sentindo aquela presença que senti durante todo o dia outra vez — disse John.

— É claro que sente — respondeu Yipes. — Os gigantes estão bem na nossa frente.

Enquanto eles falavam, percebi que *Murphy* tinha desaparecido mais uma vez. Será que tinha avançado para morder as pernas daquelas horríveis criaturas? Os gigantes já tinham descido o monte e avançavam agora no espaço aberto que havia entre nós. *Murphy* tinha desaparecido e não tínhamos onde nos esconder. Sussurrei o nome dele e, como não respondeu, comecei a entrar em pânico. *Odessa* deu uma rosnada baixa, quase inaudível. Olhamos, impotentes, uns para os outros, uma inconfundível sensação de desespero pairando no ar.

— Calados! — ordenou John.

Odessa parou de rosnar e o único ruído que se ouvia era o da nossa respiração.

Nisto ouvi o som de pezinhos correndo e, de repente, *Murphy* estava novamente entre nós, gritando incoerentemente na sua vozinha aguda, excitado

até não poder mais e incapaz de se conter.

— Acalme-se — sussurrou Yipes. — Não vê que os gigantes estão avançando na nossa direção?

Murphy fez um enorme esforço para se acalmar e, finalmente, conseguiu pronunciar algumas palavras simples.

— Não tenham medo, mas mantenham-se calados — disse. Eram palavras estranhas, principalmente porque o próprio *Murphy* estava tão agitado que mal conseguia ficar calmo o tempo suficiente para formular uma frase simples. A nossa confusão aumentou quando ele correu mais uma vez em direção aos Montes das Trevas, afastando-se dos gigantes que avançavam. O perdemos de vista novamente.

— Agora é que enlouqueceu de vez — comentou Yipes, abanando a cabeça de um lado para o outro. — Suponho que seja apenas uma questão de tempo. — Dito isto, regressou à tarefa de preparar o arco e observar os archotes ao longe.

Odessa virou-se e rosnou na direção em que *Murphy* tinha corrido. Entretanto, ele surgiu novamente da escuridão, o seu pequeno corpo parecendo uma sombra sem forma a deslizar pelo chão.

Naquele momento senti algo que não era nem sensação nem audição, mas sim uma mistura das duas. Olhei para a noite e pressionei-me contra as rochas, a sensação tornando-se mais assustadora e real à medida que os segundos passavam. Então o vi saindo da escuridão... uma massa imensa e sem forma. Do meio da noite escura saiu um gigante e, antes mesmo de pensarmos em fugir, ele pairou sobre nós da mesma forma que as muralhas de Bridewell em anos passados. Era enorme e trazia uma espada embainhada no cinturão.

— As flechas não lhes servirão de nada — disse o gigante. — Guardem-nas. — A sua voz era surpreendentemente calmante e madura; não era um jovem mas sim um gigante idoso. Era difícil ver o seu rosto na escuridão.

— Armon? — perguntou John. — Será possível?

— O próprio — respondeu o gigante. — Vim salvá-los nesta hora de aperto, tal como mandou Warvold.

Havia muito pouca luz, mas a lua estava subindo e as estrelas multiplicavam-se no céu. Comecei a distinguir o seu rosto, que era tal como eu esperava: muito sábio e bondoso; idoso mas não velho; forte, de uma forma graciosa.

— Peguem suas coisas e movam-se o mais silenciosamente possível — disse-nos. — Eles colocam as pedras aqui de propósito. Como vêm, são os únicos esconderijos que existem e será aqui, como de costume, que virão em busca de intrusos.

Armon abaixou-se e pegou nos nossos odres vazios, que pareciam extraordinariamente pequenos lançados por cima do seu ombro. No outro ombro tinha uma enorme mochila de couro, com quase um metro de largura e mais de metro e meio de comprimento. Perguntei a mim mesma o que teria dentro.

Yipes caminhou até junto de Armon e ficou de pé, a seus pés, com ar de espanto. Olhando para John, disse:

— Agora sabe como eu me sinto. — Depois esticou o braço e tocou no joelho do gigante.

— Afastem-se das pedras — disse o gigante. Todos obedecemos sem hesitação.

Uma a uma, ele pegou nas gigantescas pedras, a maior das quais era quase tão grande como a escrivaninha que eu tinha em casa, e pousou-as quatro gigantescos passos mais perto do monte. A mudança foi feita com imenso cuidado e rapidez, pousando as pedras com a mesma disposição em que estavam e apagando o seu rasto em cada uma das viagens. Não demonstrando ter ficado minimamente cansado com o esforço, parou à nossa frente e apontou para os Montes das Trevas, na direção oposta às luzes que avançavam.

— Corram, mas não façam barulho — disse.

Armon seguia-nos devagar, apagando o nosso rasto o melhor que conseguia, enquanto avançava. Pouco depois mandou-nos parar, ajoelhar e ficar em silêncio.

— Eles já chegaram às pedras — sussurrou. Os archotes tinham-se dividido em três, um junto de cada formação rochosa que tínhamos visto antes nesse dia. Prestamos especial atenção às pedras atrás das quais nos tínhamos escondido, enquanto a luz dançava no chão, se erguia no ar e se dirigia de volta ao monte. Observamos enquanto os três archotes se juntavam novamente e se afastavam de nós, penetrando na noite.

Armon ajoelhou-se diante de mim, o seu maravilhoso rosto agora suficientemente próximo para que eu o visse claramente, enrugado pelos anos e, no entanto, sem idade. A sua pele não tinha barba nem pêlos como a dos homens... era lisa e perfeita. Ondas de cabelo negro cobriam-lhe as orelhas e caíam-lhe sobre os ombros.

— Você deve ser Alexa — disse ele e tocou-me no rosto com os dedos, cada qual da grossura de cinco dos meus e duas vezes mais compridos. Eu estava dominada pela emoção; a sua presença entre nós era como se estivéssemos num autêntico conto de fadas, trazendo esperança a uma situação desesperada. Estaria Elyon entre nós? Se estivesse, Armon era a melhor oferta que ele poderia nos ter dado. Com o toque de Armon, o meu medo desvaneceu-se. O poderoso gigante tinha chegado para nos proteger. Era o único entre os gigantes que estava ligado

a Elyon e, portanto, ligado a nós.

Armon pôs-se de pé sem mais palavras e olhou para o céu para se orientar.

— Preparei um lugar onde podemos descansar — disse ele. — Não é longe daqui.

— Como são as coisas aí em cima? — perguntou Yipes, novamente aos pés do gigante. Parecia estar com muita curiosidade acerca de Armon, como se a natureza oposta dos seus tamanhos lhes desse algo em comum. Armon colocou uma mão em torno da cintura de Yipes e levantou-o três metros acima do chão, no céu noturno, de maneira a poderem olhar-se olhos nos olhos.

— Já ouvi falar de você — disse Armon.

— Por algum motivo, isso não me surpreende — respondeu Yipes, as suas perninhas curtas pendendo no ar.

Armon colocou Yipes no chão e começou a caminhar paralelamente ao grande monte. *Murphy* saltou para a perna do gigante, correu-lhe pelo corpo acima e foi sentar-se no seu ombro. Armon limitou-se a dar-lhe duas palmadinhas suaves na cabeça com o seu grande dedo.

— A última das pedras — disse, como se estivesse lendo de um texto antigo. — Eu tive uma delas, há muito tempo, mas os seus poderes desapareceram com o passar do tempo. Só ouço chiados quando o esquilo abre a boca, mas deduzo que você ouça muito mais que isso.

Com estas palavras, olhou para mim e, embora estivesse escuro, soube que estava sorrindo.

Armon abrandou o passo e colocou a mão sobre John, tapando-lhe por completo as costas com a palma da mão, os seus dedos curvando-se em volta do braço dele, do outro lado.

— Warvold falava muito bem de você — disse, continuando a olhar em frente, enquanto caminhava. — De você, do Yipes e da Alexa. Havia tempos em que só falava de vocês durante dias a fio. — Depois olhou para baixo, para John. — Ele era da opinião que, por trás do seu rosto curtido pelo tempo, há uma sabedoria imensa.

John pousou a mão sobre o enorme antebraço do Armon e apertou o pouco que conseguia agarrar com os dedos.

— Estou encantado por tê-lo entre nós — disse John. — Com a história de Warvold a desenrolar-se nestes últimos dias, ansiava por alguma ajuda. Isto ultrapassa todos os meus sonhos.

Enquanto eles falavam, mil perguntas percorreram-me o cérebro. Começava a ter dificuldade em ficar calada.

— Que foi feito de Catherine e de Laura? — perguntei.

Armon olhou para Yipes e reparou que ele estava tendo dificuldade em nos acompanhar. Estávamos todos caminhando mais depressa do que de costume e, apesar de ser enérgico, a verdade é que as pernas de Yipes eram minúsculas em comparação com as de Armon. O gigante retirou a mão das costas de John, pegou Yipes e colocou-o no ombro, o que fez com que a sua cabeça ficasse a uma altura de quase quatro metros.

— É muito gentil — agradeceu Yipes, enquanto *Murphy* subia para um lugar ainda mais alto, indo sentar-se no ombro de Yipes. *Murphy* em cima de Yipes e este em cima do Armon... do lugar onde eu estava, no chão, aquilo começava a parecer um número de circo, e ainda realçava mais a natureza singular do nosso grupo. Eu começava a ver menos das nossas fraquezas e mais das nossas forças; os acontecimentos daquele dia eram uma recordação de como cada um de nós tinha certas capacidades que os restantes não tinham. Era como se fôssemos todos parte de um só corpo: um era as mãos, outro as pernas, e por aí adiante, dependentes uns dos outros e trabalhando melhor quando agíamos em uníssono. Naquele momento, senti-me inadequada, sem saber que parte desse corpo eu era.

— Só temos que caminhar mais uma hora. Depois podemos descansar e discutir como haveremos de atravessar o Vale dos Espinhos — disse o Armon. — Devo avisá-los que teremos pouco tempo para dormir, algumas horas no máximo. Temos que nos levantar antes do amanhecer para colocarmos o nosso plano em movimento.

Olhando para o meu rosto suplicante, viu a minha ansiedade em saber de Catherine e Laura.

— Teremos muito tempo para discutir os nossos planos, depois de contar o que aconteceu às garotas — disse.

E falou daquilo que Warvold tinha deixado por contar, uma brisa suave acariciando-nos o rosto enquanto caminhávamos.

CAPÍTULO 14

OUVIMOS O RESTO DA HISTORIA

Para mim, tudo mudou no decorrer daquela hora. Armon falou com uma autoridade incrível, de tal maneira que todos os pedaços da história se encaixaram delicadamente. Enquanto caminhávamos, eu não fazia idéia das coisas terríveis que nos aguardavam: Victor Grindall e seus descendentes, os archotes que tinha visto no monte, os cães selvagens da lixeira de Castalia. Durante aquela hora a presença dominante de Armon foi tudo o que o meu mundo era capaz de conter.

— Pouco tempo depois de Catherine e Laura terem chegado à torre do relógio, ficou claro que teríamos que abandonar a região — começou Armon. — Tínhamos que viajar para longe, para um lugar onde não fôssemos encontrados. Tínhamos que levar as pedras conosco e protegê-las de Grindall e das forças do Mal que o guiavam.

«Por essa altura Grindall já enviara os seus homens e os seus gigantes à minha procura e à procura das pedras. Não tardaria que as suas buscas os conduzissem à Cidade dos Cães e o nosso esconderijo fosse descoberto.

Murphy desceu do seu poleiro no ombro do Yipes e saltou para o chão, onde deu dois passos rápidos e pulou para meus braços. Segurei-o contra o peito, contente por tê-lo junto de mim.

— Dois dias depois de terem chegado à torre do relógio, na altura mais escura de uma noite sem luar, partimos. Cruzamos com uma das matilhas de cães selvagens, uns vinte ou mais, e eu transportei as garotas nas costas, longe do perigo.

Armon pousou a mão no punho da sua espada, uma arma com mais de um metro e oitenta de comprimento, cuja ponta lhe roçava os calcanhares, dentro da bainha.

— A minha espada foi muito útil nessa noite — disse. — A primeira matilha desistiu, mas outros se aproximaram à medida que percorríamos a velha cidade e os seus montes de lixo. Nessa noite contamos mais de cem cães, alguns deles em matilhas de trinta indivíduos, outros em pequenos grupos de cinco, mas todos minados por doenças e com raiva. Uma única dentada de uma daquelas

criaturas infectadas certamente nos traria doenças, loucura e finalmente a morte.

«Na orla da Cidade dos Cães há uma grande floresta que se estende por vários quilômetros ao longo da margem oeste do lago. No momento da nossa fuga, a floresta estava apinhada de gigantes e homens que me procuravam, a mim e às pedras. Mas Grindall cometeu um grave erro, pois, nessa época, os gigantes estavam ao serviço dele e dos de sua própria raça simultaneamente. Na floresta fomos vistos por dois homens que deram o alarme, tocando uma trompa de chifre. A ajuda chegou na forma de três gigantes. Os gigantes agarraram os homens e lançaram-nos de encontro a uma árvore, quebrando-lhes a cabeça e espalhando miolos por todo lado.

— Esta história está ficando cada vez melhor — comentou Yipes, com um sorriso que lhe escondia os lábios debaixo do bigode, enquanto olhava para baixo, para mim.

— Falei com os três gigantes — continuou Armon — e ficou acordado que nos libertariam de Castalia para podermos percorrer a Terra de Elyon em busca de uma nova casa, e que ficaríamos com as pedras e as protegeríamos. Conduziram-nos ao Vale dos Espinhos, um local apenas freqüentado por gigantes, onde fomos vistos por ainda mais gigantes que concordaram em nos libertar. Assim, transpusemos o grande monte para os Montes das Trevas, sem fazer a mínima idéia de onde acabaria a viagem.

«Não tínhamos comida nem água e tínhamos muito pouco tempo para fugir. Por isso, mais uma vez levei as garotas nas costas e corri a noite toda pelos Montes das Trevas. Na manhã seguinte, dormi uma hora e depois continuei da mesma forma até a noite cair outra vez. Dois dias depois chegamos ao sopé do Monte Norwood, onde viveríamos durante muitos anos.

— Viveu na montanha perto de Lathbury? — perguntei, espantada por ele ter estado tão perto.

— Essa mesmo — respondeu Armon. Nesse momento percebi que na primeira viagem que fiz com Yipes fora das muralhas de Bridewell, talvez tivesse passado por lugares onde Armon tinha estado.

— Subimos muito, entrando no verde luxuriante da montanha, e aí construímos um lar, onde observamos e esperamos. Em dias muito límpidos, conseguíamos ver, do outro lado dos Montes das Trevas, o contorno da outra grande montanha que se ergue a leste de Castalia.

Armon referia-se à Montanha Laythen, uma montanha muito mais alta e larga que o Monte Norwood, uma diferença de tamanho muito semelhante à existente entre Armon e Yipes. A Montanha Laythen era o pico mais alto que existia na Terra de Elyon, com uma base larga e redonda de oitenta quilômetros de largura.

— Catherine desenvolveu um profundo fascínio pelas pedras que restavam — disse Armon. — Principalmente por aquela com que ficou. Ficou completamente obcecada com a proteção da sua pedra e em saber tudo que podia sobre as outras. Depressa tirou partido do seu poder e fez amizade com todo o tipo de animais selvagens, um dos quais um magnífico puma. No passado, Catherine recusara-se a mostrar as pedras restantes aos seus amigos animais, mas o puma tinha algo de diferente e ela levou-o até o lugar onde elas estavam escondidas. Juntos examinaram as vinte pedras restantes, e o puma viu algo que Catherine não era capaz de ver. Algumas das pedras eram diferentes, contendo gravações numa língua antiga. Com a ajuda do felino, ela separou as pedras e descobriu que apenas seis delas tinham essa marca especial. As catorze pedras que não estavam gravadas foram levadas para uma pequena lagoa que ficava perto do sopé da montanha e deixadas junto à beira para quem as encontrasse, enquanto as outras seis foram levadas para uma lagoa secreta no alto do Monte Norwood, misturadas com pedras comuns e aí deixadas para que fossem encontradas por quem tropeçasse nelas, tal como Elyon havia ordenado.

«Catherine e o puma passavam muito tempo juntos e este contou-lhe tudo o que tinha visto nas pedras, qual era o aspecto da língua antiga das gravações e como ele entendia o que diziam. A partir daí, Catherine ganhou o hábito de procurar objetos nos quais gravava desenhos com mensagens e figuras secretas, ocultas. Com o tempo aprenderia a fazê-lo com ferramentas complicadas, em objetos cada vez menores até que, finalmente, era capaz de fazer essas gravações em objetos tão pequenos como uma jóia que pudesse ser transportada em volta do pescoço de um gato de biblioteca comum. Gostava de chamá-las de Jocastas.

— Não pode ser! — exclamei.

— Catherine era Renny Warvold — disse John, não como se já o soubesse durante este tempo todo, mas como se, tal como eu, o tivesse descoberto agora.

Armon olhou-nos com bondade e disse lentamente que sim com a cabeça, uma esperança estranha e triste a brilhar-lhe nos olhos.

— Algum tempo depois dela gravar as palavras de Elyon em cada uma das seis pedras, um jovem aventureiro, com muitos anos de perambulações atrás de si, parou para descansar no Monte Norwood. Tinha explorado a terra até os penhascos mais longínquos, para além de Ainsworth, do lado norte, e até às alturas da Montanha Laythen, de onde contemplou a difícil situação de Castalia. Tinha atravessado os Montes das Trevas, as magníficas florestas, chegando a penetrar no fantasmagórico covil do Campo da Astúcia, tinha visitado cada uma das duas cidades que se estendiam ao longo dos penhascos ao norte e a que

ficava a oeste. Em todas as suas viagens nunca tinha encontrado um lugar tão calmo e alegre como o Monte Norwood e foi para lá que regressou, quando Catherine, Laura e eu já vivíamos lá há uma dúzia de anos.

— Thomas Warvold — murmurei, as peças do *puzzle* encaixando-se agora umas nas outras.

— Como era vontade de Elyon, o jovem Warvold encontrou a lagoa das Jocasas, ficando completamente convencido de que tinha encontrado o maior tesouro da Terra de Elyon. As garotas eram agora mulheres feitas e estava com elas quando conheci Warvold à beira da lagoa. Ele já tinha visto gigantes, mas eu era muito diferente de todos os outros. Como já tinha visto muitas coisas estranhas, Warvold não ficou tão espantado como se podia supor. Rapidamente nos familiarizamos, iniciamos o ritual de oferecer a Warvold uma Jocasta e passamos algum tempo saboreando a companhia uns dos outros na envolvente beleza do Monte Norwood.

«Como já devem ter adivinhado, Catherine e Warvold se apaixonaram e, pouco tempo depois, começaram a se cansar de viver sozinhos nas montanhas. Foi decidido que Warvold iria até Ainsworth em busca de pessoas que pudessem recrutar para fundar um novo reino do outro lado da Grande Ravina, uma cidade completamente rodeada por muralhas, que a protegeriam dos perigos das terras selvagens. Decidimos também que, antes de acompanhá-lo, Catherine mudaria o nome para Renny, caso alguém do mundo colonizado ter conhecimento da sua existência e da lenda de Armon.

Fiquei pasma com tudo o que Renny tinha passado. Tentei desesperadamente me lembrar dela, mas era apenas uma criança quando faleceu e não consegui evocar nenhuma imagem que me fizesse lembrar dela. No entanto, sentia mais saudades dela do que seria normal. Gostaria que ainda fosse viva.

— Nos anos que se seguiram, Lunenburg foi fundada, Renny e Warvold tiveram o Nicolas, e o reino de Bridewell surgiu na Terra de Elyon.

Aqui Armon fez uma pausa e ajoelhou-se para que eu pudesse ver claramente a sua expressão.

— Pouco tempo depois das muralhas terem sido construídas, comecei a sentir uma terrível presença maléfica vinda da distante terra de Castalia, portanto viajei até lá... ou antes, até aqui... o lugar onde nos encontramos agora. Na calada da noite, subi sorrateiramente até o topo do monte. Infelizmente tenho agora que lhes contar o que vi.

Fez um gesto para que todos se aproximassem e colocamo-nos diante do gigante ajoelhado.

— Desde o início que correm histórias entre os gigantes... histórias

sagradas, muitas das quais se tornaram mais fábula que verdade, à medida que o nosso lado humano ganha mais e mais domínio sobre nós. Com o passar do tempo, o nosso antigo lar, a Décima Cidade, caiu no esquecimento.

Armon fez uma pausa, remexendo no passado dentro da sua cabeça. Parecia estar pesando o que devia e o que não devia dizer.

— Os humanos são uma raça desatenta e suspeita — continuou. — Têm dificuldade de lembrar coisas que aconteceram num passado distante, e o mesmo acontece com os da minha espécie, neste décimo reinado de Grindall, com as nossas memórias da Décima Cidade a desvanecerem-se.

Armon parou novamente e olhou para o grande monte, procurando sinais de vida ao luar. Em seguida, voltou-se novamente para nós, com expressão abatida.

— Já sabem dos morcegos? — perguntou.

Ficou surpreso ao saber que já tínhamos conhecimento da sua existência e que até já tínhamos cruzado com eles nos Montes das Trevas. Isso pareceu preocupá-lo.

— Onde é que os viram? Foi perto daqui? — perguntou.

— Não, não foi perto daqui — sossegou-o Yipes num tom suave. — Os vimos há muitos quilômetros, mais próximo de Bridewell que daqui.

Armon parecia estar escutando com muita atenção, ainda agitado.

— Eles não podem me ver... nunca — disse e depois contou-nos porquê. — Há um bando de mil morcegos, enviado por Abaddon do lugar onde vive, e esses morcegos têm apenas um objetivo: picar e despedaçar as cabeças de gigantes, para os infectarem com a vontade de Abaddon.

«Imaginem um gigante do meu tamanho com a cabeça desprovida de cabelo, a não ser alguns tufo e madeixas a brotar de forma doentia em volta da coroa e por cima das orelhas. Imaginem a cabeça e o rosto cobertos de crostas e feridas abertas que nunca fecham, uma boca cheia de dentes apodrecidos ou negros, outros que já caíram... uma criatura hedionda, desfigurada, obedecendo às ordens de Abaddon.

Neste ponto da conversa, Armon pôs-se de pé, elevando-se por cima das nossas cabeças.

— É isso que acontece aos gigantes que são apanhados pelo bando de morcegos.

Fechou os olhos, deixando que interiorizássemos as suas palavras. Tive a sensação de que as coisas iam ficar ainda mais assustadoras.

— Eu sou o último dos que restam da minha raça. Todos os outros foram apanhados pelo bando — revelou-nos, abrindo os olhos. — O que está além do grande monte não são exemplares da minha espécie, mas sim o mais profundo

Mal que existe na Terra de Elyon... noventa e oito gigantescos monstros com um só objetivo: destruir-nos, para que Elyon jamais possa regressar.

— O bando reduziu a caçada a apenas um alvo? — perguntou John, a sua preocupante pergunta pesando no ar como chumbo, até o olhar de Armon se perder nos Montes das Trevas e ele falar mais uma vez.

— Eles circulam de noite, procurando sempre até me encontrar e me infectar como aos outros. — Com estas palavras, olhou-nos com um brilho de esperança no olhar. — Temos que vencer a batalha antes que me encontrem.

Armon começou novamente a caminhar no meio da escuridão e eu dei por mim a correr para ficar perto dele e encontrar conforto na sua presença. Fiquei contente quando ele falou outra vez, a sua voz calma afastando as minhas visões de monstros horríveis.

— Mas há também boas notícias entre todas as más — recomeçou. — Ainda não terminei a história. Os gigantes infectados não são mais poderosos do que eram anteriormente e, embora vigorosos, podem ser derrotados se se souber como. Além disso, e mais importante ainda, se matássemos todos os gigantes, destruiríamos o vasto exército de Abaddon e o deixaríamos exposto, furioso e imprudente.

— Mas matar noventa e oito gigantes? — perguntei.

— É um pouco assustador — concordou Armon. — Mas não se esqueçam de que Elyon, à sua maneira misteriosa, que nós não podemos entender, está do nosso lado. O criador de humanos e Serafins escolheu-nos e só me resta rezar para que ele, na sua vasta sabedoria, nos mostre como poderemos triunfar nestas condições de inferioridade.

Já caminhávamos a algum tempo. Armon olhou em volta, em todas as direções.

— Já chega — disse. — Trouxe comida e água. Podem tirar as suas coisas e comer se quiserem. Terão pouco tempo para dormir.

Estávamos ainda em território aberto, com o grande monte à nossa frente.

— Não ficamos um pouco expostos demais? — perguntou *Odessa*, pergunta essa que traduzi para Armon.

— Receio que não haja outro lugar. Eu fico de vigia a noite toda, mas não creio que vejamos ninguém nas redondezas.

Pousei a minha pequena mochila na terra ressequida e tirei uma porção de nozes e bagas do monte que Armon tinha fornecido.

— Se não estiverem muito cansados, gostaria de lhes contar o resto da história. Creio que ajudará a motivá-los nos próximos dias.

Armon sentou-se junto de nós e ordenou os pensamentos para falar, uma última vez, dos acontecimentos do passado. Enquanto ele pensava no que ia

dizer, observei o céu noturno com as suas inúmeras estrelas e lua, pensei no universo e em tudo o que havia sido criado, no por que das estrelas e da lua aparecerem à noite e o sol de dia, em como devia ser vasto, em como nunca seria capaz de compreender o seu tamanho infinito.

Odessa raramente me escolhia quando chegava a hora de descansar mas nessa noite deitou-se a meu lado, com a cabeça junto à minha. *Murphy* saltou-lhe para as costas, fez uma cama do seu pêlo cinzento e macio, e nos confortamos uns aos outros.

— O décimo reinado de Grindall começou pouco depois de eu ter partido de Castalia — principiou Armon. — Conheço este príncipe do Mal, este décimo Victor Grindall. Ele tomou o poder por meio de trapças e assassinio e concentrou-se imediatamente na busca das pedras que restavam.

«Mas, apesar de todos os seus esforços, Victor Grindall não conseguiu recuperar o tesouro desaparecido, o que desagradou muito a Abaddon. Aconteceu então que Grindall enviou os gigantes para além dos Montes das Trevas em busca das pedras, para lugares onde nunca as tinham procurado antes.

«Pouco tardou para que os gigantes chegassem perto das muralhas de Bridewell. Pervis Kotcher, o chefe dos guardas, foi o primeiro a vê-los da sua torre de vigia, no portão de Lunenburg. Ele sabia que este momento poderia chegar, pois Thomas e Renny tinham-lhe dito que, se alguma vez fossem vistos gigantes nos Montes das Trevas, ele deveria esconder o fato e tirar todos os guardas das torres de vigia. Caso outros guardas os tivessem visto, ele deveria juntá-los e levá-los à presença de Warvold, e o resto do reino deveria permanecer ignorante do terrível perigo que espreitava do outro lado das muralhas.

«Renny foi a primeira pessoa que Pervis encontrou enquanto percorria a casa à procura de um dos Warvolds, e contou-lhe sobre os gigantes que se aproximavam à distância. Ela o mandou procurar Thomas e, sem perder mais tempo, correu para a biblioteca e entrou no túnel secreto que se estende sob a cidade e conduz às montanhas.

Armon reclinou-se, apoiando-se nas suas poderosas mãos, enquanto nós o olhávamos de olhos arregalados, sentados à sua frente.

— Dentro do túnel há uma porta escondida que, uma vez aberta, dá acesso ao atalho até os Montes das Trevas. Renny abriu essa porta e pouco depois os gigantes chegaram às muralhas. Ela ficou sozinha e desprotegida entre eles.

— Por que, Armon? Por que ela faria semelhante coisa? — perguntei.

— Ela pensou, e com razão, que se pudesse oferecer a si própria, isso apaziguaria os gigantes. A captura da pessoa que tinha levado as pedras seria um motivo suficientemente bom para regressarem à Torre das Trevas. Seria

certamente um feito notável. Assim, Renny ofereceu-se para acompanhá-los, insistindo que apenas contaria o que sabia ao próprio Victor Grindall.

«Por esta altura, Warvold e Pervis chegavam à torre de Lunenburg. Os gigantes, que mais tarde Warvold diria já estarem possuídos por Abaddon, eram suficientemente grandes para arrombarem as muralhas se quisessem. Mas tudo o que queriam eram as pedras e as exigiram de Warvold. Ou entregavam as pedras ou Bridewell inteira seria invadida e tudo no reino seria destruído.

«As armas não eram muito avançadas em Bridewell e a cidade dependia quase inteiramente de arqueiros para a sua defesa. Os gigantes traziam consigo duas coisas que preocupavam Warvold profundamente: grandes escudos de metal e sacos cheios de pedregulhos do tamanho de melancias que ele calculava, e bem, serem capazes de atirar com pontaria certa. As hediondas cabeças gigantescas, pingando suor e cobertas de feridas abertas, a combinação de escudos e pesadas armaduras negras... estas coisas conspiravam contra Warvold e contra as armas de que dispunha. Estava perante criaturas enormes, bem armadas e adequadamente protegidas, cem das quais dizimariam todos em Bridewell e, em seguida, avançariam sobre Turlock e Lathbury.

Armon olhou para Yipes, que estava sentado no chão, de olhos comicamente arregalados, completamente enfeitiçado pela história. Como tantos de nós, habitantes de Bridewell, o nosso amiguinho adorava ouvir uma boa história. Acho que ele nem se apercebia de que fazíamos parte da história, os perigos que pairavam sobre nós aumentando cada vez que Armon abria a boca.

— Thomas viu aquele momento como um encontro essencial numa luta de duas forças pelo domínio da Terra de Elyon: as forças do Bem e do Mal. Mas o preço foi mais alto do que ele imaginava. Ele teria dado a sua própria vida de bom grado, mas foi-lhe muito difícil sacrificar o seu povo e a sua amada esposa. Sabia onde as seis pedras tinham sido escondidas, na lagoa no alto do Monte Norwood. Podia conduzir aquelas horríveis criaturas até lá e elas desapareceriam mais uma vez nos Montes das Trevas. Mas que tipo de Mal cairia sobre a terra se ele permitisse que isto acontecesse e quanto tempo passaria até que uma força ainda mais maléfica regressasse e transpusesse as muralhas, se ele revelasse o segredo?

«Warvold não revelou o que sabia e, naquele dia, ficou sem a sua Catherine. Os gigantes disseram que, se ela não revelasse o paradeiro das pedras, seria encarcerada na parte mais recôndita da Torre das Trevas, em Castalia, até que elas fossem encontradas e devolvidas como pagamento do seu resgate.

«Não sei o que Catherine lhes disse nem como manteve os gigantes afastados de Bridewell estes dez anos. Talvez tenha desviado as suas buscas para a Cidade dos Cães ou para os ribeiros da Montanha Laythen. Mas tenho a

certeza de uma coisa: ela ainda está entre nós. Catherine, a mulher que vocês conhecem como Renny, está viva, encarcerada numa masmorra, na torre que fica do outro lado do lago.

PARTE II

CAPÍTULO 15

FOGO E CHUVA

— Acorda, Alexa. O fogo já começou. — Estava escuro e frio quando acordei, tremendo, com o corpo dolorido de mais uma noite de sono entrecortado no chão dos Montes das Trevas. Os meus companheiros ou estavam acordando ou já de pé, olhando para o outro lado do vale onde uma luz alaranjada brilhava no alto dos montes. Não se tratava do sol nascendo; era algo mais próximo e mais perigoso.

— O que está acontecendo? — perguntei, esfregando os olhos para afastar o sono, enquanto me levantava, sentindo a aspereza do chão sob os meus pés sensíveis. Inclinei-me para coçar as crostas das feridas que tinha nas canelas e que continuavam a incomodar. Ainda era noite, ou então muito cedo, e estava tudo escuro, com exceção do fogo que ardia no alto do monte e das estrelas que brilhavam no céu.

— Armon esteve ocupado enquanto dormíamos — disse Yipes, bocejando e espreguiçando-se. Caminhei para junto deles e olhei para o monte.

— O vento sopra montanha abaixo, para o vale — explicou Armon. — E as nuvens de tempestade juntam-se freqüentemente por cima da grande montanha. Nesta altura do Verão, é bastante comum haver grandes incêndios nos montes. Fica tudo negro e só ganha vida na Primavera seguinte, com o nascimento de nova vegetação rasteira. O ciclo repete-se ano após ano. Há anos em que há muitos incêndios e outros em que há poucos, mas, ou os humanos ou a natureza, incendeiam freqüentemente o mato seco.

Os meus olhos tinham-se adaptado à luz das estrelas e ao brilho distante do fogo no monte. Armon ajoelhou-se ao meu lado, apontando para a escuridão.

— Ateei o fogo ali, no sopé da Montanha Laythen, com a minha pedra-de-fogo, e o vento o levou, ao longo do monte, para o lado de lá. — O fogo já

tinha se espalhado. Tinha subido o monte e descido pela frente do mesmo, até o vale onde estávamos.

Presumi que tivesse avançado também para o lado de lá.

— O Vale dos Espinhos é composto por milhares de estacas. A sua base está coberta com alcatrão espesso e a vegetação que está debaixo delas arderá completamente, como sempre acontece. Os gigantes recuarão do Vale dos Espinhos e ficarão na sua orla até o incêndio passar, protegendo a floresta no caso das chamas se aproximarem muito. Depois percorrerão o vale, apagando qualquer brasa que ainda arda. Quando a manhã chegar, já teremos perdido a nossa oportunidade.

O brilho cor-de-laranja do cordão de fogo era hipnotizante na escuridão, como uma serpente sobre o solo, contorcendo-se e devorando tudo o que encontrava no caminho. O cordão brilhava, abrasador e enorme, quando o vento soprava, e ardendo baixo e paciente quando as rajadas cessavam.

— Juntem as suas coisas e respirem fundo enquanto há ar fresco. A fumaça que nos servirá de cobertura vai nos dificultar a travessia — avisou Armon.

— A que distância fica a grande montanha? — perguntou John, tentando orientar-se e perceber onde iríamos entrar na cidade.

— Deste ponto, talvez a uns trinta quilômetros — respondeu Armon.

— Não pode ter percorrido essa distância enquanto dormíamos, Armon. É difícil imaginar que alguém, até mesmo você, consiga percorrer sessenta quilômetros em apenas algumas horas — disse Yipes.

— Duas horas e doze minutos, para ser exato — corrigiu Armon. — Pensa que eu passei estes anos todos nas montanhas a me espreguiçar, comendo amoras-pretas e a engordar alegremente?

— Sim, mas *sessenta quilômetros*? — protestou Yipes. Armon não tinha mais nada a dizer sobre o assunto, e o ar noturno encheu-se de silêncio; uma brisa fresca trazia o fogo para mais perto ainda.

Começamos a caminhar, afastando-nos das chamas, em linha com o monte. O fogo não tinha se aproximado ainda, mas avançava rapidamente, e a mim parecia que, dentro de uma hora, estaria bem em cima de nós. O cheiro de queimado, estranhamente atrativo, já pesava no ar e a fumaça que subia no céu escondia as estrelas.

— Temos que andar depressa, até estarmos cerca de apenas um quilômetro dos penhascos ao sul, e depois atacamos o monte enquanto as chamas dançam aos nossos pés — disse Armon. — Esperemos que os gigantes que ficaram não nos vejam por entre a fumaça quando entrarmos na floresta do outro lado.

Continuamos a caminhar, acelerando o passo quando o vento aumentou de intensidade e, num abrir e fechar de olhos, o fogo pareceu diminuir para metade a distância que o separava de nós. Vinte minutos mais tarde, as chamas estavam mais próximas do que esperávamos.

— Temos que correr! — berrou Armon. Ajoelhando-se, mandou-me pular para cima do enorme saco de couro que tinha às costas e segurar-me bem. Depois colocou Yipes e *Murphy* em cima dos ombros e levantou-se. John e *Odessa* tiveram que correr por eles mesmos, incitados pelos colossais passos de Armon atrás deles, como um chicote a estalar-lhes junto aos calcanhares. Fiquei espantada com o tamanho das costas de Armon, com a largura do seu pescoço, com a altura que me encontrava e com o poder que todo ele irradiava. Senti-me como se montasse um enorme touro de magnífica força, como se pudesse ser atirada ao ar e pisada por ele.

— Sigam-me o resto do caminho — disse Armon aos nossos companheiros que corriam. — Temos que nos virar para o monte agora e subir a encosta. Façam o mínimo barulho possível, abafem a tosse. Por mais cansados que estiverem, não parem até eu lhes dizer.

A fumaça estava muito mais espessa agora, soprando em ondas. A serpente deslizante de fogo estava a uns meros cinqüenta metros à nossa direita. A medida que ela se aproximava, fiquei surpreendida com a altura das chamas. Até aí achava que elas se erguiam apenas uns trinta centímetros do chão mas, quando o vento as varria, saltavam dois metros ou dois metros e meio no ar, lambendo o céu noturno.

Sob a liderança de Armon, tínhamos caminhado na diagonal em relação ao monte e, em pouco tempo, chegamos ao sopé. Olhei para trás e vi que John e *Odessa* vinham bem atrás de nós. A nossa frente estendia-se a parte mais difícil da caminhada desta noite, e Armon tinha cronometrado tudo na perfeição. O calor do incêndio aumentava sem cessar e, à nossa volta, era tudo um mar de fumaça. Eu olhava constantemente para trás para os nossos companheiros. Finalmente, mais ou menos ao meio da subida, a fumaça que havia entre nós ficou tão densa que os perdi completamente de vista.

— Armon, os perdemos! — exclamei. Depois olhei para a minha direita e vi que o fogo já não se encontrava a uma distância segura. Escondido pela fumaça, tinha-se aproximado sorrateiramente de nós e as chamas dançavam junto dos pés calçados de couro de Armon.

Armon desviou-se rapidamente para a esquerda e continuou correndo monte acima, em direção ao céu cheio de fumaça. Agora avançava mais depressa, subindo o monte em grandes passadas e desviando-se para a esquerda para evitar as chamas.

— Armon, eles estão ficando para trás! — gritei. — Não conseguem acompanhá-lo.

Mas ele continuou a correr, cada vez mais depressa, até chegarmos à beirinha, onde o monte ficava plano e caía para o outro lado. Uma vez aí, tirou-nos rapidamente das suas costas e ombros e voltou a descer, pelo mesmo caminho, penetrando na cortina de fumaça.

— Continuem a caminhar, afastando-se das chamas, e mantenham-se aqui em cima — disse enquanto avançava. — Não desçam o monte nem deste lado, nem do outro lado.

No alto do monte a fumaça não era tão densa mas ainda era difícil respirar. Yipes, *Murphy* e eu mantivemo-nos à frente das chamas, que se aproximavam, escorregando ocasionalmente pela encosta ao tentarmos ficar longe do cume para não sermos detectados. Olhei para baixo, onde a fumaça era mais espessa e não vi nenhum sinal dos nossos companheiros.

— Espero que estejam bem — chiou *Murphy*.

Os segundos transformaram-se em minutos e caminhamos pelo menos dez metros ao longo da beira do monte, para nos mantermos afastados das chamas. Olhei rapidamente para o céu e vi, com algum espanto, que se tinha formado um teto baixo de fumaça à nossa volta, escondendo tudo o que se encontrava a mais de alguns metros de altura. Fiquei alarmada com o fato da fumaça ter tomado tão completamente conta do céu. Comecei também a interrogar-me a que distância estaríamos dos penhascos do lado sul, onde o monte afunilava até se fundir com a queda íngreme que terminava, lá embaixo, em rochas pontiagudas, no Mar da Solidão. Enquanto a minha cabeça estava voltada na direção dos penhascos, *Odessa* aproximou-se e pôs-se a farejar e a esgravatar-me os pés com as patas. Ajoelhei-me e abracei o seu pescoço peludo.

— Armon tem o John e vêm bem atrás de mim — disse ela e, mal terminou de falar, chegou Armon, com John deitado por cima do ombro. O gigante largou John no chão com um ruído seco e fiquei contente por ver que estava consciente e alerta.

— As nuvens instalaram-se — disse Armon. — A chuva não tarda a cair e perderemos a nossa cobertura.

Não disse mais nada, limitando-se a baixar-se e a correr para o alto do monte. O terreno era plano durante uns seis metros e depois caía, com uma inclinação ainda maior que a do lado onde tínhamos estado. Espreitando pela beira do monte, vi as luzes do cais de Castalia, à distância, mas todo o resto estava escondido atrás de uma cortina de fumaça e escuridão.

— Têm que seguir exatamente os meus passos — disse-nos Armon. — Não saiam do caminho que eu seguir, nem para a direita nem para a esquerda.

Segurem-se uns aos outros para podermos nos manter juntos no meio da fumaça.

Armon começou a descer o monte, pelo lado oposto, novamente com Yipes e *Murphy* nos ombros e comigo agarrada com unhas e dentes à mochila nas suas costas. John segurou Armon pelo colete de couro que pendia atrás dele e, com a outra mão, agarrou *Odessa* pela juba.

A descida era íngreme, cheia de vegetação rasteira e pequenas pedras. Eu me encolhia cada vez que as pedrinhas disparavam debaixo dos enormes pés de Armon, receando que o ruído nos denunciasse e um monstruoso gigante aparecesse de repente à nossa frente. Fiquei contente quando chegamos ao fundo, embora a fumaça fosse extremamente densa e cinzenta e eu conseguisse ver apenas alguns metros à minha frente. Os meus pulmões gritavam por ar fresco e ouvia a minha respiração um pouco asmática, enquanto o corpo tentava se adaptar àquelas condições. Os primeiros pingos de chuva começaram a cair e o vento redemoinhava à nossa volta, a fumaça seguindo o seu amo e dispersando-se à medida que rodopiava em círculos.

— Eis o Vale dos Espinhos — disse Armon. Por entre a fumaça rodopiante apareceu um imenso cemitério de estacas. — Não toquem em nada e movam-se com cuidado. Há arames delicados que ligam muitas das estacas, portanto temos de ter o cuidado de contorná-los. A ponta de cada estaca está untada com veneno. Pensem neste campo de pontas envenenadas como sendo um labirinto. Sigam-me de perto. Se deixarmos qualquer rastro, eles nos encontrarão com certeza.

Armon ziguezagueou por entre as estacas, algumas curtas e outras ao nível da minha vista, no alto das costas de Armon, todas elas afiadas como lâminas na ponta, e vermelhas e brilhantes do veneno. Segurei-me com força à mochila de couro e rezei para que ela não fosse cusvida das costas de Armon levando-me com ela e empalando-me numa estaca. A fumaça cobria tudo, como um nevoeiro cerrado rodopiando à nossa volta, e as estacas erguiam-se eretas na luz fraca da madrugada, parecendo ossos ocos. Entretanto a chuva ia aumentando de intensidade, as poucas gotas iniciais tornando-se mais grossas e mais freqüentes. O céu não tardaria a desabar de uma vez, apagando as chamas e com elas desaparecendo a fumaça que nos encobria.

Armon parou abruptamente e ficou quieto e calado. Estávamos nos aproximando do extremo do Vale dos Espinhos e eu conseguia ver o contorno de árvores na floresta à nossa frente. Mas vi mais alguma coisa: um movimento à minha direita, no meio do que restava da fina cortina de fumaça. Na neblina da manhã, o meu coração batia descompassadamente contra as costas de Armon, e o céu libertou toda a chuva ao mesmo tempo. A nuca brilhante de um dos gigantes apareceu, os seus ombros monstruosos e desalinhados balançando para

trás e para frente, como se estivesse trabalhando em alguma coisa à sua frente. Em seguida um outro gigante apareceu do meu lado direito, caminhando em direção ao primeiro. Este último, consegui vê-lo por completo, enquanto passava diante de nós na luz sombria, a apenas três metros de distância, rios de água escorrendo-lhe pelo rosto deformado; o seu cheiro era tão forte que nem a chuva purificante conseguia eliminá-lo, provocando-me náuseas. A criatura empurrou o primeiro gigante e rosnaram um para o outro, numa língua que eu não entendia. Era uma língua gutural, fluida e grave, como se estivessem escarrando a cada palavra. Os dois afastaram-se, marchando no meio da chuva, deixando para trás uma estaca comprida e um pouco dobrada para o lado esquerdo, como se não estivesse fixa no solo como as restantes.

Com a chuva caindo a cântaros e a fumaça quase dispersa, Armon começou a avançar e depois empurrou John e *Odessa* para a penumbra da floresta. Do lado direito, um grupo de gigantes juntava-se aos dois que tínhamos acabado de ver. Viraram-se para inspecionar a zona onde tínhamos estado, no exato momento em que Armon desaparecia por entre as árvores, levando-me com ele nas suas poderosas costas.

Ficamos quietos por alguns momentos, a fumaça pendendo como um nevoeiro denso no meio das árvores, e respiramos o ar da floresta. Era uma área densamente arborizada soterrada em matagal emaranhado. Estava contente por estar nas costas de Armon, protegida dos arranhões que sofreria se estivesse no chão da floresta.

— Ainda temos que atravessar a floresta, mas a neblina de fumaça ajudará a esconder-nos — disse Armon baixinho. — Logo chegaremos ao caminho que bifurca em diversas direções. Uma destas bifurcações vai nos levar ao nosso esconderijo.

Continuando a sussurrar, disse à John e *Odessa* que o observassem e estivessem prontos a sair do caminho e esconder-se no bosque caso o vissem fazer o mesmo, pois os caminhos eram patrulhados pelos gigantes de Grindall. Avançamos silenciosamente pela penumbra, *Odessa* parecendo ser a que tinha mais dificuldade, pois as suas patas ficavam freqüentemente presas na vegetação. Pouco depois chegamos a um caminho sinuoso. Num lugar onde a morte e o desespero eram coisas banais, fiquei admirada com a beleza das curvas, com o nevoeiro de fumaça por cima das nossas cabeças, com a luz que perfurava as nuvens que já se afastavam no céu, revelando manchas de azul pálido, e com a chuva, que agora parecia uma cortina de pequenas gotas que nos envolvia. Armon colocou *Murphy*, Yipes e a mim no chão e senti a terra fofa e molhada debaixo dos pés.

Seguimos caminho, curvando para a esquerda e para a direita, com

Armon a espreitar para diante e depois para trás, em busca do nosso inimigo.

— Por que é que eles cheiram tão mal? — sussurrei. Armon levou o dedo aos lábios, fazendo-me sinal para que não falasse e depois baixou-se e sussurrou também.

— Estão apodrecendo de dentro para fora — explicou. Fiz uma careta e ele abaixou-se, colocando um joelho no chão, inclinando-se e encarando-nos a todos. — A minha raça está praticamente extinta — disse Armon, e eu vi a sua tristeza ao admitir que era o último dos gigantes. — O que resta dela não são gigantes. Estão transformados, completamente possuídos pelo Mal. Não resta neles nenhum vestígio de luz. Acho melhor chamá-los de ogros daqui para a frente, pois foi nisso que se transformaram. Não tenho nenhuma afinidade com eles.

Tinha amanhecido completamente, folhas e plantas molhadas dançando suavemente na leve brisa que soprava. Lá no alto, o céu era azul-safira e restavam apenas algumas nuvens claras. As árvores erguiam-se muito acima de nós, de ambos os lados do caminho, balançando preguiçosamente no primeiro sopro do dia.

Uma tremenda algazarra, vinda de trás de nós, assustou-nos. Quase saltei completamente fora do caminho. Era *Squire* que pousava numa árvore, ao lado do caminho.

— *Squire!* — sussurrou Yipes. — É preciso tanto dramatismo?

Mas *Squire* limitou-se a guinchar em resposta, com um brilho zangado nos olhos.

— Saiam do caminho! — ordenou Armon e, antes que eu conseguisse virar para olhar para ele, agarrou-me pela cintura e ergueu-me do chão, o meu rosto e braços roçando no denso matagal, enquanto ele me carregava. *Squire* levantou vôo novamente e nós nos agachamos no meio da vegetação que ladeava o caminho. Todos menos *Murphy*, que tinha encontrado uma noz que caíra de uma das árvores e estava tão absorto com o estaladiço petisco, mordiscando-o distraidamente no meio do caminho, que não percebeu os dois horríveis ogros se aproximando, ficando a alguns passos dele. As suas sombras ultrapassaram *Murphy*, que olhou para cima, guinchou e se pôs a correr para trás e para frente como se tivesse perdido o juízo. Depois subiu numa árvore e olhou para baixo, para os ogros, a tempo de ver o que restava do seu café-da-manhã depois de pisado.

Mais uma vez sentimos aquele cheiro desagradável quando os ogros passaram, um cheiro maduro e úmido, um cheiro detestável de carne em putrefação, que se elevava no ar e flutuava até o lugar onde estávamos agachados, imóveis, no meio da vegetação. As criaturas mal repararam em

Murphy e seguiram caminho. Mais à frente, onde o caminho se dividia em dois, os ogros seguiram direções diferentes, um penetrando ainda mais na floresta e o outro virando em direção ao lago.

— Por que não pensei nisso? — perguntou Yipes, depois deles terem passado. — Ele dará uma excelente sentinela ali de cima... se conseguirmos evitar que coma a floresta toda.

Assim, ficou decidido que *Murphy* permaneceria lá em cima, nas árvores, servindo de batedor enquanto avançávamos pela floresta. Esta era mesmo muito bonita, surpreendentemente cheia de pássaros e de outras pequenas criaturas que corriam a se esconder na vegetação. A floresta estendia-se ao longo da margem sul do lago e, a certa altura, consegui ver, por entre as árvores, a vastidão azul-cobalto e o reflexo tremeluzente da Montanha Laythen na sua superfície. Era diferente de tudo o que me lembrava de ter visto em Bridewell.

Durante muito tempo não encontramos mais nenhum ogro, embora *Murphy* nos tenha mandado sair do caminho uma vez, quando um grupo de mulheres passou numa carroça, que balançava para todos os lados, puxada por um cavalo magricela. Fiquei admirada por ver outras pessoas na floresta, e mais uma vez percebi que estávamos nos aproximando de Castalia. Vi as mulheres através do mato, principalmente a que estava mais perto de mim, sentada na beirinha da carroça. Não era bonita, mas era provável que, em tempos, tivesse sido. Tinha um ar cansado. As suas duas companheiras conversavam baixinho enquanto passavam, mas ela permaneceu em silêncio. Levantei-me no meio da vegetação e fiquei a olhar os três toucados escuros que traziam na cabeça, saltitar para cima e para baixo, com os solavancos da estrada. Alguma coisa naquela mulher me marcou e senti como se alguém estivesse me dizendo que memorizasse o seu rosto.

Seguimos caminho e não tardou que o ar se enchesse de um fedor novo, tão mau como o cheiro dos ogros, mas diferente, mais parecido com lixo em putrefação. *Murphy* desceu correndo de uma árvore e, mais uma vez, nos juntamos fora do caminho.

Só foram ditas quatro palavras, mas foram palavras que provocaram uma nova sensação de alarme.

— A Cidade dos Cães — disse John, e Armon confirmou com um movimento de cabeça.

CAPÍTULO 16

A CIDADE DOS CÃES

— Logo depois da curva, na clareira, a floresta torna-se menos densa e começa a lixeira — informou Armon. — Aí encontraremos os cães selvagens, cujas matilhas cresceram e se tornaram mais violentas com o passar dos anos.

A seguir parou, farejou o ar, concentrando-se, sem dúvida tentando se recordar do local como ele era da última vez que o vira.

— Saquem suas armas e preparem-se para o pior — sussurrou, desembainhando a sua espada maciça o mais silenciosamente possível. Depois olhou atentamente para *Odessa*, os dois fixando-se no meio do silêncio.

— Talvez possa ser útil aqui — disse Armon. — É possível que te vejam como um dos seus e nos deixem passar. Mas não conseguiremos evitá-los. Eles sabem que estamos aqui.

Descemos o que restava do caminho, *Odessa* e John caminhando à frente, confiantes, ao lado um do outro. Quando contornamos a última esquina arborizada, o fedor quase me fez desmaiar, uma brisa suave transportando com ela um presságio do que tínhamos pela frente.

A Cidade dos Cães era muito semelhante ao que eu imaginara, uma vasta extensão de casas em ruínas e montanhas ondulantes de lixo. Havia caminhos que seguiam em várias direções, a terra dura trilhada por marcas de rodas que faziam poças com água da chuva. Pilhas de lixo fumegavam, batidas pelo sol matinal, e a brisa soprava lufadas constantes de odores novos e pungentes sobre nós.

Continuamos a caminhar, seguindo Armon, sempre à escuta de humanos ou ogros que pudessem andar por ali. Não tardou, estávamos bem no interior da Cidade dos Cães e ouvíamos uivos vindos de perto e de longe. *Odessa* começou a rosnar e a avançar cada vez mais relutantemente, as orelhas espetadas e atentas aos cães que pudessem saltar de algum esconderijo e nos atacar.

— Onde é que eles estão, *Odessa*? — perguntou Yipes, que tinha uma flecha encaixada no seu pequeno arco, pronta a ser disparada.

— Estão sempre em movimento — respondeu ela, e eu fiz a tradução para os outros. — E há mais de uma matilha... pelo menos duas. Estão ambas nos seguindo e vigiando uma à outra. — Nisto estacou e olhou para trás, para

nós. — São ambas matilhas grandes, provavelmente com cinquenta ou mais indivíduos.

De repente, estávamos rodeados por rosnados e latidos e, um minuto depois, ficamos encurralados, com uma das matilhas aparecendo de trás de dois montes de lixo, do lado esquerdo do caminho, e a outra avançando pela direita. Fila após fila, os cães nos rodearam. As suas bocarras pingavam saliva e alguns tinham feridas abertas em volta da boca e do nariz. Outros, na fila mais afastada de nós, estavam fracos e coxos.

O nosso grupo juntou-se à medida que os cães apertavam o cerco. Seria inútil correremos; era o que eles esperavam que fizéssemos, para poderem nos separar, isolar e abocanhar pelas pernas, derrubando-nos, e despedaçando-nos um a um.

— Consegue falar com eles, *Odessa*? — supliquei. Os latidos e rosnados eram ferozes e eu tremia de medo. A primeira fila de cães estava apenas a uns metros de distância e, no lugar onde as duas matilhas se encontravam, havia cães rosnando e lutando violentamente. Senti que era apenas uma questão de tempo até sermos apanhados num mar de dentes e garras, enquanto as duas matilhas lutavam para ver quem nos receberia como prêmio.

Um cão enorme, negro e de aspecto surpreendentemente saudável, com uma cabeça gigantesca e juba amarfanhada, que eu supus ser o líder de uma das matilhas, aproximou-se ainda mais de nós. *Odessa* meteu-se entre ele e eu, rosnando ferozmente. Colocaram-se os dois em posição de ataque, não investindo mas, ao que parecia, com pouco mais em mente. Da parte da outra matilha veio uma situação semelhante com o maior dos cães, um viralata castanho de pêlo farfalhudo e dentes branquíssimos, a avançar, colocando-se desafiadoramente diante de Armon. Eram criaturas assustadoras, infectadas com doenças que, com uma única dentada, poderiam ser transmitidas a qualquer um de nós.

— Têm uma escolha a fazer. — Era John quem falava, a sua voz apaziguadora causando uma onda de farejadas e cabeças oscilantes naquele mar de cães selvagens. — Podemos combater aqui no lamaçal. Certamente acabarão por nos vencer, mas não antes de termos matado muitos, senão a maioria de vocês. A espada de Armon sozinha enviará muitos de vocês para a sepultura e, quem sabe, talvez consigamos matar a todos antes disto terminar. Afinal, temos espadas, flechas e um gigante. — John fez uma pausa e olhou em volta. — Isso pode não ser o suficiente contra cem cães mas certamente não ficará muito longe disso.

O cão preto caminhou para trás e para frente, confuso, sem saber o que pensar deste homem que tinha à sua frente.

— Como pode ser possível entendermos o que você fala? — rosnou o cão. — Entende o que estou dizendo?

John repetiu, palavra por palavra, o que o cão tinha dito, desconcertando ainda mais os dois líderes. Completamente confusos e sem saber o que fazer, os membros restantes das duas matilhas recuaram e ficaram à espera da reação do respectivo líder.

— Se me ouvirem, proponho uma alternativa que lhes será vantajosa e, creio que concordarão — prosseguiu John.

Colocando um joelho no chão, ajoelhou-se entre os dois animais e começou a explicar quem nós éramos e por que tínhamos vindo. Omitindo muitos detalhes que eram de pouca importância, contou-lhes que estávamos ali para destruir Grindall, para libertar o povo dos ogros e para salvar um prisioneiro que estava encarcerado no castelo.

— Se vocês dois conseguirem controlar as suas matilhas e usá-las para nos ajudar a derrotar Grindall e o seu exército de monstros, dou-lhes a minha palavra que farei tudo o que estiver ao meu alcance para ajudá-los — terminou John.

O cão castanho e sarnento lambeu o focinho e pareceu considerar a proposta.

— *Piggott*? — perguntou, olhando para o outro líder, querendo saber a sua decisão. — Há muito que escolhemos os nossos territórios e formamos os nossos exércitos. Mas a comida torna-se mais escassa a cada ano que passa e as nossas lutas nos trazem cada vez menos benefícios. Não tarda nada, teremos que avançar para o cais para encontrarmos comida e isso será o nosso fim. Os gigantes acabarão conosco, um a um, até não restar nenhum de nós.

O cão preto olhou-nos atentamente, muito empertigado, numa pose orgulhosa e, pela primeira vez, reparei que suas costelas apareciam sob o pêlo. Há quanto tempo não comia? Apetecia-me esticar a mão e fazer-lhe uma festa, mas tinha medo que se virasse e me mordesse.

— *Scroggs* — disse, dirigindo-se ao cão castanho. — Será este o gigante que levou as últimas pedras? — Armon permaneceu calado, observando maravilhado enquanto nos comunicávamos com os cães. A ele parecia que *Piggott* e *Scroggs* apenas rosnavam, ladravam e moviam as cabeças de um lado para o outro. Era uma linguagem estranha que ele não entendia.

Tirei a minha Jocasta da bolsa e mostrei-a, brilhando mesmo em pleno dia. *Piggott* e *Scroggs* deram um passo atrás e os outros cães recuaram ainda mais, alguns ficando apenas com os focinhos visíveis, com o resto do corpo escondido atrás de paredes caídas e montes de lixo.

— É mesmo o gigante Armon, aquele que eles procuram dia e noite —

constatou *Scroggs*, espantado e tremendo. — O fim deve estar mais perto do que eu pensava!

Seguiu-se uma grande discussão, com *Piggott* e *Scroggs* discutindo quem ocuparia o posto mais elevado e como as duas matilhas poderiam se fundir ou trabalhar juntas. Na sua excitação de derrotar Grindall, pareciam ainda mais ferozes.

Ficou decidido que teríamos que nos esconder e, mais uma vez, o local escolhido foi a torre do relógio que ficava na ponta extrema da lixeira. *Scroggs* e a sua matilha patrulhariam a zona norte da Cidade dos Cães, e *Piggott* e o seu bando ficaria com a zona sul. Quando chegasse a hora chamaríamos e, como uma só força, os cem cães atacariam o castelo na calada da noite.

— Queremos algo em troca da nossa ajuda — disse *Piggott*, e todos os cães das duas matilhas começaram a ganir e a ladrar. — Há um açougue no cais. Tragam-nos cem peças de carne fresca e lutaremos até à morte. Estes animais merecem ter uma boa refeição na vida e eu tenciono lhes dar.

Olhei para as duas matilhas. Terminados os ameaçadores rosnados e latidos, não passavam de uns miseráveis. Muitos deles eram grandes mas estranhamente frágeis e dóceis, e a maioria estava visivelmente doente. Senti pena deles e, embora desejasse poder salvar a todos, sabia que uma vitória contra Grindall pouco traria àquelas criaturas. Estavam destinados a morrer mais cedo do que tarde. *Scroggs* e *Piggott* sabiam e, talvez por isso, tivessem tão prontamente aceitado juntar-se a nós na nossa missão. Uma morte heróica em combate era melhor que aquela que esperava ambas as matilhas. Odiavam Grindall, os ogros e a sua malvadez e esta era a sua oportunidade de destruí-los, de serem úteis no fim da vida.

— John e eu podemos ir — disse eu. — Nós traremos a sua refeição... ainda mais, se conseguirmos carregar com tudo.

As matilhas mantiveram-se do seu lado do caminho enquanto *Scroggs* e *Piggott* nos conduziam ainda mais para o interior da Cidade dos Cães, a caminho da torre do relógio. Só precisávamos de mais uma coisa, algo do qual dependia o nosso sucesso. Precisávamos de castalianos, de muitos castalianos.

CAPÍTULO 17

O CAIS

A torre do relógio era tal e qual tinha imaginado quando ouvi a história. Tinha um ar misterioso, erguendo-se sozinha no meio das ervas daninhas e das ruínas, como se nela tivessem acontecido coisas secretas num passado distante. Era redonda e feita de pedra, coberta de hera e com um aspecto muito antigo. Apeteceu-me imediatamente tocar e sentir o lugar onde Laura e Catherine tinham se escondido.

— É fantástica — disse eu, olhando para John, no ar noturno que ia esfriando. Ele apenas disse que sim com a cabeça, tal como eu, perdido nos seus pensamentos sobre o lugar.

Os nossos rostos estavam ocultos sob capuzes feitos de cobertores. Era comum os camponeses de Castalia usarem um cobertor como manto e ele nos ajudava a sentir que não seríamos detectados ou identificados como forasteiros caso encontrássemos alguém. O resto da nossa vestimenta estava em conformidade com a utilizada pela gente do povo; tudo o que vestíamos estava sujo e esfarrapado da nossa viagem, John com a sua túnica surrada e eu com uma túnica cor de terra, esfarrapada nos tornozelos e um par de sandálias de couro velhas e gastas.

Tínhamos deixado todos os outros na torre do relógio a planejar uma forma de salvarmos Catherine e livrarmos Castalia de Grindall e dos ogros. Fazia calor, o ar estava pesado dentro da torre e eu estava satisfeita por ter saído daquele ambiente. Mesmo assim, o espaço aberto da Cidade dos Cães tinha um cheiro que se podia cortar à faca. Ansiava estar junto ao lago onde o ar teria um cheiro fresco e limpo.

Armon já tinha pensado bastante sobre a melhor maneira de tratarmos do assunto com Grindall e tinha nos explicado, com todos os detalhes, como devíamos nos aproximar do cais sem sermos vistos e como poderíamos nos misturar com o povo caso alguém nos abordasse. Tanto John como eu transportávamos as nossas mochilas de couro nas costas. Estavam vazias mas esperávamos poder regressar à torre do relógio com tanta carne quanto coubessem nelas.

— O açougue recebe normalmente três ou quatro porcos na parte da

manhã — disse *Piggott*, que seguia bem à nossa frente, conduzindo-nos silenciosamente até o início do cais, onde esperaria o nosso regresso. — Nos fundos da loja ele põe os pernis para defumar e ferve os ossos. É aí que encontrarão o que queremos. Os pernis são pesados mas conseguirão transportá-los. Podem cortá-los em pedaços na torre do relógio.

Piggott continuou a caminhar, John e eu o seguimos, até chegarmos ao último dos edifícios em ruínas e montes de lixo. Diante de nós estendia-se um terreno descoberto, do outro lado do qual brilhava a margem do lago, a sua superfície um mar de líquido negro, marcado pelos reflexos das estrelas e da lua.

— Se atravessarem este terreno aqui e seguirem a margem do lago, encontrarão o cais — disse *Piggott*, sentando-se e coçando vigorosamente a cabeça de lado. — Esta extensão de terreno não é patrulhada por gigantes, apenas por humanos. Eles não andarão à procura de intrusos, uma vez que ninguém vem aqui. Apenas procuram aqueles que tentam fugir. Mas até estes são tão poucos que os guardas normalmente passam quase toda a noite dormindo ou jogando cartas. Se tiverem cuidado, não deverão ter qualquer problema em entrar no cais. Sair de lá é que pode ser mais complicado, mas, se forem cautelosos e silenciosos, conseguirão passar.

Antes da nossa partida, Armon tinha tido o cuidado de nos explicar que, no cais, a escuridão significava que haveria poucas pessoas perambulando por ali. Veríamos um ou outro guarda ou ogro, e lavadeiras despejando água suja, ou homens recolhendo lixo, mas as ruas estariam em grande parte vazias até amanhecer.

John foi o primeiro a se aventurar no terreno descoberto; eu o segui com alguma hesitação, desejando pela primeira vez, poder ficar na segurança suja da Cidade dos Cães. A margem do lago não ficava muito longe e, à medida que nos aproximávamos, o ar ia se tornando mais fresco e a noite calma e pacífica. O som da água a marulhar preguiçosamente nas pedras acalmou-me o espírito desgastado e, por instantes, senti-me como se estivesse outra vez em casa, sentada à minha escrivaninha, aborrecida, mas feliz e em segurança.

Caminhamos a passo rápido ao longo da margem, seguindo-a até as luzes fracas que se viam à distância, não muito longe dali. Ouvi vozes, transportadas do outro lado do lago, e perguntei a mim mesma quem poderíamos encontrar e o que poderiam estar fazendo. Dois homens, provavelmente guardas, caminhavam ao longo da margem do lago, tal como nós, vindo na nossa direção, cada qual empunhando um archote. John pegou minha mão e corremos para o terreno, deitando-nos no chão, escondidos na vegetação rasteira, onde permanecemos imóveis, à espera.

Os homens avançaram um pouco mais e depois voltaram para trás,

regressando ao cais sem chegar junto de nós, conversando tranqüilamente enquanto caminhavam.

Levantamo-nos e os seguimos à distância até desaparecerem numa curva e nós nos encontramos à entrada do cais, onde começava a haver casas. Já eram quase onze horas da noite e, tal como Armon previra, as ruas de pedra estavam desertas.

Mesmo na escuridão, era óbvio que o cais era um lugar sujo. As casas e as frentes dos pequenos edifícios eram feitas de pedra caiada de branco e madeira, mas eram estruturas simples, sem qualquer beleza ou caráter, e muitas apresentavam fachadas rachadas e cantos desmantelados. A rua era feita de pedras pequenas, muito menores do que as que eram usadas na cidade em que eu vivia, e a chuva que caíra recentemente tinha deixado algumas delas cobertas de lama. Um muro de pedra com cerca de um metro de altura estendia-se ao longo do lado do cais que dava para o lago, com uma abertura de seis em seis metros, que dava acesso à água.

— O que faremos? — perguntei.

John fez-me sinal para que avançasse e caminhamos junto ao muro até chegarmos a uma dessas aberturas. Depois passamos através dela e, do outro lado do muro, abaixamo-nos e avançamos silenciosamente ao longo da margem. Caminhávamos em cima de vegetação rasteira, pedrinhas e rochas, mas o pequeno muro que se erguia ao longo da margem do lago escondia-nos. Passamos por um grupo de guardas que jogavam dados e por um homem que empurrava uma pequena carroça pela rua empedrada. Havia candeeiros iluminando a noite ao longo da estrada, mas na relativa escuridão junto ao lago, conseguimos avançar sem sermos vistos.

Um pouco depois, encontramos um grupo de mulheres junto ao muro. Estavam lavando roupa e conversando calmamente. Uma delas passou por uma das aberturas e despejou água suja para dentro do lago, voltando a encher o seu balde de madeira. Tal como as outras mulheres, usava um toucado azul e, quando se virou para regressar ao trabalho, reparei que tinha a mesma expressão da mulher que vira passando pela Cidade dos Cães durante o dia. Tinha um ar triste e cansado, movendo-se como se estivesse apenas meio acordada.

A mulher juntou-se às suas companheiras e as quatro continuaram a trabalhar e conversar baixinho. Para encontrarmos o açougue, teríamos que atravessar para o outro lado do muro e passar por elas a descoberto. Recuamos e emergimos num lugar onde a luz era fraca. Cobrimos os rostos e baixamos as cabeças. Depois descemos a rua na direção das mulheres de toucados azuis. Conseguia ouvir outra carroça a descer uma das ruas secundárias e a voz gutural de um ogro vinda de algum lugar atrás de nós. A voz estava suficientemente

afastada para que eu não conseguisse dizer ao certo de onde vinha, pois o som ricocheteava no lago. Apressamos o passo e não tardamos a nos aproximar das mulheres, o som de roupa molhada a bater contra pedras cobertas de sabão e o cheiro pungente e límpido do sabão pairando no ar.

Seguimos caminho e eu me pus à escuta quando as mulheres interromperam o seu trabalho e a rua ficou em silêncio. Depois passamos em frente delas, os meus olhos postos no chão, observando as pedras da rua que passavam debaixo dos meus pés.

— Não deviam andar por aí a esta hora — disse uma voz calma mas firme. — Estão trabalhando?

Quando olhei para cima vi que era a mulher que vira na floresta, a calada que ia na carroça, cujo rosto não me saía da memória. Como era possível que tivéssemos nos encontrado duas vezes, ao acaso, em tão curto período de tempo? Perguntei a mim mesma se Elyon não estaria mexendo os pauzinhos no interior da Décima Cidade, movendo pessoas de um lado para o outro para que se encontrassem. Instintivamente, coloquei a mão sobre a bolsa de couro que protegia a minha Jocasta e depois parei no meio da estrada, embora John tentasse me puxar para continuar a caminhar.

Tinha estado rodeada de homens a minha vida toda, e a viagem até Castalia, com a exceção da quase sempre silenciosa presença de *Odessa*, não tinha sido diferente. Esta era uma realidade que não me incomodava minimamente: vivia no que muitas vezes me parecia ser um mundo de homens, e tinha aprendido a aceitar este fato e até apreciar a singular posição que nele ocupava. Mas havia algo especial no rosto daquela mulher e no modo como nos falara. Eu a entendia de uma forma que John não entendia. Senti uma esperança secreta no seu interrogatório... uma esperança de que John e eu fôssemos algo mais do que dois camponeses a perambular pela noite.

— Estão trabalhando até tarde hoje — disse eu, ainda sem me virar para encará-la, mas dando-lhe a conhecer que era uma menina.

— Estamos atrasadas com a roupa, portanto trabalhamos de noite — respondeu a mulher e as outras sussurraram umas com as outras, junto dela. O tom de voz da mulher permaneceu calmo e controlado, como se apenas falasse quando era necessário. — É assim que as coisas funcionam em Castalia, como você bem sabe. — Ela estava sondando, procurando algo mais.

John me puxou mais uma vez pela túnica e, desta vez, peguei sua mão e afastei-a suavemente. Depois ergui a cabeça e olhei diretamente para o rosto das quatro mulheres, tirando o capuz da cabeça e deixando-o cair sobre os ombros.

— Não somos daqui — disse, uma onda gélida de medo varrendo-me da cabeça aos pés quando as palavras me saíram da boca. Houve um minuto de

silêncio e, em seguida, estiquei uma mão e toquei levemente no braço da mulher que estava mais próxima. — Viemos para ajudá-la.

Pronto, a jogada estava aberta. Todos os riscos que tínhamos corrido e todas as nossas esperanças estavam suspensos no vento. Elas podiam gritar por socorro e nós seríamos capturados e torturados na masmorra de Grindall. Estaria tudo perdido. Abaddon recolheria as pedras e Elyon seria derrotado.

A voz do ogro estava se aproximando, vinda de uma estrada secundária, gorgolejando e cuspidando, os seus enormes pés batendo no chão enquanto avançava.

— O inimigo vem aí. Que dizem? — perguntei. A mulher olhou para as companheiras e parecia estar tentando adivinhar se alguma delas iria nos entregar. John começou novamente a me puxar, arrastando-me com ele pela estrada, contra minha vontade.

— Arrumem suas coisas e voltem para casa — disse a mulher. As outras três esboçaram grandes sorrisos e começaram a se mexer. A mulher estendeu-me a mão. Olhei para John, que hesitou e depois manifestou o seu acordo cauteloso com um movimento de cabeça. Mal dei a mão à mulher, começamos os três a correr pela rua, perdendo-nos rapidamente no labirinto de ruas estreitas, virando primeiro para aqui e depois para ali. Ela se manteve calada enquanto corríamos. Esta não era a mulher calma que eu tinha visto na floresta, em cima da carroça, nem no cais lavando roupa. Transbordava energia, estava alerta e decidida.

Em algum lugar, no meio das curvas e contracurvas que demos no cais, ela parou, espreitou por uma esquina sem visibilidade, e apertou-me a mão com um pouco mais de força, sussurrando-me ao ouvido.

— Não tenha medo — disse, fazendo-me sinal para que espreitasse pela esquina juntamente com ela. A uns dezoito metros dali havia um muro alto, de pedra, com um enorme portão de ferro. Diante do portão havia dois ogros armados com espadas gigantescas. Do outro lado do portão estendia-se um caminho escuro e, para além dele, uma série de archotes subiam na escuridão. No céu negro erguia-se uma solitária torre, que subia até às estrelas, uma sombra ameaçadora invadindo o céu.

— É a Torre das Trevas — sussurrou a mulher. — O castelo de Grindall.

— Por que nos trouxe até aqui? — perguntei, insegura por estarmos tão perto do inimigo. Ela me segurou a mão com mais força ainda. Bastaria um puxão e estaria tudo acabado; eu estaria em terreno aberto e indefesa.

A mulher se virou para nós dois, a sua beleza de outrora bem visível para mim, mesmo na escuridão. Embora abatida e envelhecida pela pobreza, tinha um rosto perfeito e as lágrimas que tinha nos olhos davam-me vontade de salvá-la, mais do que qualquer outra coisa no mundo.

— Ele é um homem mau, guiado por forças malévolas — sussurrou, com a voz tremendo de emoção. — Ninguém sabe o que se passa no interior da Torre das Trevas, só sabemos que são coisas más.

Parando de falar, espreitou novamente e depois voltou a olhar para nós.

— A fúria e a violência dos gigantes aumenta a cada dia que passa. A sua doença e podridão aumentam e Grindall fica mais impaciente para conseguir o que quer que seja que procura. Essa ânsia o consome.

Encarei-a de frente, a minha voz soando surpreendentemente firme e tranqüilizadora enquanto falava.

— Eu sei o que ele procura e porquê — disse, já sem medo de revelar demais.

— Eu também — disse a mulher, piscando-me o olho e sorrindo-me timidamente. Não pude evitar retribuir-lhe o sorriso ao ver a esperança estampada no seu rosto.

— Temos que ir — disse John, a sua mão segurando firmemente a espada que tinha escondida, os olhos movendo-se de um lado para o outro, atento a qualquer perigo.

A mulher fez-me girar e, mais uma vez, corremos pelas ruas, regressando para a beira da água. Enquanto corríamos, disse-lhe o meu nome e o de John e ela nos disse que se chamava Margaret. Não sabia dizer se Margaret estava nos conduzindo pelo mesmo caminho ou se estava seguindo outro... as ruas e corredores estreitos serpenteavam em todas as direções e as fachadas das casas pareciam todas familiares, mas afinal, eram barracas feitas de pedra e madeira, iguais umas às outras.

A certa altura, chegamos junto a uma porta de madeira com um batente redondo, em forma de ferradura. Margaret bateu três vezes no batente com os dedos, um som denso, de madeira, ecoando rua abaixo. Um minuto depois a porta se abriu, rangendo. Entramos e ela foi fechada e trancada atrás de nós.

CAPÍTULO 18

BALMORAL

A lareira estava acesa. Algumas velas pequenas, duas delas em cima de uma grande mesa velha e outra a derreter sobre uma pilha de lenha a um canto, contribuía também para a fraca iluminação da pequena divisão. Uma menina brincava no chão, com cascas de cebola que caíam do colo da mãe. A criança cortava cuidadosamente as cascas finas em bonecas e roupa para as mesmas. Tanto ela como a mãe interromperam o que estavam fazendo e olharam-nos fixamente, a pequena agarrando-se firmemente à perna da mãe, que ficou de boca aberta ao nos ver.

Havia também um homem na divisão. Era magro, tinha uma barba negra e farfalhuda e estava de pé, ao lado da lareira, com um atizador de brasas na mão. Fora ele quem abrira a porta, tendo depois olhado para Margaret com incredulidade por ela ter nos trazido até ali. Tinha olhos grandes, faces pálidas e cabelo escuro.

Do nosso lado direito estavam as outras três mulheres que tínhamos visto junto ao lago. Uma delas lavava um prato castanho numa barrica de madeira, outra depenava uma ave pequena e a terceira pendurava roupa molhada num arame que se estendia até junto à lareira. Bem no centro da divisão havia uma mesa pesada e retangular, danificada pelo tempo, e cheia de raízes e batatas, tigelas de madeira e jarros. Dois bancos pesados e compridos acompanhavam o comprimento da mesa e Margaret, que tinha ficado bastante pálida, fez sinal para que John e eu nos sentássemos num deles; depois dirigiu-se para junto do homem e puseram-se a cochichar, enquanto os outros ocupantes da divisão fingiam voltar às suas tarefas.

— Gosto das tuas bonecas — disse eu à menina. Ela parecia ser a pessoa mais acessível na sala, mesmo com a mãe junto dela. — Nunca pensei fazê-las assim. Deve ser uma menina muito esperta.

Ela ficou radiante e olhou para a mãe como que dizendo: — *Ela é simpática. Posso brincar com ela?* — Antes que tivesse obtido uma resposta, o homem que estava junto da lareira caminhou para o meio da divisão e olhou-nos, desconfiado.

— O meu nome é Balmoral e esta é a minha casa — disse, fazendo um

movimento circular com a mão, num gesto grandioso. — Grindall tem nos obrigado a trabalhar até tarde quase todas as noites, portanto o jantar está atrasado. Podem ficar o tempo que quiserem e, se ainda não comeram, haverá um caldeirão de sopa de cebola com pombo dentro de uma hora.

Colocando a mão ao lado da boca, inclinou-se, aproximando-se mais de nós, e sussurrou:

— É mais cebola e água mas apanharão um pedaço ou outro de carne se estiverem no início da fila. — Dizendo isto sorriu de leve e eu vi que era uma pessoa hospitaleira, satisfeito por ter companhia inesperada e curioso quanto ao motivo da nossa visita. — Enid, pegue o seu balde de roupa e vá até o lago e volte. Certifique-se que ninguém viu estes dois entrando.

Uma jovem, uma das três mulheres que víamos anteriormente, atravessou rapidamente a sala, pegou num velho balde de madeira e dirigiu-se à porta. Margaret retirou a tábua de madeira que trancava a porta e abriu-a. Depois de Enid ter saído, Margaret voltou a fechar a porta e a colocar a tábua nos seus ganchos de ferro, trancando-nos mais uma vez dentro da divisão.

Uma vez fechada a porta, comecei a pensar no pombo cozido, o que, juntamente com o cheiro forte de cebolas e odores corporais, me fez colocar a mão em frente da boca e baixar a cabeça. Tudo tinha um cheiro espesso e pegajoso e eu desejava poder voltar para o ar livre, junto ao lago, para respirar.

— Eu sei, eu sei... estas cebolas estão um pouco maduras. Mas não tanto como todos nós, não acha?

Balmoral desatou a gargalhar e vi que lhe faltava um dos dentes da frente. As mulheres que estavam na sala pareciam achá-lo muito cômico e riram também. Pouco depois, eu também estava rindo. Até John, ainda nervoso com a situação em que nos encontrávamos, demonstrou algum divertimento, sorrindo e olhando em volta.

— À noite, somos um bando divertido — continuou Balmoral, controlando-se novamente, limpando uma lágrima do olho e soltando uma última gargalhada. — Não temos muito na vida, mas temos uns aos outros e a nossa privacidade depois do sol se pôr. Vivemos o melhor que podemos no reino de Grindall.

O homem voltou para junto da lareira e cutucou as chamas com o atizador. Por um instante, a divisão foi iluminada pelas fagulhas que se levantaram e, em seguida, Balmoral meteu o dedo no caldeirão negro que estava suspenso sobre o lume, retirando a mão rapidamente.

— Acho que já podemos colocar as cebolas — afirmou, limpando os dedos na manga castanha da túnica e olhando afetuosamente para a mulher que estava descascando as cebolas. — Esta é a minha mulher, Mary — apresentou

ele. A medida que ele falava, fiquei sabendo que a menininha que fazia bonecas com as cascas das cebolas era a sua filha, Julia. Margaret era sua irmã, que tinha dois anos a menos que ele, e as outras mulheres eram Gwen, Rose e Enid, que tinha acabado de sair. Quando acabou de apresentar estas últimas senhoras, acrescentou: — São as três viúvas.

Em seguida curvou-se reverentemente, levantou-se e olhou novamente para elas.

— Uma doença terrível varreu a cidade há um ano, levando um em cada dez de nós.

Balmoral ficou momentaneamente deprimido; era óbvio que algumas das pessoas que tinham morrido eram amigos seus e que sentia saudade deles. Mas não perdeu muito tempo pensando nas tristezas do passado e a sua disposição tornou-se rapidamente mais alegre.

— Bem, se o que Margaret me contou for verdade, temos muito que falar, não é? — disse. Mary colocou-se atrás dele, deixando cair cebolas dentro da panela.

A hora que se seguiu passou rapidamente, enquanto John e eu contamos aos castalianos tudo o que sabíamos. Começamos com a história de Warvold e a nossa viagem, passando depois às lendas de Elyon e Abaddon e, finalmente, contamos nossos planos para salvar Renny e destronar Grindall. Durante este tempo todo Balmoral permaneceu junto à lareira, bebendo cerveja e, de tempos a tempos, pegando numa grande colher de pau para provar a sopa. Mostrou-se muito curioso e alegre enquanto falávamos.

— Vocês os chamam de ogros?... O nome dele era Warvold, vocês dizem?... Tem uma pedra... uma das pedras especiais? — Fez perguntas atrás de perguntas, enquanto esperávamos que a sopa ficasse pronta.

Finalmente, Balmoral tirou o panelão negro do seu gancho sobre o fogo e pousou-o no chão de pedra à sua frente.

— O que se passa com os gigantes... com os ogros... eles não eram tão maus antes de... bem, presumo que já os tenham visto? — perguntou, olhando em volta. John contou-lhe o último detalhe que ele precisava saber: que tínhamos o último dos gigantes do nosso lado, um gigante verdadeiro e não um possuído por Abaddon, um gigante que lutaria até à morte para libertar Castalia.

Esta informação pareceu interessar especialmente a Balmoral. Enquanto servia tigelas de sopa fumegante, olhou para John com uma seriedade que eu ainda não tinha visto nele.

— Então é verdade — disse ele, segurando uma tigela meio cheia numa das mãos. — Hoje a lenda torna-se realidade.

A luz tremeluzente dançou no branco dos seus enormes olhos encovados,

e Balmoral olhou fixamente para as chamas durante um longo momento de contemplação, a grande colher de pau pingando sopa aguada para dentro do caldeirão. Depois pareceu acordar do transe e começou a servir mais tigelas de sopa.

Juntamo-nos em volta da mesa, a pequena Julia tratando de arranjar um lugar ao meu lado. Fiquei surpreendida quando os ouvi oferecer uma oração a Elyon, erguendo as mãos no ar e dando-lhe graças, pedindo-lhe que regressasse. Não suplicaram pela sua liberdade ou se queixaram. Em vez disso, mostraram a sua gratidão por uma tigela de sopa de pombo aguada. Terminada a oração, comeram devagar, beberam a sua cerveja e sorriram com frequência. Fiz cócegas nas costelas de Julia, fazendo-a saltar; ela riu, encostou a cabeça no meu braço e, enquanto brincávamos de casinha, me atrevi a fazer uma pergunta aos castalianos.

— Acreditam que Elyon existe?

Balmoral ia começar a falar mas Margaret tocou-lhe suavemente no antebraço e respondeu.

— Milhares de pessoas sofreram e morreram para construírem aquele castelo de monstros — disse, limpando a boca na ponta do avental, a voz tremendo como anteriormente. — Há muito que vivemos no meio de um Mal tremendo e ninguém nunca veio nos ajudar. Mas, de certa maneira, esse Mal tem sido um consolo. É como se, pela sua presença, saibamos que as histórias que nos foram transmitidas são verdade. Elyon está entre nós, está próximo de nós, esperando nas sombras até que a crueldade chegue ao fim e ele possa regressar para nos reclamar.

No entanto, ela já ia ao meio da sua comovente resposta e eu permanecia insatisfeita.

— Sim... mas como sabem que ele vai regressar? — perguntei. — Há muito tempo que ele está ausente. Há tanto tempo que, na minha cidade, há muita gente que nem se lembra dele.

Margaret ergueu a colher cheia de caldo e virou-a, as gotas de líquido caindo novamente na sua tigela.

— De onde vem a água? Quem cria este ar que eu inspiro e expiro? Não sei como estas coisas são feitas e, no entanto, estou viva.

Aqui fez uma pausa, pensando antes de continuar:

— O Mal domina o meu povo, mas os gigantes transformam-se em monstros, tal como diziam as histórias. E você... você vem com a última das pedras em volta do pescoço, tal como dizem as histórias antigas. E de onde vêm estas histórias? Ou são uma brincadeira malvada de Abaddon, ou são verdade. Eu prefiro pensar que são verdade. Chegou a hora de Abaddon ser derrotado e de

Elyon regressar.

— Eles podem ser mortos, sabem? — disse Balmoral, estalando os lábios entre colheradas de caldo. Olhei para ele, não entendendo imediatamente o que queria dizer. — Os ogros, eles podem ser mortos. — Deu mais uma grande sorvida de sopa e um gole de cerveja da sua grande caneca de metal. — Basta espetar-se a lâmina no lugar certo. O único problema é que esse lugar é um pouco difícil de alcançar, já que fica no topo das suas cabeças.

Comi uma colherada da minha sopa, que não era tão má como receara. Mary tinha juntado flor silvestre, raiz de cipreste e gengibre, e dei por mim a apreciar o sabor forte das cebolas, apesar de encontrar, de vez em quando, um pedacinho duro de pombo.

— Eles usam cotas de malha no peito e nas costas, debaixo daquela maldita roupa negra, e couraças de metal nos ombros, nas pernas e no pescoço — continuou Balmoral. — Também têm elmos, mas as suas miseráveis cabeças estão tão cobertas de feridas abertas e crostas que não conseguem usá-los. Já vi um ogro de perto quando um deles estava mergulhando a cabeça numa cuba de água. É uma verdadeira desgraça. É na cabeça que os estragos são maiores. Aquilo ali em cima é tudo uma grande chaga aberta; quase os enlouquece de raiva.

Comeu mais três colheradas de sopa, sorvendo-as ruidosamente antes de levantar os olhos da tigela e ver que estávamos todos olhando fixamente para ele. Os seus olhos esbugalhados e cômicos moveram-se de um lado para o outro, uma gota de caldo gorduroso deslizando pelo queixo peludo.

— Ah sim, penso que uma lâmina cravada no alto da cabeça acabaria com eles. Tenho quase certeza que sim — disse. Depois, sentindo que tinha audiência, continuou. — Se quiserem ouvir, tenho uma opinião que talvez esclareça um pouco mais as coisas.

Não vendo qualquer objeção, Balmoral olhou saudosamente para a sua tigela de sopa, meio comida, pôs a colher de pau de lado e limpou a boca com a manga esfarrapada.

— Nunca devemos nos esquecer da ordem pela qual as coisas foram feitas — começou. Eu já estava confusa e Balmoral tinha percebido. Passou a mão pelo rosto barbudo e começou de novo. — Se Elyon realmente criou tudo desde o início, tem conhecimentos especiais que mais ninguém tem. Nós só aparecemos muito tempo depois dos Serafins, dos gigantes e da própria Terra de Elyon, portanto, Elyon sabe certamente mais sobre nós do que nós mesmos. Não seria assim também com as outras coisas que ele criou, principalmente as primeiras?

Balmoral começava a se mostrar mais sábio do que eu esperara ao

conhecê-lo.

— Do lado de Abaddon estão Grindall e os ogros; são coisas do Mal, coisas como a raiva, a malevolência e a falsidade. Mas nós apoiamos um lado diferente, o lado controlado por Elyon, que é justo, sábio e bom.

Balmoral olhou mais uma vez para a sua tigela, foi vencido pela fome e levou-a à boca, ignorando completamente a colher e engolindo o que restava da sopa.

— Ahhhh! É muito mais agradável falar de estômago cheio, não acham?

Pegando na sua caneca de cerveja, deu um grande gole e arrotou escandalosamente. Depois continuou a expor as suas idéias.

— Então, do lugar onde estamos, Grindall e os ogros parecem impossíveis de derrotar. Parece uma loucura enfrentarmos um inimigo tão monstruoso. Mas deixem-me voltar à minha frase inicial e mostrar-lhes por que as coisas poderão não ser totalmente o que parecem.

Percorreu a sala com os olhos, fazendo uma pausa, enquanto Julia me apertava a mão e se encostava ainda mais ao meu colo.

— Nunca devemos nos esquecer da ordem pela qual as coisas foram feitas — repetiu. — Porque Elyon criou, não apenas a Terra de Elyon e pessoas como vocês e eu. Há muito tempo criou também Abaddon. E quem poderá afirmar que, ao fazê-lo, não terá feito algo de inesperado?

Balmoral baixou a voz até esta ser quase um sussurro.

— Da mesma forma que vocês ou eu moldamos um pedaço de barro numa figura, Elyon criou Abaddon como o mais inteligente dos Serafins... como um amigo e um ajudante. Se Elyon foi sábio e planejou o futuro... o que suponho que tenha feito... não terá ele feito planos para a improvável hipótese das coisas correrem terrivelmente mal, para o caso deste grande amigo se virar contra ele?

Balmoral levantou-se do seu assento e colocou-se, de pé, em frente da lareira, a luz refletindo a sua silhueta. Tirou um cachimbo velho e usado da cornija chamuscada da lareira e acendeu-o com um pau que tinha previamente mergulhado nas chamas. Olhando em volta com ar saudoso, soprou uma baforada de fumo para o ar, por cima da sua cabeça.

— Aqui estamos nós, frente a frente com Grindall e uma horda de animalescos gigantes, prontos para nos arrebentar os miolos. E, no entanto, talvez ainda haja esperança. E se Elyon preparou uma armadilha que apenas seria acionada se Abaddon se virasse contra ele? Eu acredito que tenha sido exatamente o que aconteceu e que isso nos deu a vantagem que era suposto termos.

A nossa atenção estava presa às palavras de Balmoral. Ele era um homem sábio, vestindo roupas de camponês, sem um dente e a tresandar suor, mas cheio

de idéias e entusiasmo.

— Quando Abaddon atçou o bando negro contra os gigantes, estava louco de raiva e, no meio da sua crueldade, pegou em toda a malevolência que tinha ao seu dispor e colocou-a nas criaturas mais poderosas que conseguiu encontrar. No início, os gigantes até eram bondosos mas, agora que estão possuídos por Abaddon, tudo o que resta neles é a malevolência, o ódio e a raiva cega.

Estávamos chegando ao fim da sua história e, do seu lugar junto à lareira, apressou-se a terminá-la.

— Ahhhh, mas a armadilha foi acionada! Os gigantes não conseguem conter tanta malevolência sem que ela transborde deles. O Mal é muito grande para os seus corpos, por isso estão cobertos de feridas, principalmente na cabeça, onde ele dança como uma fogueira nos seus cérebros.

«Não se conhece o resto da história... não nos foi revelado, nem a nós, nem a Abaddon. Estamos na fronteira do que era o nosso mundo e no que ele se transformará. Se não derrotarmos os ogros e Grindall aqui e agora, Abaddon espalhará a sua doença pela terra, como uma praga, levando o Mal para onde quer que vá e o seu objetivo será simples: destruir toda a humanidade e correr com Elyon da Décima Cidade. Só então é que o trabalho de Abaddon ficará completo.

— Fala como um homem que conheci, um homem muito sábio — disse eu, pensando que Balmoral parecia Warvold nos seus momentos mais pensativos.

— Acho que Abaddon caiu na armadilha, uma armadilha que torna o seu poderoso exército vulnerável a um ataque. Com um pouco de preparação, acho que conseguiremos derrotar os ogros, todos menos os dez que guardam a Torre das Trevas. Receio que esses possam ser um problema.

— Portanto, há oitenta e oito gigantes fora do castelo e dez no interior? — perguntou John.

— Isso mesmo. E sabemos exatamente onde a maior parte desses oitenta e oito está a qualquer hora do dia ou da noite. — Era Margaret quem falava, após um longo silêncio. — Eles fazem dois turnos, um de dia e outro de noite, e rendem-se de madrugada e ao anoitecer — continuou ela. — Normalmente há quarenta e quatro ogros a circular por aí à noite e outros quarenta e quatro durante o dia. Há quinze deles no Vale dos Espinhos, dez a patrulhar a floresta e outros três ao longo dos penhascos junto ao mar; no cais há mais dez fazendo a ronda, dois vigiam o portão que dá acesso à torre, e quatro ficam de guarda em volta da própria Torre das Trevas.

— E os gigantes que estão dormindo ? — perguntou John.

— Há uma caserna ao lado da Torre das Trevas, junto ao lago — respondeu Margaret. — Deve ser um lugar horrível. O fedor que vem de lá é inimaginável!

— Há outro problema que ainda não mencionamos — disse Balmoral, virando-se e puxando uma das pedras da cornija da lareira e metendo a mão no buraco deixado aberto. Quando retirou a mão, segurava o que se podia considerar uma espada curta, com uns trinta centímetros de comprimento e um punho primitivo, de madeira. — Esta é uma das pouquíssimas armas que temos em Castalia. Grindall não permite que haja armas de qualquer espécie nas mãos dos camponeses e tem zelado para que assim seja. Não temos armaduras nem elmos, temos poucas espadas e nenhum arco e flechas. O que temos está escondido e não creio que sejam mais do que umas poucas dúzias de velhas espadas.

À medida que Balmoral falava, descobrimos que havia maneiras de se obter rapidamente coisas que poderiam ser usadas como armas, coisas como machados e pequenas facas utilizadas em várias tarefas no cais. Mas as armas eram poucas e persistia o problema da falta de armaduras de proteção. Estávamos praticamente desarmados e sem escudos para nos defendermos. O nosso inimigo, feroz e três vezes maior do que um homem adulto, tinha uma vantagem quase impossível de superar. Era uma situação desesperada.

Nisto, alguém bateu freneticamente à porta. Margaret estava mais perto da porta e, depois de espiar pelo óculo, retirou a tranca. Para nossa surpresa, Enid entrou rapidamente na divisão, fechando a porta atrás de si. Estava tremendo e a tranca escorregou-lhe das mãos, caindo ao chão. Margaret ajudou-a a atravessá-la contra a porta.

Enid virou-se para nós, sem fôlego, e gaguejou:

— Alguém os viu! Os gigantes estão revistando casa por casa, à procura de intrusos no cais!

CAPÍTULO 19

O OGRO

Olhamos silenciosamente uns para os outros durante uns breves segundos, a lareira emitindo leves sons que ecoavam pela sala. Em seguida, ouviu-se uma pancada violenta na porta. Julia escondeu o rosto no meu braço e eu a abracei.

— É um ogro! — sussurrou Balmoral. Deixando cair o cachimbo no lugar em que se encontrava, dirigiu-se para a mesa, agarrou a filha e empurrou-a para os braços da mãe. — Vão para o fundo da sala... e tape os olhos da pobre criança — ordenou.

Todas as mulheres, menos eu, obedeceram. Pus-me de pé e fiquei com John no centro da divisão. Ouviram-se mais pancadas na porta, desta vez tão ruidosas e violentas que as paredes tremeram, lançando fagulhas pela chaminé acima.

— Margaret! Venha cá depressa — chamou Balmoral. — Destranque a porta e depois corra para o fundo da sala. Vou para o telhado para ver se consigo atingi-lo de cima — disse, desaparecendo num canto escuro da sala e subindo uma escadinha improvisada antes que alguém pudesse detê-lo. Abriu um alçapão e desapareceu da nossa vista.

Margaret estava com tanto medo que mal conseguia falar. Caminhou lentamente até à porta, mas quando novas pancadas soaram, tão violentas que esta quase foi arrancada das dobradiças e lançada para o interior da casa, recuou, voltando para a penumbra onde as outras mulheres estavam sentadas contra a parede, tremendo de medo. Olhei para John.

— Quer que eu abra? — perguntei, minhas mãos tremendo enquanto agarrava num ferro e me dirigia para a entrada. John demonstrou a sua aprovação com um aceno de cabeça, empunhando a pequena espada à sua frente. Um minuto depois, cheguei junto à porta e retirei a tranca. Houve um estrondo final contra a porta antes desta se abrir violentamente, o braço maciço do ogro projetando-me para o chão, no meio da sala.

Ele era tão grande, tão horrendo... o espaço exíguo da casa parecia torná-lo ainda maior.

A sua cabeçorra inchada, os ombros curvados para frente, o cheiro fétido do seu corpo em putrefação. As mulheres desataram a gritar enquanto ele

rodopiava selvaticamente pela sala, grunhindo, até ficar virado para mim, olhando-me fixamente, pingando uma substância espessa, verde e vermelha, do lábio inferior. John saltou para cima da mesa e ali ficou, de espada empunhada, para me proteger. Quando o monstro se voltou para encará-lo, engatinhei por entre suas pernas e coloquei-me a salvo.

Com John em cima da mesa, ele e o ogro ficavam quase da mesma altura. O ogro desembainhou a sua gigantesca espada e estendeu-a, na direção da do John, que parecia estar segurando uma faca de manteiga. Do lugar onde eu estava, deitada no chão, vi que ele não tinha escapatória.

— Corra para a porta, Alexa! Leve as mulheres e a criança contigo. Tire-as daqui enquanto a atenção dele está voltada para mim!

Era um pedido muito corajoso, sabendo ele que, sozinho, jamais conseguiria escapar da sala com vida. Ele era o meu protetor, o meu amigo, e eu não suportava a idéia de deixá-lo.

Nesse mesmo instante, um som gutural vindo do exterior da casa ecoou no ar noturno.

— *Aaaaargggghhl*

Qualquer esperança que eu pudesse ter desapareceu por completo e fiquei à espera que a sala fosse invadida por mais ogros. Fechei a mão sobre a minha Jocasta e sussurrei uma prece desesperada.

— *Onde está, Elyon? Ajude-nos!*

O ogro virou-se e, com um enorme passo, chegou à ombreira da porta. Mal a criatura se voltou, John saltou da mesa e atacou-a pelas costas. Ouviu-se um som metálico quando a sua espada bateu em armadura. Fiquei aterrorizada, encolhida no recanto escuro, observando, petrificada, enquanto o ogro se aproximava do meu amigo.

— Corra, Alexa! Tem que fugir! — berrou John. O ogro atacou, não com a espada mas com a sua enorme mão. Assisti horrorizada enquanto John era projetado contra a parede com uma força terrível. O seu corpo deslizou pela parede abaixo e caiu no chão.

O ogro virou-se na nossa direção e farejou o ar, como se tivesse cheirado algo que procurava. Os seus olhos pousaram na bolsa de couro que eu trazia ao pescoço.

— *Aaaaargggghh!*

Era novamente o ruído vindo do exterior, ainda mais horripilante do que anteriormente. Eu estava certa de que a minha vida e a minha aventura terminariam aqui, despedaçada por dois ogros, num casebre de camponeses.

O ogro ouviu o ruído e voltou para a ombreira da porta, baixando a cabeça medonha para sair. Espreitou para um lado e para o outro e depois emitiu

um som horrível e pôs-se a cambalear para frente e para trás, recolhendo novamente a cabeça para o interior da divisão. Em seguida, virou-se para nós, e ali, diante dos nossos olhos, estava o punho de uma espada, saindo do topo da sua cabeça.

O monstro balançou como se estivesse embriagado, com os olhos esbugalhados e uma expressão selvagem, deixando cair a espada com um estrondo e enfiando um pé dentro da lareira. O fogo subiu-lhe pela perna e ele caiu sobre a mesa e para o chão de pedra, num monte malcheiroso. Balmoral saltou do telhado e aterrou diante da porta. Com ar satisfeito, entrou na divisão, sacudiu o pó da roupa e debruçou-se sobre o gigante.

— Viram? Eu disse que funcionava — disse, sorrindo de orelha a orelha. Coloquei-me ao lado de Balmoral e olhei para o ogro.

A princípio o monstro jazia inerte. Conseguia ouvir o leve e repugnante som das suas tripas se soltarem, o som da morte se espalhando pela sala. Mas, depois, um dos seus longos braços esticou-se rapidamente no chão e os dedos estendidos agarraram-me pelo tornozelo, puxando-me para o chão. Desatei aos pontapés com a perna livre e Balmoral atacou o monstro a murro. O ogro largou minha perna por um momento e depois a sua enorme manápula fechou-se com força em volta da bolsa de couro que continha a minha Jocasta. Balmoral continuava a esmurrar o ogro, sem qualquer efeito. A criatura parecia estar morta, com exceção daquela mão que segurava firmemente o seu achado.

— Saiam da frente! — Era John que avançava pela divisão de espada na mão. Deixou cair a espada várias vezes sobre o braço do ogro, mas era como se estivesse tentando cortar couro de vários centímetros de grossura. Deitada no chão, olhei para a carantonha do ogro e, por breves instantes, ele abriu os olhos e viu John, de pé a seu lado. A visão de John a agredi-lo com a espada pareceu trazer à tona uma onda de fúria armazenada no monstro. Mais rápida do que eu julgava possível, a mão largou a Jocasta e o braço disparou no ar. Eu estava livre mas o ogro tinha agarrado John pelo pescoço, puxando-o para o chão.

Rastejando, tratei de fugir dali, gritando para que Balmoral fizesse alguma coisa. A certa altura, os olhos de John Christopher fixaram-se nos meus e, embora esperasse que refletissem medo, ele apenas me olhava como sempre o tinha feito... com uma expressão cheia de paz e um leve sorriso, como se estivesse fazendo exatamente o que lhe cabia fazer nesta aventura. Em seguida, os olhos fecharam-se e ficou tudo silencioso, com exceção do choro abafado das mulheres e da criança.

Fiquei ali sentada, atordoada, incapaz de acreditar no que tinha acontecido. Balmoral agarrou no punho da espada que cravara na cabeça do ogro e enterrou-a ainda mais. Eu sabia que não devia fazê-lo, mas algo levou a me

aproximar de John, sem me importar que a criatura pudesse ganhar vida novamente. Toquei-lhe o rosto e depois fiz a única coisa que me pareceu fazer sentido: coloquei ambas as mãos sobre a bolsa que ele trazia ao pescoço, abri-a e tirei dela a Jocasta, que pulsava com luz azul. O ogro não se mexeu, tendo se esvaído dele toda a vida.

Na luz fraca da divisão, segurei a pedra azul, ouvindo Julia choramingar no canto. A Jocasta ainda pulsava, a sua luz brilhando como um coração que dava as últimas batidas. Dirigi-me à Julia e entreguei-lhe, observando enquanto a pegava. Ela a segurou na mãozinha pequena e a pedra pulsou mais três vezes. *Pum, pum, pum*. O que restava da luz azul e aquosa esvaiu-se e tive a certeza de que John Christopher já não estava entre nós.

A última Jocasta pendia agora em volta do meu pescoço. Todas as outras tinham desaparecido para sempre.

CAPÍTULO 20

O SEGREDO ESCONDIDO NA MOCHILA DE ARMON

O mundo parecia resumir-se a um fato: John morrera. Eu queria que o tempo parasse. Queria que tudo parasse. Apenas queria ficar no mesmo lugar e chorar a morte do meu amigo. Porém, as coisas continuavam a se mover como sempre. Eu ainda estava viva e envolvida em coisas que não esperariam pela satisfação das minhas necessidades. A noite já ia avançada e eu sabia que tinha que pegar minhas coisas e partir.

Balmoral tinha ido visitar seu amigo, o açougueiro, e tinha lhe contado o que era necessário para conseguir encher ambas as mochilas de carne. Ao tomar conhecimento da terrível noite que tínhamos passado e dos nossos planos para libertar Castalia, o açougueiro tinha, inclusive, se dado ao trabalho de cortar a carne em pedaços.

Beijei Julia na cabeça, abraçamo-nos e disse-lhe que se preparasse. Prometi-lhe que, em breve, as coisas iriam melhorar. Em seguida, Balmoral e Margaret me chamaram para junto da porta e esta se fechou atrás de nós, o ar fresco da noite oferecendo-nos um bem-vindo alívio da macabra cena no interior da casa.

— Não há nada que você ou qualquer um de nós pudesse ter feito — disse-me Balmoral. — O ogro o tinha bem agarrado e não havia força que conseguisse libertar o seu amigo.

Ele carregava uma das mochilas cheias de carne e teria carregado as duas se eu não tivesse insistido em levar a segunda. Ouvi as suas palavras, mas não lhes prestei atenção, a minha mente voando para a sala onde tinha me sentado junto a John e chorado. Tinha libertado o seu pescoço daquela terrível mão sem vida e feito o possível por me despedir. O levaríamos de volta para Bridewell, mas por hora, tinha que partir.

— Alguma coisa mudou — disse eu. Margaret segurou minha mão e tentou reconfortar-me, dizendo algo sobre como as coisas iriam mudar e que a morte de John não teria sido em vão.

— Não me referia a isso — corrigi. — Sinto uma coisa que não sentia até aqui. Comecei a senti-lo assim que a Jocasta de John perdeu a sua luz.

— O que está sentindo? — perguntou Balmoral.

Depois de um longo silêncio seguiram-se palavras que nunca me tinham parecido mais acertadas.

— Elyon está próximo. É como se eu sentisse a sua presença em volta do meu pescoço.

Era uma sensação muito estranha, ao mesmo tempo reconfortante e assustadora. Tinha a sensação de que uma nova presença tinha repentinamente se aproximado, uma presença maravilhosa, mas também perigosa.

Caminhamos um pouco mais em silêncio e chegamos aos limites do cais, os dois guardas cientes da nossa presença. Como se tivessem combinado, afastaram-se, curvaram-se graciosamente na direção de Balmoral e deixaram-nos penetrar na escuridão sem uma palavra sequer. Olhei para Balmoral e ele sussurrou:

— Podem trabalhar para Grindall mas ainda são castalianos. — Depois piscou-me o olho e seguimos caminho em silêncio, até chegarmos à entrada da floresta, onde *Piggott* esperava. Tal como eu previra, ele fez muitas perguntas. *Quem são estas pessoas? Onde está John? Por que demorou tanto? Conseguiu a carne?* Agitei a mão no ar para fazê-lo se calar e disse-lhe que teria que esperar que chegássemos à torre do relógio para obter as respostas às suas perguntas. Quando entramos na floresta, Margaret segurou minha mão.

— Balmoral irá contigo para ter uma reunião com Armon, mas eu tenho que regressar e ajudar a pôr as coisas em ordem antes que amanheça — disse ela.

— Temos apenas algumas preciosas horas até o nascer do dia. Antes que a noite caia novamente, temos de estar prontos para atacar, se quisermos apanhar Grindall desprevenido.

— Ela tem razão — concordou Balmoral. — Ou nos mobilizamos e tentamos um ataque amanhã à noite, ou nos arriscamos a perder o elemento surpresa. Já morreu um ogro e vão dar pela sua falta.

Margaret abraçou-me e, não fosse o trabalho que sabia termos pela frente, teria chorado demoradamente em seus braços. Em vez disso, dei-lhe um abraço rápido, virei-me e deixei-a ali, à entrada da floresta.

Pouco depois chegamos à torre do relógio e entramos, encontrando *Murphy* e *Yipes*. Deixamos as duas mochilas pesadas, cheias de carne, no andar inferior, para *Piggott* e *Scroggs* distribuírem conforme entendessem, e depois subimos a escada, com *Murphy* empoleirado no meu ombro guinchando pergunta atrás de pergunta.

A divisão superior da torre do relógio, inundada de luz cinzenta, conservava a suave luz da noite, como um copo de leite morno. Mal tinha acabado de subir a escadinha e entrado na divisão, deixei-me cair num canto, completamente exausta, e chorei descontroladamente. O meu amigo tinha

desaparecido para sempre, o *stress* do que restava da nossa missão pesava-me na mente e ansiava pelos muitos confortos da minha casa. A aventura tinha se transformado em algo mais, em algo que tinha deixado de ser irreal. Um pesado preço já tinha sido pago e, enquanto chorava, tive a certeza de que este aumentaria ainda mais até o fim da nossa missão. Levantei os olhos para os rostos silenciosos que tinha à minha volta, rostos preocupados, e consegui recompor-me o suficiente para lhes contar quem era Balmoral, deixando-o relatar os acontecimentos dessa noite.

— Terá que ser rápido. Não temos tempo a perder — disse ele, contando-lhes em seguida sobre o encontro com o ogro, sobre a fraqueza que tínhamos descoberto na sua defesa, e sobre a morte de John.

Yipes deu um gritinho abafado quando ouviu a notícia, enquanto *Murphy* correu para mim e se aninhou no meu colo até parecer uma bola... um gesto silencioso e perfeito. Armon permaneceu imóvel, fechou os olhos e baixou a cabeça. *Odessa* ficou de pé e também ela baixou lentamente a cabeça, até ficar com o nariz a milímetros do chão.

— Ele foi corajoso, muito corajoso mesmo — disse Balmoral. — Manteve-se firme para proteger os inocentes e, se vencermos a batalha que temos pela frente, a sua morte será para sempre lembrada como o princípio do fim do reinado de Grindall.

Armon ergueu a cabeça, olhou Balmoral nos olhos e perguntou:

— Que poder tem você para reunir o seu povo?

— Se Grindall permitisse que houvesse um líder entre nós, eu seria esse líder — respondeu Balmoral. Eu olhei para aquele homem simples e frágil e fiquei espantada. Durante aquele tempo todo estivera diante do verdadeiro soberano dos castalianos e o tinha considerado apenas um homem enfraquecido com idéias extravagantes. — Até amanhã à noite consigo ter duzentos homens prontos para combater, mas as nossas armas são rudimentares: pedras, umas dúzias de facas e nenhuma armadura. Os cinquenta guardas castalianos que trabalham para Grindall nem sequer têm espadas. Apenas têm trompas, nas quais sopram quando há confusão e os ogros vêm correndo. É um problema para o qual não tenho resposta.

Armon olhou longa e fixamente para Balmoral e, embora não conseguisse pôr-se de pé na divisão, ergueu-se sobre um joelho.

— Não acho que isso seja um problema tão grande assim — disse. Pegando na enorme mochila que transportava desde que o conhecêramos, desatou a corda que a fechava no topo e despejou o seu conteúdo no meio da divisão. Espada atrás de espada caíram da mochila. Cotas de malha, escudos, arcos e flechas caíram no chão. A mochila parecia conter uma coleção

interminável de armas. Devia pesar centenas de quilos e fiquei novamente maravilhada com a força sobrenatural de Armon. Os olhos de Balmoral pareciam pires de tão arregalados que estavam e ele riu de excitação, tocando e pegando nos diferentes objetos.

— Acho que está na hora de começarmos a fazer planos — disse Armon, virando-se e saltando da janela larga. Um minuto mais tarde ouvimos ganidos e *Piggott* entrou pela janela, sustido por mãos gigantes. *Scroggs* seguiu-se a ele e depois Armon voltou a entrar na torre do relógio, afastando o monte de armas para que pudéssemos nos sentar no centro da sala.

Sentamo-nos os oito em círculo: eu, Armon, Balmoral, Yipes, *Murphy*, *Odessa*, *Piggott* e *Scroggs*. Balmoral apresentou um mapa no qual já trabalhava há vários meses e estendeu-o no meio do círculo. Estava desenhado em pergaminho, com tinta preta, e representava a posição de cada ogro.

— Não sei ler nem escrever, mas este desenho está o mais perfeito possível. Teria mostrado mais cedo, mas com toda aquela confusão, bem... — desculpou-se, olhando rapidamente para mim e depois para baixo, para o mapa.

Passou algum tempo até que ele voltasse a falar, mas tinha tanta energia e entusiasmo que não tardou a ficar enfeitiçado pelo plano, arrastando-nos consigo passo a passo. Primeiro, relatou detalhadamente todos os acontecimentos dessa noite, dando especial atenção ao encontro com o ogro e à forma como tinha sido eliminado. Foi mais do que grotesca a forma como descreveu a facilidade com que a espada penetrou o topo da cabeça do ogro, como se o crânio fosse feito de casca de ovo em vez de osso.

— A primeira dificuldade será escondermos o fato de haver ogros desaparecendo ao longo do dia e da noite. Eles se comunicam uns com os outros, não tanto entre setores, mas dentro da floresta ou no Vale dos Espinhos ou numa das outras zonas. Eles esperam cruzar-se regularmente. Para ultrapassarmos este problema teremos que eliminar sistematicamente cada área, uma de cada vez. As zonas mais fáceis de libertar serão o cais e a floresta. Os telhados e as árvores, em conjunto com as armas que Armon forneceu, nos darão vantagem sobre eles.

«Os guardas que trabalham para Grindall são todos castalianos e o são acima de tudo. Não têm armas mas têm duas coisas que podemos usar a nosso favor: mobilidade e sinais de aviso. Já falo dos sinais de aviso daqui a pouco. Quanto à mobilidade, alguns dos guardas são escalados para patrulhar a floresta com os ogros. Outros patrulham o cais e um número ainda maior tem a Cidade dos Cães inclusa nas suas rondas. Verdade seja dita que as rondas pela Cidade dos Cães têm sido poucas e muito espaçadas nos últimos anos, pois os cães têm se tornado cada vez mais selvagens e a lixeira cada vez mais inabitável. Tem sido esquecida por longos períodos de tempos, tanto pelos ogros como pelos

humanos, o que é uma sorte para nós.

Balmoral olhou desconfortavelmente para *Piggott* e para *Scroggs*, como se os cães o pusessem nervoso ou inseguro, e depois dirigiu-se a eles diretamente.

— Não entendo o que vocês dizem, mas se entenderem a mim, fiquem sabendo que o seu papel será de vital importância nesta conquista. Sem vocês e as suas respectivas matilhas, não teremos qualquer hipótese de vencer.

Tanto *Piggott* como *Scroggs* se endireitaram de orgulho e fiquei contente por vê-los fazer parte de um acontecimento tão importante. Enquanto expunha o seu plano, Balmoral ia indicando locais no mapa, com a mão.

— De manhãzinha, consigo fazer passar meia dúzia de guardas aqui pelo portão da Cidade dos Cães. Eles dirão ao ogro que guarda o portão que a lixeira não é patrulhada a algum tempo e que pensam passar várias horas a inspecioná-la de uma ponta à outra. Os ogros lhes darão autorização para fazê-lo pois acharão o pedido razoável e eu os enviarei diretamente para a torre do relógio onde poderão armar-se e tomar posições aqui no meio das árvores, à entrada da floresta — disse, apontando no mapa o local onde a floresta se encontrava com a Cidade dos Cães.

«O armamento restante deve ser levado para a lixeira e aí escondido. Na volta à cidade, a minha gente levará as armas escondidas nas carroças de lixo, deixando nelas lixo suficiente para tapar o que conseguirem transportar. Os despejos começam de manhã cedo, todos os dias, e há pelo menos um por hora. Ao meio da manhã todo o armamento já se encontrará no cais. Uma vez dentro da cidade, uma rede de camponeses distribuirá as armas e, ao meio-dia, teremos duzentos castalianos armados e prontos para combater.

O plano de Balmoral estava tomando forma, começando a dar idéia de que poderíamos ser bem-sucedidos. Enquanto ele continuava a falar, mordisquei um pouco de fruta seca, cabeceando de vez em quando devido ao cansaço. Estava muito cansada, mas Balmoral continuava falando com tanto entusiasmo que não me passava pela cabeça adormecer.

— Primeiro, temos que tomar o controle da floresta. É uma conquista imprescindível se quisermos ser bem-sucedidos. Agora, conforme prometi, chegamos novamente ao assunto dos sinais de aviso usados pelos guardas. As trompas podem ser sopradas de modo a emitir vários níveis de som. Se forem sopradas com força todos os ogros do reino vêm correndo; se forem sopradas levemente, apenas os ogros que estiverem a uma distância razoável ouvem o alarme. Estes instrumentos podem ser utilizados a nosso favor. Os dez ogros que patrulham a floresta estão dispersos e nós tocaremos a trompa muito levemente, do meio das árvores, na entrada da Cidade dos Cães. Um a um, ou talvez dois a

dois, os ogros virão em auxílio do guarda que der o sinal e, quando vierem, atacaremos do alto das árvores. Os ogros também trazem consigo trompas e é indispensável que os atraíamos aos poucos, um a um, para não levantarmos suspeitas. Estas criaturas são bastante arrogantes e só soarão o alarme se a situação for realmente grave.

«Temos de eliminar primeiro os dez da floresta para depois passarmos para o outro lado, aqui onde se encontra com o Vale dos Espinhos, e voltar a repetir a operação, atraindo os ogros através do Vale dos Espinhos até a floresta, onde os atacaremos. Este é o local mais afastado do cais e da Torre das Trevas onde encontraremos ogros. São os ogros que guardam o perímetro exterior, portanto podemos soprar as trompas com mais força, atraindo vários ao mesmo tempo, e eliminá-los em grupos de três ou quatro.

— Sim, mas como poderemos ter certeza, tanto na Cidade dos Cães como na floresta, de que os ogros se colocarão diretamente debaixo de nós para podermos atacar? — perguntou Yipes.

— Um dos guardas chama-os e, quando o ogro ou os ogros chegarem, o guarda guia-os até o lugar onde estamos escondidos no alto das árvores. Será apenas uma questão de ter uma distração bem colocada — respondeu Balmoral.

— Os cães selvagens — disse Armon. — Podemos atrair os ogros para baixo de uma única árvore com um grupo de três ou quatro cães selvagens. A sua atenção estará toda concentrada em matar os cães e o nosso ataque do ar será uma surpresa ainda maior.

— Pronto, já roubou a minha brilhante idéia, seu gigante maroto — brincou Balmoral, fazendo-me sorrir pela primeira vez a já algum tempo.

— É improvável que todos os ogros do Vale dos Espinhos sejam atraídos para a floresta — continuou Balmoral. — Acho que teremos sorte se conseguirmos apanhar metade deles, o que deixaria uns sete ou oito a vagarear por ali. O Vale dos Espinhos está encostado à floresta e, no final da manhã, é freqüente os ogros irem para junto das árvores por causa da sombra. Infelizmente, não temos como saber quais árvores que eles utilizarão, portanto teremos de utilizar mais uma vez os cães.

«Os cães selvagens nunca vagueiam no exterior da Cidade dos Cães e os ogros ficarão furiosos ao verem um pequeno grupo deles tentando passar para o Vale dos Espinhos. Os ogros que restarem acorrerão à entrada da floresta... onde nós estaremos à espera. Este será o nosso maior desafio; se deixarmos escapar um único que seja, será o mesmo que termos deixado escapar todos. Esse sobrevivente soprará a sua trompa e a caserna dos ogros se abrirá, soltando para fora um exército que jamais conseguiremos vencer.

Todos olhamos em volta, uns para os outros, pressentindo a enormidade

da desvantagem que tínhamos contra nós. Eu só pensava no ogro, dentro daquela sala com John e com os outros, no seu cheiro e aspecto e nos sons horríveis que fazia. Apenas Balmoral e eu tínhamos estado tão perto de um ogro e presenciado a sua terrível fúria. Ainda bem que os outros não tinham visto estas coisas.

— Tudo isto tem que acontecer num espaço de poucas horas, amanhã de manhã, entre o amanhecer e as nove horas — avisou Balmoral. — Se os guardas do cais estiverem ausentes mais tempo que isso, o ogro que guarda o portão ficará desconfiado. Há outros guardas na floresta e no Vale dos Espinhos que ajudarão. Assim que a floresta tiver sido libertada de ogros, disporão de mais seis combatentes. Quando chegarem junto dos últimos ogros do Vale dos Espinhos, deverão ter uma dúzia de combatentes no meio das árvores. Com Alexa e Yipes, serão catorze ao todo.

— E Armon? — perguntei. — Ele é a nossa maior arma. Onde é que ele estará enquanto tudo isto estiver acontecendo?

Balmoral voltou a apontar para o mapa, desta vez para os penhascos que ficavam para além da Cidade dos Cães, e olhou para Armon.

— Receio que tenha de encontrar uma forma de acabar sozinho com os três ogros que guardam os penhascos. Isto vai requerer combate corpo-a-corpo, três contra um. E pior ainda, vai ter de se certificar de que eles não conseguem soprar as trompas. — Balmoral olhou novamente para o mapa e disse: — Já tive oportunidade de ver este lugar. Os penhascos erguem-se muito acima da água... ninguém sabe a que altura. Mesmo no calor do Verão a neblina sobe para esconder a água, lá em baixo. As beiras dos penhascos são sólidas e salpicadas de pedras pontiagudas.

— Vou levar *Scroggs* comigo — disse Armon. — *Piggott* e *Odessa*, vocês vão com os outros. *Scroggs*, traga seis dos teus companheiros de maior confiança. Juntos, desviaremos um a um, atraindo-os para a beira dos penhascos, e os atiramos para a neblina.

Armon estava tão seguro, tão certo do seu sucesso, e a sua voz soava dura como pedra, dando-nos a confiança que nos faltara até ali.

Balmoral aprovou o plano de Armon com um aceno de cabeça.

— Enquanto vocês estiverem ocupados eliminando os ogros da floresta, do Vale dos Espinhos e dos penhascos, eu conduzirei os meus combatentes no cais. Isto só funciona se atacarmos todos ao mesmo tempo no cais, evitando os portões que conduzem à Torre das Trevas. O cais está dividido em dois setores, a extremidade da floresta e a extremidade que fica mais perto da Torre das Trevas. Cinco ogros patrulham cada um desses setores... quatro do lado do castelo, já que um foi morto esta noite. Eles são muito regulares nas suas deslocações. Uma hora antes de escurecer atacaremos os nove ogros que restam e retiraremos os

cadáveres das ruas antes do cair da noite. Não creio que, de manhã, dêem pela falta daquele que matamos. É freqüente entrarem nas casernas em grupo, e os que se atrasam, por estarem ocupados com alguma tarefa que os tenha feito demorar um pouco mais na rua, entram mais tarde. Não tardam a adormecer, não se importando uns com os outros. No entanto, quando o turno seguinte sair, darão pela sua falta, portanto temos que atacar imediatamente.

— Suponhamos que o plano funcione — disse eu. — Os quarenta e quatro ogros que restam nas casernas destruirão todos os nossos esforços mal acordem. Como é que iremos enfrentar todos ao mesmo tempo?

— Desde que nos mantenhamos afastados do portão do castelo, o plano funcionará — respondeu Balmoral. — Os ogros adormecidos seguem o mesmo padrão todos os dias. Acordam, comem, marcham até o portão e depois dispersam para os seus postos de trabalho, onde rendem os do turno anterior. Ao fazê-lo, seguem sempre a mesma estrada que se afasta do portão e segue até o cais. Do outro lado do portão há vinte degraus enormes, seguidos de uma curva apertada e um corredor estreito e comprido com edifícios de ambos os lados. É aqui que atacaremos todos de uma só vez, todos com exceção dos que fazem a rendição junto ao portão e em volta da própria Torre das Trevas. Para esses catorze tenho outros planos. Mas os trinta e sete que percorrem a estrada estreita e escura não farão idéia do que estará prestes a acontecer. Designarei dois combatentes, armados com espadas, para cada ogro e estarão posicionados nos telhados dos edifícios a uns metros uns dos outros. Haverá um ataque simultâneo a cada um dos monstros e um segundo ataque, no caso de falharmos o nosso alvo.

Fitamos Balmoral, cujos olhos esbugalhados cintilavam com um brilho de vitória, e acreditamos. Começamos mesmo a crer que seríamos capazes de derrotar os ogros, Grindall e até o próprio Abaddon. Se conseguíssemos fazer tudo o que Balmoral propunha, restariam apenas os seis ogros que estavam junto ao portão, os oito que estavam em volta do castelo, tanto os que tinham estado de serviço como os quatro novos que tinham vindo rendê-los. Esses catorze, mais os dez que estavam no castelo. Com o plano de Balmoral tínhamos passado de noventa e oito ogros para vinte e quatro num único dia. Mesmo assim, vinte e quatro ogros constituíam um exército formidável dado o seu tamanho e força.

— Sei o que está pensando... ainda temos de enfrentar catorze monstros no exterior e dez no interior — disse Balmoral, como se tivesse adivinhado os meus pensamentos. — Os ogros que guardam o portão ouvirão a algazarra e virão correndo. Serão alvos fáceis para os meus combatentes. Mas e os ogros que permanecem em volta da Torre das Trevas? É nesta altura que temos que tomar a Torre pela força. Duzentos castalianos armados, cem ou mais cães

selvagens, o nosso próprio gigante, todos contra os inimigos que restam: oito gigantes no exterior da Torre das Trevas e dez no interior.

Balmoral parou de falar e percorreu a divisão com os olhos, fracamente iluminada pela nossa vela moribunda.

— Creio que, por esta altura, teremos criado um combate equilibrado, um combate justo, que tanto nos pode correr bem como mal.

Era muito melhor do que não haver combate algum e concordamos unanimemente com o plano de Balmoral. Finalmente, terminamos os nossos preparativos. Balmoral foi para casa para reunir as suas forças e eu pude me deitar no chão frio da torre do relógio. Ali deitada, quase dormindo, comecei a pensar no que poderíamos encontrar na Torre das Trevas. Comecei a pensar no que diria Catherine quando me visse, se é que ainda estava viva e, pela primeira vez, perguntei a mim mesma como seria Grindall, como agiria e o que diria.

Murphy ficou comigo e durante alguns tristes momentos conversamos, em sussurros, sobre John. Depois adormecemos, exaustos com tudo o que tinha sido revelado desde a nossa chegada à Cidade dos Cães.

CAPÍTULO 21

A TORRE DAS TREVAS

O ar matinal estava fresco e agradável, principalmente porque estávamos no alto de uma árvore à entrada da floresta, com os cheiros que vinham da Cidade dos Cães em algum lugar à distância. Yipes e eu estávamos sentados lado a lado, escondidos no meio das folhas de um monstruoso carvalho, a quatro metros e meio do solo. *Murphy* estava ainda mais alto do que nós, a uns nove metros de altura, inspecionando a zona em busca de ogros. Segurei firmemente a minha espada nova na mão direita e agarrei-me a um ramo com a outra.

Olhei para Yipes, que estava alguns ramos para a minha direita, e vi que preparava o seu arco. Ao contrário dos castalianos, ele era um exímio arqueiro. Após alguma ponderação tinha ficado decidido que a arma ideal para ele seria o arco. Olhei rapidamente para outra árvore grande, em frente da nossa, e vi que dois guardas castalianos tinham tomado posições e aguardavam pacientemente. Por baixo deles, três cães selvagens andavam de um lado para o outro, junto ao tronco da árvore. *Squire* voava em círculos por cima das nossas cabeças, vigiando o reino todo. Mais uma vez desejei estar no lugar dela, poder ver tudo o que ela via e saber a posição exata de cada um dos ogros.

— Eu conhecia John há muito tempo — disse Yipes, assustando-me. Os dois cães selvagens e *Odessa*, que estavam debaixo da nossa árvore, pararam de passear e olharam para cima ao ouvirem a sua voz. — Ele teve uma vida difícil — continuou Yipes em voz mais baixa. — Mas, que eu me lembre, nunca se queixou. Embora ainda não a tivesse conhecido, falava muitas vezes de você.

— E o que ele dizia? — perguntei.

— Preocupava-se contigo. Ele sabia que sua missão mais importante era proteger-te. Esta foi a tarefa de maior responsabilidade que Warvold alguma vez lhe confiou. Até esta viagem, nunca tinha entendido o que ele queria dizer, mas agora parece que ele sempre soube que poderia perder a vida a zelar pela sua segurança. Tal como esperava que pudesse acontecer, morreu a proteger-te, a proteger a última Jocasta.

Yipes sorriu-me, o seu maravilhoso bigodinho escondendo-lhe o lábio e, de repente, fiquei com medo de perdê-lo também.

— Ele te contou por que foi preso? — perguntou Yipes.

— Não. Perguntei-lhe uma vez durante a viagem, mas não me contou.

Yipes mudou de posição em cima de um ramo e brincou com o arco.

— Havia um grupo de mulheres e crianças vivendo na floresta — explicou calmamente. — Ao que parece, John tinha principalmente pena das crianças, tanta que assaltava as cozinhas e lojas de Ainsworth em busca de comida e roupa para elas. Isto passou-se durante algum tempo e ele era muito bem-sucedido nas suas ações em favor das crianças... até ser apanhado e preso junto dos outros condenados.

— Isso é verdade mesmo? — perguntei, talvez um pouco mais alto do que devia. Yipes limitou-se a dizer que sim com a cabeça e, antes que eu conseguisse fazer mais perguntas, um dos cães que estava por baixo de nós ladrrou na nossa direção.

— Silêncio! — rosnou *Odessa* do solo. Em seguida ouvimos o som abafado da trompa a ser soprada pelo guarda que estava do nosso lado esquerdo. Meu coração batia descompassadamente no peito e fiquei com as palmas das mãos cobertas de suor enquanto aguardávamos o que o sinal de aviso traria.

Ficamos todos muito quietos e depois *Murphy* desceu correndo, agarrando-se com força ao tronco da árvore, ao meu lado.

— Segurem-se bem que eles vêm aí — disse ele. Isso significava que eram mais do que um e eu indiquei dois com a mão. *Murphy* confirmou com a cabeça.

Estava um silêncio de morte, não havia vento a soprar nas árvores, não se ouviam pássaros nem outros animais. Os ogros vinham aí... sentia-os ali perto. Comecei a ouvir galhos e vegetação rasteira a estalarem e depois vi uma das hediondas criaturas descendo o caminho, visivelmente irritada e olhando desvairadamente em volta, à procura do guarda que a tinha chamado. Atrás dele vinha outro ogro, coçando a cabeça e grunhindo furiosamente. A medida que eles se aproximavam do guarda, olhei para Yipes, que já tinha empunhado o arco e o segurava agora com firmeza, à espera do momento em que um ou ambos os monstros estivessem por baixo de nós.

Quando o guarda e os ogros se aproximaram por entre as duas árvores, os cães começaram a ladrar descontroladamente, tal como tínhamos planejado. Os dois ogros separaram-se, um deles dirigindo-se à outra árvore e o outro avançando para a nossa. Era uma criatura monstruosa, a sua cabeça apenas alguns metros por baixo de nós, enquanto se aproximava. Os cães mantiveram-se junto ao tronco da árvore e depois recuaram pelos lados, atraindo o ogro para mais perto. O ogro desembainhou a sua enorme espada e pareceu divertido com o que via, excitado com a perspectiva de trespassar aqueles animais sarnentos.

Olhei para o outro lado do caminho e vi que o outro ogro tinha feito o

mesmo, encontrando-se bem debaixo da árvore, cutucando e tentando espetar os cães com a espada. Um dos guardas que estava escondido na árvore saltou do meio das folhas, metro e meio acima da cabeça do ogro. Mergulhando pelo ar, aterrou nos seus ombros e espetou a faca na cabeça da criatura. Quase ao mesmo tempo, Yipes disparou a sua flecha contra o ogro que se encontrava debaixo da nossa árvore, mas este tinha olhado para trás, ouvindo o grito do companheiro por cima do latido incessante dos cães. A flecha escorregou da cabeça do monstro e cravou-se no ombro, fazendo-o dar um terrível rugido de dor e fúria. Tínhamos apenas uns segundos antes que ele pegasse na trompa e a soprasse, por isso os dois companheiros de *Odessa* atiraram-se às suas pernas e fincaram-lhe os dentes com força. O monstro esperneava e debatia-se mas os cães tinham-no bem seguro e só a morte os faria soltá-lo. O ogro abaixou-se e agarrou os dois cães pelo pescoço. Eu gritei, fazendo-o olhar para cima, enquanto Yipes voltava a disparar, desta vez acertando-lhe na testa. Para meu espanto, a flecha desapareceu quase por completo na testa do ogro. Ele balançou um pouco para a esquerda, como se se movesse em câmara lenta, e depois caiu para trás, estatelando-se no chão, debaixo da árvore.

Desci rapidamente da árvore, mas mantive-me afastada do gigantesco corpo, recordando-me do que tinha acontecido a John. No entanto, ainda fiquei surpreendida ao ver o ogro sentar-se lentamente, encostar-se ao tronco e pegar na sua trompa, tentando levá-la à boca. Uma flecha caiu do ar, trespassando-lhe a palma da mão. Com um salto avancei e agarrei a trompa, afastando-me logo em seguida. A criatura balançou mais uma vez e voltou a cair ao chão, com os cães ainda agarrados às suas pernas.

Olhando para o outro lado do caminho vi que os guardas também tinham se saído vitoriosos e nos chamavam para ajudar a arrastar o cadáver para o meio da vegetação. A operação não tinha corrido na perfeição mas tínhamos conseguido. Tínhamos derrotado dois monstros no espaço de poucos minutos.

A manhã, cujos horríveis detalhes não vou mencionar em pormenor, decorreu de uma forma muito semelhante. Conseguimos atrair todos os ogros da floresta. Além daquele disparo pouco certo do Yipes, tivemos outras dificuldades. Perdemos guardas, perdemos cães selvagens, e chegamos ao Vale dos Espinhos ainda com seis inimigos por eliminar. Tínhamos dez guardas espalhados pelo arvoredo e uns cinquenta ou mais cães no chão, por baixo de nós, mas os ogros que restavam não se encontravam suficientemente perto para que conseguíssemos apanhá-los. Antes que eles pensassem em dar o alarme, seis dos nossos guardas emitiram o sinal de aviso, não suficientemente alto para ser ouvido no cais, mas mais alto do que tínhamos nos atrevido a soprar na floresta. Com tantas trompas a soar ao mesmo tempo as seis criaturas nem pensaram em

soprar as delas. Em vez disso, correram a prestar o seu auxílio, certas de que todos os ogros da floresta viriam também. Quando chegaram junto às árvores, os cães desataram a ladrar e as flechas e espadas começaram a chover em cima delas. Minutos depois tínhamos eliminado o que restava dos ogros do Vale dos Espinhos.

Feitas as contas, perdemos treze cães e dois guardas. Um terceiro guarda ficou muito abalado quando um ogro o atirou de encontro a uma árvore, mas conseguiu continuar, não deixando que umas quantas costelas partidas o impedissem de desempenhar o importante trabalho que tínhamos pela frente. Estávamos ao meio da manhã e tínhamos conseguido algo miraculoso, lançando a epígrafe para o que esperávamos serem vitórias ainda maiores nas horas seguintes. Corremos de volta para a torre do relógio e encontramos Armon e *Scroggs* à nossa espera. Eles também tinham saído vitoriosos nos penhascos junto ao mar. Um dos ogros foi eliminado enquanto dormia, os outros dois foram atraídos pelos cães até os penhascos e empurrados pelas costas por Armon.

Balmoral tinha pensado em tudo e, quando regressamos à torre do relógio, Margaret estava à nossa espera com uniformes lavados. Os guardas tiraram as roupas ensangüentadas e malcheirosas e substituíram-nas pelas lavadas. Depois, as pessoas que se tinham juntado a nós no início do dia desapareceram em direção ao portão, certamente para receber mais armamento e instruções de Balmoral, que estava no cais.

— Tenho que ir depressa — disse Margaret. — Informarei Balmoral do seu sucesso. Fiquem aqui até faltar uma hora para o anoitecer e depois esperem no meio das árvores, junto ao cais. Mantenham-se escondidos até se acender uma fogueira junto ao lago e então venham o mais depressa que puderem.

Despedimo-nos e oferecemos *Piggott* e *Odessa* como escolta para atravessar a Cidade dos Cães, oferta essa que aceitou.

Depois esperamos, os minutos transformando-se em horas no que parecia uma lentidão excruciante. Comemos e conversamos sobre o nosso feito e do que faríamos no cais. Falamos do bando negro que andava ainda à solta, procurando por Armon, e do receio que tínhamos pela sua segurança no momento de avançar sobre o castelo. Era insuportável pensar naquela criatura perfeita, estropiada por milhares de morcegos, e eu lhe supliquei que ficasse ali. Mas ele estava tão disposto quanto eu a ficar na Cidade dos Cães, enquanto a batalha decisiva tinha lugar na Torre das Trevas.

Em devido tempo as horas transformaram o dia num lusco-fusco alaranjado e o nosso exército em peso dirigiu-se à entrada do cais: dúzias de cães selvagens, um homem muito pequeno, um esquilo, uma garota, alguns guardas castalianos da floresta e do Vale dos Espinhos e um gigante. Não éramos

propriamente o que se gostaria de ver dobrar a esquina para salvar o dia, mas juntos, tínhamos eliminado vinte e oito ogros e caminhávamos com confiança, sabendo que, pelo menos, tínhamos uma chance de vencer. Os cães, principalmente, tinham um novo orgulho nos passos e no porte. Eu estava feliz por eles se sentirem úteis. Conforme as instruções que tínhamos recebido, esperamos, procurando calmamente a chama junto ao lago, enquanto o dia desaparecia no horizonte. Conseguia ver a Torre das Trevas à distância, e imaginei o próprio Grindall de pé, no ponto mais alto, olhando para baixo, para o seu desventurado reino, pensando que estava tudo bem, à medida que o sol se inclinava e desaparecia no lago, bruxuleante.

— Lá está a fogueira — anunciou Yipes, que estava sentado nos ombros de Armon. Com estas palavras avançamos rapidamente, como um todo, os cães saltando na dianteira, correndo com todas as suas forças. As enormes passadas do Armon impunham o ritmo, Yipes e *Murphy* empoleirados nos seus ombros. Eu fiquei na retaguarda, correndo o mais que podia para acompanhá-los mas não tardando a ficar para trás.

— Vamos, Alexa! Corra! — berrou Yipes. E eu corri. Corri com todas as minhas forças, de espada em punho, para o cais e depois em direção à Torre das Trevas.

Cheguei à rua estreita e deparei-me com ogros e castalianos deitados por terra. Era um mar de corpos grandes e pequenos. Tudo indicava que os castalianos tinham triunfado. Enquanto me desviava dos cadáveres e corria pela rua estreita, ouvi os cães ladrando e rosnando. Era um ruído feroz que me gelou os ossos.

Dobrei a última esquina e vi que o portão que impedia a passagem para a Torre das Trevas tinha sido conquistado. Os castalianos, os cães e os guardas tinham passado e cercavam os ogros que se encontravam na base da torre. De repente, fiquei chocada com o Mal que emanava daquele lugar... a torre que se erguia contra o céu escuro, a chama solitária que brilhava na janela lá no alto, e a silhueta de um homem que olhava para baixo, para a batalha que decorria a seus pés.

Aquele lugar me aterrorizava. Senti alguma dificuldade em respirar e comecei a balançar para trás e para frente, sem sair do lugar. Depois uma coisa muito estranha aconteceu: ouvi uma voz, uma voz diferente de qualquer outra que já tinha ouvido, como o vento a entrar por um ouvido e a sair pelo outro.

É você que tem que ir. Foi você quem escolhi. Não pode ser mais ninguém.

Ouvi as palavras nitidamente. Eram palavras firmes e não eram proferidas em tom de pedido... eram uma ordem. Comecei a caminhar, a

princípio devagar, e depois dei por mim mais uma vez a correr, em direção à longa fila de degraus de pedra que conduziam à grande porta de madeira da Torre das Trevas. Continuei a correr, enquanto a batalha rugia lá embaixo, saltando de degrau em degrau. Não olhei para trás, limitei-me a correr até me encontrar no último degrau, onde ergui os olhos para uma porta monstruosamente grande, suficientemente grande para dar passagem a um ogro sem se curvar. A frente da porta havia uma grade de barras de ferro e, à frente desta, um ogro de ar cruel, segurando uma marreta com espigões na enorme mão esquerda.

— Saia da frente, Alexa! — Era a voz trovejante de Armon, que tinha aparecido atrás de mim sem que eu desse conta. De pé, nas escadas, Armon arrancou da parede uma pedra gigantesca e saliente que fazia parte da entrada da Torre das Trevas. A pedra era tão grande, uma massa quadrada que os seus braços mal conseguiam abraçar. Depois de arrancá-la da parede, ergueu-a no ar, por cima da cabeça, e avançou para a porta. Em seguida lançou a pedra com toda a força contra o ogro, atirando-o para trás e através das barras de ferro. Num esforço tremendo, Armon pegou no atordoado ogro, ergueu-o por cima da cabeça e, com um grito, atirou-o para o outro lado do corrimão.

Empoleirei-me no corrimão de pedra para espreitar e vi que o chão ficava a mais de quinze metros abaixo de nós. Havia archotes acesos que iluminavam a noite o suficiente para que pudesse ver que Balmoral, os cães e os castalianos estavam conseguindo derrotar o que restava dos ogros. Não tardariam a ganhar o controle da torre.

Desci do corrimão e fiquei junto à porta, cujas barras de ferro estavam tortas mas ainda de pé.

— Afaste-se, Alexa — ordenou Armon, pegando na enorme pedra e lançando-a mais uma vez. Desta vez a própria porta ficou despedaçada no centro.

Estava aberta a entrada para a Torre das Trevas. Do lado de dentro apenas se via escuridão e o bruxulear de archotes contra pedra lisa.

CAPÍTULO 22

VICTOR GRINDALL

Passei cuidadosamente pela ombreira da porta. Armon arrancou o que restava da grade de ferro e da porta e entrou atrás de mim. Lá dentro o ar era úmido e bolorento e a única iluminação que eu via provinha das chamas de alguns archotes. Era tudo pedra escura e sombras sinistras. Conseguia ainda ouvir os cães a ladrar lá em baixo e uma leve brisa soprava através da abertura exposta atrás de nós. Mesmo assim era bem nítida a voz sussurrante trazida, mais uma vez, pelo vento.

O bando negro está próximo. Mande Armon para os penhascos junto ao mar.

A idéia de Armon se transformar num horrível ogro aterrorizava-me ainda mais do que ter que ficar sozinha dentro da Torre das Trevas. Olhei para cima, para Armon, e fiz-lhe sinal para se inclinar de modo a ficar na minha altura.

— O que foi, Alexa? — perguntou ele ao ver a minha expressão preocupada.

— O bando negro está próximo, Armon — disse eu. — Tem que ir para os penhascos e esperar por nós lá.

Ele me olhou fixamente durante uns segundos e depois segurou-me os ombros com as suas enormes mãos.

— Diz-se que a última pedra traria a palavra do próprio Elyon, que quem a possuíisse ouviria a sua voz — afirmou o gigante reverentemente. — Ouviu essa voz?

Baixando os olhos, segurei na mão a bolsa de couro que escondia a minha Jocasta.

— Creio que sim — sussurrei. — *Tem* de ir imediatamente, antes que eles venham atrás de você. Corra, Armon!

Armon endireitou-se rapidamente, virou-se para a porta e afastou-se no seu passo pesado. Quando ele desaparecia no meio da escuridão, ouvi vozes, primeiro à distância e depois mais próximas. Saquei da espada... mas, aliviada, baixei-a quase em seguida ao ver duas cabecinhas a espreitar pela porta arrombada. Uma delas era peluda e mexia-se nervosamente e a outra tinha

bigode. Eram *Murphy* e *Yipes* e os dois correram para o espaço aberto da torre. Armon espreitou pela ombreira.

— Agora tudo depende de vocês três. Têm que salvar Catherine e pôr fim a Grindall de uma vez por todas — disse.

— Vá embora! Vá para os penhascos, depressa! — gritei em resposta. Armon assentiu com a cabeça, voltou-se e desapareceu na escuridão, deixando *Yipes*, *Murphy* e eu sozinhos na penumbra da torre.

— Metemo-nos num bela confusão — constatou *Yipes*. — Suponho que não haja mais nada a fazer a não ser subirmos as escadas até o alto... ou descermos até à masmorra.

Murphy ia já alguns passos à nossa frente, farejando o chão de pedra e correndo de um lado para o outro. Havia duas enormes escadarias, uma descendo e a outra subindo. O patamar era circular, vazio, salvo pelos dois archotes pendurados nas paredes. Pensei imediatamente em descer até chegarmos à masmorra, libertarmos Catherine e fugirmos, mas depois lembrei-me da figura solitária que vira no alto da torre à janela, observando o seu reino desmoronar à sua volta. Se queríamos pôr fim a Grindall, teríamos de encontrá-lo primeiro.

— Vamos subir — decidi. — Ele está lá em cima, a uma distância de apenas alguns lances de escadas. A masmorra pode esperar. — Os degraus de pedra do exterior tinham nos levado até ao meio da torre... quinze metros abaixo e quinze metros acima. Algo me dizia que estávamos destinados a encontrar Grindall à nossa espera, bem no alto da torre.

Murphy correu até o sexto degrau antes que eu conseguisse dizer mais uma palavra que fosse, dirigindo-se velozmente para o andar seguinte, mantendo-se junto à parede, onde as sombras espreitavam. *Yipes* e eu o seguimos silenciosamente, subindo em espiral pelo interior da torre, os sons vindos lá de baixo tornando-se cada vez mais fracos. Após o que nos pareceu muito tempo, chegamos a um patamar e a mais uma porta. Achei estranho ela estar entreaberta, mas *Murphy* pareceu nem pensar nisso e entrou correndo.

Empurrei a porta com cuidado e ela se abriu devagar, rangendo ruidosamente sobre as dobradiças.

Quando já havia espaço suficiente para meter a cabeça e espreitar para o outro lado, senti o cheiro dos ogros; aquele cheiro horrível de carne úmida, em putrefação. O cheiro vinha de trás de nós e, quando me volvei para olhar para trás, a porta escancarou-se e fomos empurrados lá para dentro. Apanhados de surpresa, *Yipes* e eu caímos no chão. A porta foi fechada nas nossas costas e dois dos maiores ogros que eu já tinha visto colocaram-se diante dela, atravessando uma enorme viga de madeira e impedindo a entrada de quem quer que fosse.

— Calculo que as coisas não possam ficar piores que isto — resmungou

Yipes. Mas depois olhamos para o interior da divisão, fracamente iluminada, e vimos mais oito ogros, todos maiores que aqueles que tinha visto até agora. Quatro dos monstros estavam encostados a uma das paredes e outros quatro junto a outra. Entre eles havia uma única cadeira de pedra, onde estava sentado um homem envolto num manto roxo escuro. O homem tinha a cabeça baixa, o seu cabelo comprido e negro caindo-lhe em cascata sobre o rosto, escondendo-o.

— Pelo visto, estava enganado — disse a Yipes.

O ocupante da cadeira ergueu a cabeça, enlouquecido, inclinando-a para o lado esquerdo. A sua pele era pálida como a morte, como se já não apanhasse sol há anos e anos. Os olhos saltavam-lhe das órbitas, cheios de raiva e falsidade, e o seu olhar fixou-se na bolsa de couro que continha a minha Jocasta. Tinha as sobrancelhas muito franzidas sobre as órbitas e, para meu espanto, ao ver-me a olhar para ele, arreganhou os dentes tortos como se fosse um lobo ou uma serpente. O lábio inferior era grosso e descaído e os cantos da boca brilhavam com saliva. Nesse momento, percebi então que Grindall... pois não podia ser outra pessoa... não estava no seu juízo perfeito. Arreganhando o lábio superior num sorriso sinistro, pulou da cadeira. Foi então que os ogros começaram a falar na sua própria língua, enchendo a divisão com os sons guturais dos seus gemidos e rugidos. Grindall falou-lhes na sua língua e fiquei espantada por ouvir os sons repugnantes que ele fazia ao comandar aquelas criaturas em tons ásperos. Os ogros sossegaram e, embora se ouvisse ainda a sua respiração ruidosa, ficaram em silêncio.

— Tem me dificultado muito a vida, Alexa Daley — cantarolou Grindall, a sua voz agora abafada e profunda, quase hipnótica naquela cadência lenta. — Contudo, também me trouxe uma coisa que procuro a muito tempo. Que conveniente que a última Jocasta esteja pendurada ao pescoço de uma insignificante menina, uma mera criança. Acho engraçado que Elyon não tivesse conseguido algo melhor.

— Você é Victor Grindall? — perguntei. Ele me olhou com tamanha malevolência que fui obrigada a desviar o olhar e a sua voz ouviu-se mais uma vez.

— Efetivamente, sou. O décimo Victor Grindall, para ser mais exato. — A sua voz era controlada e manhosa. — E estes são os meus lacaios, os mais poderosos dos gigantes, que juraram servir-me e morrer se essa for a minha vontade. São um grupo fedorento mas, como pode imaginar, muito útil em situações como esta.

Nisto, ouvi um som glorioso, pois Balmoral e os seus homens tinham chegado ao outro lado da porta, começando a tentar arrombá-la com toda a sua força.

A minha confiança aumentou.

— Está encurralado — disse eu. — Você e estes poucos ogros sobreviventes. Um exército enorme está prestes a arrombar aquela porta.

— Ah sim? — respondeu Grindall. — Até me convém que assim seja, já que pretendo fazer desabar a torre inteira em cima deles. Não tenho a mínima dúvida de que os meus lacaios mantenham aquela porta fechada até você e eu acabarmos de resolver o nosso assunto.

Falando novamente naquela hedionda voz rouca, mandou mais dois ogros para junto da porta. Agora estavam quatro lá e, embora a porta saltasse nas dobradiças de ferro quando os homens lhe batiam do lado de fora, parecia improvável que a conseguissem arrombar a tempo de nos salvar.

Grindall foi até à janela e espreitou para o exterior, voltando depois a sua atenção novamente para nós e encostando-se ao parapeito. Eu ouvia um som terrível nas suas costas, trazido pelo vento. Era o som de asas coriáceas e vozes estridentes de milhares de criaturas das trevas. O bando negro vinha aí, procurando Armon.

— Já reparou que aquele que criou tudo isto há muito que desapareceu? — escarneceu Grindall. — Ele não vai voltar, não vai voltar *nunca*. Agora prefere outras criaturas. A humanidade o desapontou muito. Devo dizer que entendo perfeitamente a posição que ele tomou.

Os morcegos chegaram à janela e voaram em círculos atrás de Grindall, os seus guinchos tornando-se quase insuportáveis. Grindall virou-se e falou-lhes.

— O gigante que procuram está aqui perto, em algum lugar lá embaixo. Encontrem-no! Capturem-no e tragam-no!

Grindall virou-se novamente para o interior da sala com uma nova expressão no rosto... uma espécie de raiva deleitada.

— Os únicos que estão no comando aqui sou eu e as forças que controlo — disse. — Toda a violência que está se passando do outro lado daquela porta é completamente inútil. Há muito tempo que me cansei destes miseráveis castalianos. São sujos, preguiçosos e praticamente sem utilidade para mim. — O seu olhar fixou-se novamente na bolsa em volta do meu pescoço. — A única coisa que importa é a pedra.

— Se a torre desabar, você vai junto com ela. — Era Yipes quem falava, e a sua voz sobressaltou-me. Ele estava a demonstrar ainda mais coragem do que eu lhe atribuía numa situação tão enervante. Do lado de fora, os cães selvagens ladravam e os homens tentavam arrombar a porta para entrar. O cheiro dos ogros era espantosamente intenso naquele pequeno espaço e Grindall ria. Era um riso medonho, sinistro e louco, meio humano e meio outra coisa qualquer.

— É o homenzinho mais estúpido que já vi — cuspiu Grindall, as suas

gargalhadas cessando e tornando-se sério mais uma vez. Caminhou até o lugar onde Yipes se encontrava e deu-lhe uma bofetada na cara, com as costas da mão. Yipes caiu no chão, imóvel, com a têmpora sangrando. Grindall manteve-se junto dele e riu grotescamente. — Você realmente é muito impressionante. Talvez devesse agarrá-lo e atirar pela janela. Seria divertido vê-lo voando pelo ar e se despedaçando lá embaixo. Ou talvez os meus gigantes gostassem de te comer ao jantar. Que acha, Alexa? A atiramos aos gigantes?

Os ogros grunhiram e aproximaram-se, agitando o ar pútrido da sala. Grindall era muito mais forte do que eu previra e, agarrando Yipes pelo colete, atirou-o para o outro lado da divisão. Um dos ogros apanhou-o e olhou-o, esfomeado.

— Tire a Jocasta e me dê, Alexa — ordenou o Grindall. — Dê-me já ou acabamos com o seu amigo. — Estava fora de si, olhando para a bolsa de couro como se ela fosse a única coisa no mundo que lhe interessava, com o braço no ar, à espera de dar sinal ao ogro para que esborrachasse Yipes contra a parede de pedra.

Tire a Jocasta e mostre-a a Grindall.

Não acreditava no que estava ouvindo. Era a voz sussurrante trazida pelo vento. Elyon teria desistido? Teria se desapontado comigo?

— Errei ao vir aqui? Fiz alguma coisa errada? — perguntei.

— Com quem está falando? *Dê-me a Jocasta!* — berrou Grindall.

O seu humor negro desaparecera, restando apenas a ânsia pela pedra pendurada no meu pescoço.

— *Dê-me!* — gritou ele novamente. Mais um minuto e ele a arrancaria à força.

Olhei para Yipes, tão pequeno e indefeso. Depois percorri a sala com os olhos. Toda de pedra; ogros por todo o lado; uma janela grande, virada para o lago; um archote tremeluzente junto dela. Depois de tudo por que tínhamos passado, se Grindall cumprisse o que tinha dito, a torre cairia e destruiria todo mundo, incluindo Catherine. Elyon seria derrotado de uma vez por todas, e o maléfico reino de Abaddon se espalharia pela nossa terra inteira, devorando-a até não restar nada de bom.

Segurei a bolsa de couro na mão, abri e tirei dela a Jocasta luminosa para que todos a vissem. Segurei-a bem alto no ar, a sua luz cor-de-laranja enchendo a sala e dançando nas paredes.

Victor Grindall olhou para ela, riu nervosamente e esticou a mão para pegá-la. Foi então que percebi que Balmoral tinha razão: Elyon via tudo, até coisas que Abaddon não conseguia ver na sua terrível ânsia pela pedra. No exato momento que Grindall ia tocar na pedra, *Squire* guinchou, mais alto do que

jamais a ouvi guinchar, e voou para dentro da sala, batendo as poderosas asas e com os olhos duros fixos unicamente na Jocasta.

Sobressaltado, Grindall virou-se por instantes e viu *Squire* entrar pela janela. Vi *Murphy* saltar das vigas que se estendiam ao longo do teto. Quando Grindall se virou novamente para olhar para a Jocasta, sentiu os dentes de *Murphy* se cravarem na sua mão estendida. Grindall gritou e agarrou *Murphy*, mas este não largava sua mão. Enquanto lutavam, *Squire* chegou junto da Jocasta, tomou-a numa das suas grandes patas, curvou abruptamente junto à parede de trás e voou em direção à janela. Quando lá chegou, um dos ogros cortou o ar com a espada. Penas e fagulhas voaram pelo ar em volta do parapeito da janela mas de nada serviu a Grindall. O ogro tinha apenas raspado a cauda de *Squire* e a última Jocasta tinha desaparecido da sala.

Murphy largou a mão de Grindall, correu por uma das paredes acima e empoleirou-se numa viga junto ao teto. O som de cães a ladrar e de homens a gritar para os deixarem entrar aumentou. Os quatro ogros estavam agora com dificuldade de manter a porta fechada.

— O exército está prestes a entrar — declarei. — Tem alguma coisa a dizer antes que conquistemos a Torre das Trevas e destruamos o que resta dos seus malévolos ogros?

Grindall fitou-me com ódio, tentando disfarçar o que devia ser a dor intensa da dentada que *Murphy* lhe tinha dado.

— Que criança horrível — disse ele, aumentando cada vez mais o volume da sua voz. — Apenas conseguiu piorar as coisas. Elyon nunca vai regressar. O que você fez foi enfurecer-me ainda mais. Eu me contentava em ficar aqui quietinho em Castalia e manter Abaddon sob controle. Mas olhe o que você fez... soltou Abaddon no mundo. Esta torre já não consegue conter a sua fúria.

Dito isto, virou-se para os seus ogros e ordenou-lhes:

— Vão! Abram caminho para o verdadeiro rei!

Era uma coisa impensável mas... cinco dos dez ogros... aqueles que não estavam de guarda à porta ou segurando Yipes... correram para a janela e saltaram dela. A porta estava quase caindo e os quatro ogros grunhiam e uivavam descontroladamente no seu esforço para manter o exército de Balmoral fora da sala.

— Soltou Abaddon, e ele não descansará enquanto não dominar tudo — jurou Grindall. — Aconselho a abandonar este local imediatamente. A Torre das Trevas está prestes a ruir. Tem que viver para poder me devolver a última pedra.

Em seguida grunhiu para o ogro que segurava Yipes. O monstro segurou-o debaixo do braço, foi até à janela e saltou. Gritei o nome de Yipes, mas em

vão. Ele tinha desaparecido.

Grindall abaixou-se, quase colando o seu medonho rosto ao meu. Depois esticou a mão ensangüentada e tocou-me a face, dizendo:

— Há um lugar do qual eu há muito não precisava, principalmente com Ganesh a vigiá-lo tão de perto aqueles anos todos.

— Ganesh trabalhava para você? — perguntei, mais uma vez espantada com o alcance de Grindall.

— É claro que trabalhava, tolinha. Acha que eu não sei o que se passa no seu patético reinozinho, do outro lado dos Montes das Trevas?

A maneira como ele disse aquilo me fez pensar se haveria mais gente sob seu comando dentro de Bridewell. Mas quem? Estremeci.

— Dou-lhe três dias para ir se encontrar comigo em Bridewell — continuou Grindall. — Traga-me a pedra e eu devolvo o seu amigo. Confie em mim, Alexa... Elyon não vai voltar. Esta sua missão é inútil. Pode salvar o seu amigo e ocupar um lugar de poder comigo. Mas traga-me essa pedra.

Olhamos um para o outro durante muito tempo. Depois Grindall pôs-se de pé, chamou os quatro ogros que restavam, virou-se, correu para a janela e mergulhou no ar noturno como os outros. Mal ele tinha desaparecido, os últimos ogros fugiram para a janela, abandonando a porta que se estilhaçou e caiu.

Atravessei a sala até à janela e os vi caindo pelo ar, numa queda longa, e aterrar numa grande lagoa, atrás da Torre das Trevas. A lagoa estava ligada ao lago por um canal e vi luzes de archotes se movendo debaixo da torre, como se deslizassem num barco. Grindall e os dez ogros tinham escapado. Atravessariam o lago para os Montes das Trevas, levando os seus maléficos planos sabe-se lá para onde.

Balmoral estava dentro da sala. Ajoelhou-se e abraçou-me.

— Você está bem, Alexa? Por que subiu aqui sem nós?

— Ele levou Yipes — disse eu, incapaz de pensar noutra coisa.

Balmoral e alguns dos seus guardas avançaram até à janela no mesmo instante em que *Squire* regressava, o que os assustou e fez recuar por um momento. O falcão voou em volta da sala e deixou cair a Jocasta na minha mão, pousando depois numa viga e dando um guincho sonoro.

— Ela está nos dizendo para sairmos daqui — disse eu. — Grindall tem uma forma qualquer de deitar a torre abaixo. Temos que tirar todos daqui e encontrar a masmorra antes que tudo desabe.

— Do que é que está falando? — perguntou Balmoral. — Ele foi embora... consigo ver o barco dele daqui. Já está entrando no lago. — Depois fez uma pausa e sentimos a torre estremecer e abanar para trás e para frente.

— Oh, não! — exclamou Balmoral.

Todo mundo começou a correr, abandonando a sala e descendo as escadas o mais depressa possível. Balmoral foi um dos últimos a sair e *Scroggs* manteve-se a seu lado.

— Anda, Alexa! — chamou Balmoral.

Virei-me para *Murphy* e chamei-o para o meu ombro. Voltei a colocar a Jocasta na sua bolsa e, a seguir, saltei para o parapeito da janela e olhei para trás, para Balmoral.

— Nós vamos por aqui — disse. *Murphy* olhou-me como se eu tivesse perdido o juízo e Balmoral gritou-me para descer do parapeito. Depois ouvi *Squire* se aproximar por trás de mim e observei-a enquanto ela voava, livre, pelo ar. *Murphy* e eu a seguimos pela janela, para a escuridão da noite. Fechei os olhos, rezando para que a água amortecesse a nossa queda o suficiente para nos manter vivos. Voamos sem fim em direção ao chão e depois tudo ficou frio e escuro, o meu corpo ardendo do impacto.

CAPÍTULO 23

A MASMORRA

Vim à superfície numa explosão de água, o meu corpo ainda ardendo da queda de chapa na lagoa. Não tinha tocado no fundo, embora parecesse que os meus ouvidos iam explodir devido à profundidade. A lagoa era muito maior do que parecia vista de cima e obviamente muito funda. Vi *Murphy* nadando com todas as forças para a margem e depois olhei para o canal, na direção do lago, e vi que Grindall já ia bem longe, os ogros remando de ambos os lados e o grupo todo desaparecendo na noite.

Nadei até à margem e engatinhei para terra. Já era tarde e o orvalho já tinha começado a se acumular na encosta. Não tardaria a amanhecer. Eu estava atrás da torre, protegida por duas muralhas altas que se estendiam dali até à beira da água. Este era um lugar secreto, um lugar preparado para um dia como este, um dia em que Grindall precisasse fugir rapidamente, sem ser detido por ninguém que viesse a pé.

Lá em cima, a torre ribombou e um bloco de pedra soltou-se e caiu, batendo contra o lado da enorme estrutura enquanto rolava. Era maior do que um homem adulto e caiu com uma pancada seca e bem audível, do outro lado da muralha, fazendo tremer o próprio chão.

— O que poderia Grindall ter feito para fazer ruir a torre? — perguntei.

Murphy estava passando as patas pela cauda para espremer a água.

— Deve ter usado a força dos dez ogros na base da construção — respondeu ele. — Se calhar já tinha tudo preparado para poder pular e depois remover pedras anteriormente preparadas para uma noite como esta. Se removeram as pedras certas da base da torre, é certamente possível que ele consiga fazer cair a construção toda. De qualquer forma, não temos muito tempo antes que ela desmorone completamente. É melhor nos apressar.

Pusemo-nos de pé e começamos a caminhar ao longo da margem do lago, em direção à torre, onde encontramos um buraco enorme. O interior da caverna submersa era completamente escuro, a água parecendo um melaço escuro e sinistro enchendo o espaço. Devia ser aqui que guardavam o barco e era a nossa única esperança de conseguirmos entrar na masmorra antes que a torre ruísse à nossa volta.

Ouvi vozes e gritos vindos do outro lado da muralha e vi uma luz de archote a tremeluzir contra a torre. Uma mão enorme agarrou-se à borda da muralha e o que devia ser um dos últimos ogros içou-se para cima dela, pondo-se de pé. Não nos viu, limitando-se a ficar ali de pé a uivar, com as pernas e um braço crivados de flechas, o sangue jorrando de várias partes do seu corpo. Nisto, algo miraculoso aconteceu. Armon, que eu tinha enviado para os penhascos, saltou para cima da muralha, ficando frente a frente com o monstro ferido. Ele era um lutador poderoso e não tardou a derrotar o ogro. Lutaram com espadas durante algum tempo e depois Armon atirou o ogro pela muralha, afastando-o de nós, e ouvi os castalianos, lá em baixo dominarem-no.

— Atirem-me um archote! — berrou Armon para as pessoas que estavam no solo. Um minuto mais tarde tinha o archote na mão e saltou para o nosso lado da muralha, chegando junto de mim e de *Murphy* com três grandes passos.

— Por que não está escondido nos penhascos? — perguntei. Estava contente por vê-lo mas também estava preocupada.

— Fiquei lá algum tempo olhando o bando a aproximar-se de mim, mas antes de chegarem lá, mudaram de direção — disse Armon. — Parece que fugiram para o lago, seguindo Grindall e os dez ogros sobreviventes.

Olhando para a água, realmente parecia que uma nuvem negra pairava sobre o barco de Grindall, uma nuvem ligeiramente mais escura que o resto do céu noturno que cobria o lago.

Armon fez um sinal para trás das suas costas.

— Aquele ogro que estava em cima da muralha era o último que restava aqui. Os castalianos estão finalmente livres.

Naquele momento a torre balançou novamente, desta vez com mais força, e outra pedra maior, acompanhada de outras menores, soltou-se da parte de cima da estrutura, caindo no chão. Vindo do meio do lago, ouvi o riso distante de Victor Grindall, que deslizava livre, dirigindo-se à minha terra natal.

— Temos que chegar à masmorra e salvar Catherine — disse eu. — Temos de nos apressar!

Sem mais palavras, Armon entrou em ação, a luz do archote dançando nas paredes da cavernosa abertura. Entrou na água e esta não tardou a ultrapassar-lhe o peito em profundidade.

— Agarre-se aos meus ombros! — berrou ele.

Murphy trepou em mim e sentou-se na minha cabeça, enquanto eu começava a nadar. Segurei-me ao pescoço grosso de Armon e, nadando, ele penetrou na escuridão, segurando o archote no ar com uma mão e dando braçadas com a outra, puxando-nos para o interior da caverna escura. Pouco depois começou novamente a caminhar e eu larguei o seu pescoço e nadei até

conseguir me pôr de pé. Quando cheguei ao lugar onde Armon estava, vi que havia uma robusta porta de madeira embutida na parede de pedra, na base da torre. A porta estava danificada pelo tempo e meio apodrecida devido à umidade. Mesmo assim, tinha aspecto de ser uma poderosa barreira à nossa entrada.

Armon entregou-me o archote e passou os dedos pelos rebordos superior e laterais do obstáculo que tínhamos à nossa frente. A torre abanou novamente e uma chuva de terra caiu sobre nós. Fechei os olhos, certa de que tínhamos perdido a nossa oportunidade, certa de que a torre estava prestes a cair em cima de nós. Mas, mais uma vez, ela se agüentou, não disposta a se desfazer em pedaços ainda.

— Segure o archote aqui embaixo — pediu Armon. Inclinando a luz junto aos seus pés, iluminei a terra enlameada junto à base da porta. Havia aí um espaço suficientemente largo para que Armon conseguisse meter ambas as mãos.

— Afaste-se — disse ele, abaixando-se e esperando que eu me afastasse da porta. Não havia outro lugar para onde ir, portanto recuei para dentro de água, até ficar apenas com a cabeça e braço de fora. *Murphy* segurava-se em algumas madeixas do meu cabelo com as patinhas e, a cada passo que eu recuava dentro de água, agarrava-se com mais força. Finalmente tive que lhe dizer que parasse de puxar meu cabelo daquela maneira.

Armon usou toda a sua força para levantar a porta, puxando-a para si e gemendo alto. O som ecoava por toda a caverna.

A porta soltou-se e Armon caiu para trás na água, bem à minha frente, provocando uma grande onda que me passou por cima da cabeça. Agarrando-me pelo braço, arrastou-me para junto da porta, ambos a pingar e o archote transformado numa bola negra de cinzas sem chama. *Murphy*, que tinha escorregado da minha cabeça, nadava atrás de mim.

A porta dava acesso a um corredor comprido, de pedra, com archotes presos ao longo das paredes. Peguei *Murphy*, cujo pêlo molhado parecia um pedaço de musgo verde encharcado, e passei correndo pela entrada, continuando ao longo do corredor com a sua iluminação bruxuleante. Armon vinha logo atrás de mim e, com a torre a tremer por cima de nós, descemos as escadas que conduziam à masmorra. Enormes vigas de madeira cobriam o teto, rangendo sob a pressão da torre. Já não havia momentos de silêncio... a torre ia cair numa questão de minutos, se não segundos.

Dobramos uma esquina, nas escadas, e pisamos chão de terra, numa divisão comprida. De ambos os lados havia entradas de pedra, em arco, cinco de cada lado, e entre cada uma delas havia um archote. No fundo da divisão havia uma cadeira grande, com um conjunto de chaves pendurado numa das pernas. Ao lado das chaves, uma escadaria estreita, de pedra, subia na escuridão. Armon

pegou num dos archotes e percorreu a sala, chegando a luz a cada entrada e descobrindo que cada uma delas estava fechada por grades grossas, de ferro. Tinham de ser as celas da masmorra.

— Catherine! — gritei, mas ninguém respondeu. Avançamos um pouco mais, passando os dois primeiros pares de celas, que estavam vazios. E depois encontramos, num canto da terceira cela do lado esquerdo, um corpo dobrado para frente. Armon passou-me o archote e agarrou nas grossas barras de ferro, gemendo como um louco enquanto tentava, com todas as suas forças, abri-las. Mas estava ficando sem força devido ao cansaço e recuou, com uma expressão de espanto estampada no rosto, como se não conseguisse imaginar que existia coisa que não fosse capaz de dobrar. Franzindo as sobrancelhas, agarrou novamente nas barras e tentou mais uma vez afastá-las. No momento em que as barras de ferro começavam a se separar com uma lentidão agonizante, *Murphy* falou.

— Talvesh ishto funshione. — Trazia a argola de chaves entre os dentes e Armon olhou para baixo, para o pequenino *Murphy*, e sorriu.

— Você compensa a falta de tamanho com um engenho impressionante. — Armon pegou nas chaves, inseriu uma delas na fechadura e abriu o portão de ferro.

Entrei na pequena e úmida cela, chamando repetidamente o nome de Catherine. Ajoelhei-me junto do frágil corpo, todo encolhido e sujo, e Armon curvou-se e entrou também, a sua enorme presença quase enchendo a cela.

Toquei no corpo, abanei-lhe o ombro e afastei o cabelo desgrehado do rosto. Soube imediatamente que era ela. Era a mulher que eu conhecera como Renny Warvold e que a minha aventura me tinha revelado ser Catherine. Estava pele e osso e mal respirava, mas era, sem dúvida, Catherine. Ela abriu os olhos e olhou para mim com tamanha alegria que mal consegui me conter para não abraçar o seu corpo frágil. Doía-me o coração por vê-la naquela agonia.

— Alexa? — sussurrou ela.

Armon afastou-me, pegou Catherine e saiu da cela. As paredes começavam a ruir e o som de uma morte iminente enchia a divisão. Entendi perfeitamente a mensagem que ele queria transmitir: haveria tempo, mais tarde, para nos re-familiarizarmos uma com a outra. Para meu grande espanto, Armon virou na direção das celas que ainda não tínhamos inspecionado.

— Armon, onde vai? — gritei. — Temos que sair daqui ou morremos.

Foi então que aconteceu a coisa mais miraculosa que eu podia ter imaginado, mesmo nos meus sonhos mais fantásticos. *Murphy* tinha ido na frente enquanto nós cuidávamos de Catherine e tinha levado as chaves a outra cela que estava agora aberta. Quando nos aproximamos da arcada daquela última

cela, do lado esquerdo, um homem saiu lentamente para a luz dos archotes. Tinha uma barba branca e comprida, era magro mas de aspecto robusto, e eu o reconheci imediatamente.

— Vem mesmo a tempo, meu caro Armon. Embora pudesse ter andado um nadinha mais depressa, dado que a torre está prestes a cair sobre as nossas cabeças.

Armon fez uma grande vênha, com Catherine nos braços.

— As minhas desculpas, Sr. Warvold.

Não podia ser. Como podia Warvold estar vivo? Ganesh tinha-o envenenado. Ele estava morto. Eu estava lá... eu *sabia* que ele estava morto. As suas notas tinham nos conduzido até o lugar onde estávamos agora. Seria possível que ele tivesse estado aqui o tempo todo, vivo, à nossa espera?

— Não pode ser — disse eu.

— Como está ela? — perguntou Warvold, ignorando a minha suave súplica, olhando fixamente para Catherine e tocando-lhe suavemente, provavelmente pela primeira vez em muitos anos.

— Ela vai ficar bem — disse Armon e, atirando Warvold sobre o seu ombro, correu da divisão o mais depressa que era capaz. Eu corria atrás dele, o meu olhar cruzando-se com o de Warvold na luz tremeluzente, observei o seu cabelo branco a saltar e a cair-lhe sobre o rosto enquanto corria pela sala. Ele me piscou o olho e sorriu com o seu lindo sorriso de sempre. Até parecia mais novo do que eu me lembrava. E, naquele momento, ouvi na sua voz algo que não ouvira antes. Sempre soube que ele me amava, que havia algo de especial na nossa relação, mas, até ouvir as palavras, não tinha percebido o que tinha feito.

— Eu sabia que você conseguiria fazer isto, Alexa! Virou a maré a nosso favor!

Quando as paredes começaram a ruir, corremos para fora da masmorra, escapando à morte, Catherine e Thomas Warvold conosco mais uma vez. Saímos da torre e nadamos até à margem, depois continuando a correr ao longo da muralha, em direção à lagoa. Estávamos chegando à margem quando o ruído trovejante da torre desmoronando nos fez parar. Era ensurdecedor, semelhante a ondas batendo contra as rochas no meio de uma tempestade. A torre pareceu levar uma eternidade para cair, como se caminhasse em câmara lenta para o esquecimento. A estrutura inclinou-se para a nossa esquerda e depois a parte de baixo cedeu e a estrutura caiu direto. Quando a poeira assentou, vimos que as escadas que conduziam à entrada da torre se mantinham de pé, partidas dos lados e com um monte de entulho por baixo delas. Depois os homens e mulheres de Castalia começaram a subi-las. À luz fraca da manhã os vimos subindo as escadas, agitando as mãos no ar e dando gritos de alegria enquanto avançavam.

Um novo dia nascia para Castalia.

Armon pousou Warvold no chão e estendeu-lhe Catherine. Ela estava acordada, o ar fresco e o som da torre a ruir tinham-na ressuscitado. Com a minha ajuda, conseguiu pôr-se de pé e Warvold abraçou-a.

Olhei por cima do lago, vi a manhã a nascer e um ponto escuro no horizonte: Grindall e os seus ogros desaparecendo no interior dos Montes das Trevas.

CAPÍTULO 24

NOS PENHASCOS

Ficamos na clareira mais uns minutos, Warvold abraçando-me e *Murphy* se mexendo, irrequieto, em cima do seu ombro. Os olhos de Warvold tinham uma expressão preocupada e eu adivinhei que o nosso descanso seria de pouco.

— Temos que agir rapidamente. Receio que o nosso trabalho só tenha começado.

Armon voltou a pegar Catherine e contornamos a muralha correndo, com a água da lagoa pelas ancas. Do outro lado encontramos Balmoral, que Warvold também parecia conhecer.

— Que bom te ver, Balmoral — disse Warvold. — Está com ar de quem teve uma bela noite.

— E tive, Senhor. E ela ficou ainda melhor, agora que o vi e à Catherine.

— Balmoral, preciso de um favor. Pode trazer imediatamente a corda mais comprida e mais resistente que encontrar nos penhascos? Encontraremos-nos contigo lá e depois partiremos. Ah, e procure John. Ele vai conosco.

Hesitantes, olhamos para Warvold, sem saber como proceder. Era um momento incômodo e, finalmente, Catherine disse as palavras que ninguém tinha coragem de proferir.

— Ele morreu, não morreu? Morreu tentando nos salvar!

Ninguém foi capaz de responder; limitamo-nos a olhar para Catherine e para Warvold, assentindo com as cabeças. Foi então que Balmoral deu um passo em frente.

— Não, minha Senhora. Isso não está totalmente correto. Ele morreu tentando salvar mais do que apenas dois. Morreu tentando salvar Castalia. E, pelo aspecto daquela torre, conseguiu.

Balmoral fez uma pausa e depois continuou.

— Receio que Grindall tenha levado também o Sr. Yipes. Não sabemos se está vivo ou morto.

— Está vivo — afirmei. — Grindall disse-me que o manteria vivo se eu lhe levasse a última pedra a Bridewell, dentro de três dias.

Warvold era sempre sereno e calmo como líder, mas a minha afirmação o alarmou.

— Temos que agir rapidamente — disse ele. — Não é apenas o nosso amiguinho que está em perigo. Se Grindall pretende invadir Bridewell, as muralhas que restam em volta da cidade não serão o suficiente para detê-lo.

— Há mais uma coisa que devo lhe dizer — declarei.

Warvold levantou uma sobrancelha e escutou com atenção.

— Grindall disse qualquer coisa sobre Ganesh trabalhar para ele.

— Isso não me surpreende — respondeu Warvold.

— Sim, mas depois disso, depois de ter contado isso sobre Ganesh, disse uma coisa que me fez pensar que talvez haja mais alguém trabalhando para ele. Alguém dentro ou nos arredores de Bridewell.

Warvold franziu ainda mais as sobrancelhas até fazer um sulco entre elas e pareceu considerar esta hipótese, enquanto o vento lhe despenteava o cabelo branco.

— Já tinha me ocorrido isso — respondeu. — Mas não faço idéia de quem possa ser. Teremos de ter cuidado com as pessoas em quem confiamos nos próximos dias.

Warvold olhou para Balmoral como quem diz: *Não devia pôr-se a caminho?*

Balmoral ficou ali mais uns minutos e, de repente, pareceu lembrar-se do que era suposto fazer.

— Vou tratar de arranjar as tais cordas — disse, virando-se e afastando-se a correr.

Caminhamos rapidamente junto aos destroços da torre e falamos brevemente com alguns dos castalianos.

Enquanto avançávamos, Warvold olhava constantemente para mim, os seus olhos verdes e vivos brilhando como nas recordações que eu tinha da minha infância. Ele tinha tanta autoridade e elegância. Não sentia medo nenhum, apenas expectativa quanto ao que iria acontecer nos próximos dias.

A certa altura, fiz-lhe a pergunta que tinha me deixado confusa.

— Warvold, por que vamos para os penhascos? Não vamos atrás de Grindall pelos Montes das Trevas?

— É muito trabalhoso para um homem da minha idade — respondeu ele, muito embora parecesse bastante capaz, a julgar pela forma como acompanhava o passo de Armon.

Odessa, Scroggs e Piggott vieram se colocar ao nosso lado. *Odessa* tinha ganho o respeito dos dois cães por ser, de longe, a maior e a mais forte dos três. *Piggott* e *Scroggs* pareciam tê-la aceito como líder.

— Parece que tivemos sucesso hoje — disse a loba.

— Não tanto quanto gostaríamos — respondi, contando aos cães sobre a

fuga de Grindall e sobre o que tinha acontecido a Yipes.

Quando chegamos aos penhascos, a neblina pairava, como sempre, a poucos metros abaixo da beira rochosa dos mesmos. Não tivemos que esperar muito tempo por Balmoral, que chegou com dois dos seus homens, transportando uma corda grossa e comprida entre eles.

Espiei o precipício.

Em todos os locais em que o oceano encontra a terra, há penhascos de rochas escuras e pontiagudas. Quem olhar para além da ponta desses penhascos, perceberá, alguns metros abaixo, um nevoeiro tão denso que não permite ver a água. A nossa volta, só se vê nevoeiro branco e espesso, como se estivéssemos suspensos nas nuvens e, se saltássemos do penhasco, a queda duraria vários dias. Se não fosse o ruído violento das ondas a arrebentarem contra as rochas, lá em baixo, poderíamos pensar que as nossas terras eram uma ilha no céu.

— Aqui está. Corda suficiente para atar um rebanho de ovelhas — disse Balmoral, interrompendo os meus pensamentos.

— Amarre-a àquela rocha e certifique-se de que o nó fique o mais apertado possível — ordenou Warvold. Ele apontava para uma gigantesca pedra que se projetava do solo, a cerca de seis metros da beira do penhasco

Balmoral e os seus guardas, com a ajuda de Armon, obedeceram. Uns minutos mais tarde aproximaram-se de nós, que estávamos a alguns metros da beira do precipício e da neblina.

— Agora, atire a corda para o precipício — continuou Warvold. Balmoral olhou para ele como se tivesse enlouquecido, sem saber bem o que fazer.

— Atire-a! Não podemos perder tempo — insistiu Warvold. Balmoral atirou a corda pela beira do penhasco. Era muito comprida, talvez tivesse uns trinta metros de comprimento, e caiu no meio da neblina, num lugar desconhecido, que nenhum de nós jamais tinha visto.

— Por que estão todos aí parados? Vamos descer! Roland está à espera! — ralhou Warvold. — Armon, desce você primeiro com *Odessa* debaixo de um braço e Catherine às costas. Temos que te esconder antes que os morcegos regressem.

O maior e mais turbulento rio da Terra de Elyon era o Rio Roland, batizado com o nome da única pessoa que tentara navegá-lo. Roland passou vinte anos a construir um barco a que chamou *Warwick Beacon*, e depois, antes de eu ter nascido, desapareceu nas violentas ondas do rio, entrando no Mar da Solidão. Ninguém o viu ou teve notícias dele desde então. Todos partiam do princípio de que ele tinha falhado na sua tentativa e que tinha morrido há muito

tempo, quando o *Warwick Beacon* foi esmagado contra as rochas.

— O Roland? — perguntei. — O Roland e o *Warwick Beacon*? Ele está mesmo ali embaixo à nossa espera?

— Bem, espero que esteja — respondeu Warvold. — Disse-lhe que estivesse lá num dia exatamente como o de hoje. Se não estiver lá, ficarei muito desapontado.

Em seguida, com a rapidez de um jovem, caminhou até a corda, pegou-a e, sem mais palavras, desapareceu no precipício, sorrindo.

Catherine estendeu os braços para Armon assim que Warvold desapareceu de vista. Armon a pegou, colocou-a em cima do seu poderoso ombro e olhou para baixo, para os dois cães e para *Odessa*.

— *Odessa*, isto pode tornar-se um pouco desconfortável. Peço desculpas. — O gigante esticou um braço e agarrou *Odessa* pelo tronco, encostando a loba a ele. Feito isto, levou os dois até à beira do penhasco, agarrou a corda com a mão que tinha livre, e desapareceu no meio da neblina, deixando-nos a todos de boca aberta.

— Não sei, não — disse Balmoral, abanando a cabeça. — Como podemos ter certeza de que Roland está lá embaixo?

Murphy encolheu os ombros, agitou a cauda umas quantas vezes e desapareceu corda abaixo. *Piggott* e *Scroggs* espreitaram para o abismo, as rochas pontiagudas espetando-se em todas as direções, e ficaram vendo *Murphy* deslizar pela corda até o perderem de vista.

Olhei para Balmoral e ele olhou para mim. Ficamos ali, no penhasco solitário, com os dois cães, pensando no que haveríamos de fazer. Conseguia ver nos olhos de Balmoral que não tardaria a ficar sozinha na beira do penhasco. O meu companheiro olhou para trás, para o lago e para o cais, e apenas podia imaginar a torrente de emoções que tomou conta dele.

— Estes anos com Grindall governando Castalia foram realmente difíceis — disse ele. — Temos que detê-lo. Somos os únicos que sabemos como as coisas se tornaram perigosas. Mais ninguém acreditará em nós.

Enquanto falava, arrastava os pés para trás e para frente na erva.

— Warvold disse que isto demoraria apenas alguns dias. Provavelmente estarei de volta dentro de uma semana.

Olhou para os dois homens que tinham recuado um pouco, esperando a pouca distância dali, e gritou-lhes.

— Digam à Mary e à Julia que tenho que ir salvar o mundo com Thomas Warvold. Volto dentro de uma semana. — Os dois homens correram em direção ao cais. Balmoral virou-se e agarrou na corda, deslizando pela beira do penhasco e desaparecendo na neblina branca e fofa, como os outros.

Fiquei em cima do penhasco sozinha com *Piggott* e *Scroggs*. Estava tudo estranhamente silencioso e olhei para trás, na direção do lago. O sol já tinha nascido e o calor estava aumentando rapidamente.

— Acho que isto é o que chamam um salto de fé — disse *Piggott*, fazendo depois sinal a *Scroggs*, e os dois se afastaram na direção da Cidade dos Cães. Perguntei a mim mesma o que seria deles nesta nova Castalia e o que iria acontecer aos outros cães.

Tinham lutado corajosamente mas durante quanto tempo os castalianos se lembrariam do que aquelas criaturas doentes tinham feito por eles? O mais provável era que continuassem a viver na Cidade dos Cães.

Um salto de fé. De repente, senti-me terrivelmente cansada. Quando terminaria a minha missão? Quando poderia me sentar diante de uma lareira a conversar com Catherine, com Yipes e com Warvold? A Terra de Elyon era um lugar muito maior e mais assustador do que eu pensara.

O Mar da Solidão é o único caminho para a Décima Cidade.

A voz trazida pelo vento foi a única garantia de que necessitei. Segurei a minha Jocasta, guardada na segurança de sua bolsa de couro, e olhei uma última vez para a Torre das Trevas desmoronada. O povo celebrava, livre de Grindall e dos ogros. Era hora de partir.

Pus-me de gatinhas, agarrei a corda e desci lentamente para a neblina branca e fofa.

CAPÍTULO 25

COMEÇA A PERSEGUIÇÃO

A parede do penhasco estava molhada e escorregadia, por isso os meus pés escorregavam constantemente e eu batia com os joelhos e os cotovelos contra a superfície dura. A neblina também era molhada, cobrindo-me o cabelo e o rosto com uma suave camada de umidade que era fresca em contato com a minha pele, e fazia com que os meus lábios ficassem com gosto de sal. Era tão espessa que mal conseguia ver a corda que tinha nas mãos enquanto descia ainda mais e, a cada minuto que passava, eu ficava mais ciente de que jamais teria forças para voltar para trás.

Ouvi vozes por baixo de mim, abafadas pelo calmo mas constante bater da água contra as rochas, o som espumante de líquido a infiltrar-se novamente na terra. Enquanto continuava a descer lentamente, a neblina começou a dissipar-se até, de repente, desaparecer completamente. Olhei para cima e vi uma camada branca e espessa que parecia estender-se sem fim pelo mar dentro, um teto de nuvens enevoadas que pairava quinze metros acima da água. Em seguida olhei para baixo e, para meu espanto, vi uma embarcação bastante grande, balançando na superfície da água. O barco estava perigosamente próximo do penhasco, tão próximo que me pareceu que devia ter-se esmagado contra as rochas, deixando entrar água pelo casco.

Quando me aproximei do convés do barco, percebi que havia uma caverna na parede do penhasco e que metade do barco estava enfiada dentro dela, em perfeita segurança sobre as águas do mar. Armon mandou-me pular quando ainda estava a quatro metros e meio do fim da descida e como eu poderia resistir saltar para os braços de um gigante?

Um homem apareceu, vindo da parte da frente da embarcação, um homem que eu nunca tinha visto mas que reconheci sem hesitação. Era Roland. Tinha o aspecto de um homem curtido pelo mar: roupa esfarrapada, cabelo e barba compridos e louros, pele coriácea e olhos penetrantes, cor de cobalto. Trazia na cabeça um estranho chapéu de couro e as mangas da sua camisa não eram compridas nem curtas, mas sim de um comprimento intermédio. Tinha os pés e os tornozelos nus, com aspecto de andarem sem proteção há muito, os pêlos brancos e encaracolados das suas canelas agitando-se ao vento enquanto

caminhava. O homem segurava nas mãos uma travessa com peixe seco e pão. Ficou ali entre nós e eu tive a sensação de que era o único membro da tripulação que restava.

— Peço desculpas pela demora, Thomas — disse Roland. — Tive que verificar as âncoras para me certificar de que não íamos virar contra os penhascos. É uma embarcação boa mas o *Warwick Beacon* necessita ser mimado para se manter flutuando.

— Compreendo perfeitamente — respondeu Warvold, que, a cada momento que passava, ficava com um ar mais enérgico.

— Roland nos fez o favor de preparar alguma comida e nenhum de nós está mais ansioso por atacá-la do que eu e Catherine. Vamos comer?

Roland pousou a travessa no meio de nós. Armon foi o primeiro a tirar comida. Pegou em nacos de pão e pedaços de peixe e ofereceu-os a Warvold e a Catherine. Mais tarde descobri que Roland andava no mar há treze anos, aproximando-se periodicamente do local onde estávamos. Durante o último ano estivera à espera nas imediações dos mesmos penhascos que se erguiam por cima de nós. Dentro da caverna encontrara uma nascente de água fresca e sempre tivera muito peixe para comer. O pão era uma guloseima, tendo a farinha e o óleo sido tirados de reservas que tinha feito antes de partir. Há muito que contar sobre a construção do barco, sobre os longos anos no mar e sobre as aventuras que Roland viveu, mas isso fica para outra hora.

Warvold começou a falar e foram muitas as coisas que nos contou, as mais importantes das quais vou partilhar agora convosco.

Primeiro, contou-nos uma coisa que não devia ser surpresa alguma: Roland e Warvold eram irmãos... um era um grande aventureiro em terra e o outro no mar. Havia muitos segredos entre aqueles dois. Tinham conseguido enviar mensagens um ao outro, escolhendo lugares onde Warvold podia descer uma corda com uma bandeira vermelho-vivo, alguns mantimentos e notícias do que estava se passando lá em cima. Roland também tinha enviado mensagens ao irmão, mas Warvold não falou muito delas, preferindo mantê-las em segredo.

Roland havia recebido a última mensagem no fundo dos penhascos de Lathbury, a minha terra natal. A mensagem dava instruções a Roland para que estivesse à espera, um ano depois, debaixo dos penhascos, na ponta mais oeste da Terra de Elyon, onde outra bandeira vermelha estaria suspensa junto à água. Quando partiu na sua viagem para salvar Catherine, Warvold tinha encarregado Armon de pendurar a bandeira. Nessa mesma altura, Warvold deixara com Yipes a carta endereçada a mim, dizendo-lhe que aguardasse um ano antes de entregá-la. Esperava conseguir subjugar Grindall sem ajuda, mas foi capturado e enviado

para a masmorra, onde o encontramos.

Eu estava, obviamente, curiosa por saber por que ele tinha se atrevido a cumprir esta missão sozinho, sem ajuda. Ele me respondeu com toda a descontração.

— Do que está falando? Eu planejei todo o tipo de ajuda, como pode ver ao olhar em volta. Roland, Armon, *Murphy*, Yipes, Balmoral... e você, Alexa. Esperava não necessitar de mais nada a não ser do meu próprio engenho, mas Grindall provou ser mais esperto do que eu calculara. No entanto, era realista quanto às minhas chances. Pensei que poderia precisar da ajuda de cada um de vocês, mas só queria recebê-la quando tivesse a certeza absoluta de que necessitaria dela. — Mais uma vez fiquei abismada com a inteligência daquele homem. Só ele podia ter planejado a forma como cada um de nós se envolveria, mantendo-nos afastados do perigo até ele saber que tinha falhado na sua tentativa de salvar Renny.

A seguir, Warvold contou-nos como tinha conseguido simular a sua própria morte na noite em que deu o passeio até à muralha comigo. Ele sabia de Ganesh e da sua conspiração para destruir as cidades amuralhadas, mas tinha problemas maiores para resolver. Tinham levado Catherine e ele estava determinado a encontrá-la, a revelar tudo o que sabia às pessoas certas na altura certa, a libertar a sua mulher e os castalianos do jugo de Grindall.

Assim, tinha criado um plano complicado que teve início quando Ganesh tentou envenená-lo. Warvold detectou o perigo e, em vez do veneno, bebeu uma poção de sua própria fabricação, que lhe reduziu a respiração e o coração quase a zero. Apenas Grayson, o bibliotecário de sua confiança e amigo de longa data, tinha conhecimento do plano. Nos dias que se seguiram à suposta morte de Warvold, foi Grayson quem tratou do corpo e que o colocou no caixão. Enquanto todos choravam a morte, os dois amigos comiam torradas com compota de morango e bebiam chá nos recantos secretos da biblioteca. Quando a hora do funeral chegou, Warvold bebeu novamente a poção e dormiu durante a cerimônia toda. Finalmente, quando Grayson preparou o corpo para ser enterrado, substituiu Warvold por um saco comprido de terra, e Warvold iniciou a sua viagem.

— Tenho pouca coisa para lhes contar agora, e depois podemos içar as velas — disse Warvold, com aquela expressão de esperança estampada no rosto, uma expressão que conseguia pôr qualquer humano ou animal a trabalhar em qualquer coisa que escolhesse. — Hoje desferimos um duro golpe contra Abaddon, mas há ainda muita coisa a fazer. Grindall anda à solta e nós somos os únicos capazes de detê-lo. Ele tem consigo um dos nossos mais queridos amigos. Só nós podemos salvar Yipes.

«Nos próximos dias, viajaremos por mar, escondidos na neblina, e faremos os nossos planos. Temos que ser astutos como raposas pois o único objetivo que Grindall e os ogros têm na vida é nos destruir. A única coisa que interessa a Grindall é a pedra e a destruição que pode deixar atrás de si enquanto a procura.

Warvold parou por instantes e mediu cuidadosamente as palavras seguintes.

— Nicolas, Grayson e Pervis... se leram a carta que deixou ao seu pai, estarão à espera de Grindall e dos ogros. E o seu pai também, Alexa. Ainda há muita coisa que você não sabe e eu tinha os meus motivos para manter algumas coisas em segredo. O destino da Terra de Elyon está pendurado em volta do seu pescoço e, para sermos bem-sucedidos, esse fardo tem que ser transportado com a ajuda dos teus amigos.

Warvold pegou num pão e partiu um pedaço, dizendo o que lhe faltava dizer, algo que eu já sabia.

— Com a ajuda da última pedra, temos que encontrar a Décima Cidade.

Naquele momento senti que nenhum de nós, nem mesmo Warvold, sabia por que tínhamos que ir à Décima Cidade. Uma missão qualquer nos esperava para lá do Campo da Astúcia, num lugar secreto, mas não fazíamos idéia em que consistia.

Quando Warvold terminou de falar, Roland levantou a âncora e Armon meteu-se na água e nadou, empurrando-nos para longe dos penhascos, para o vento leve. Em seguida, içaram-se as velas e partimos a caminho de novas aventuras, aventuras nas quais nem sequer tive forças para pensar até o dia seguinte. Enquanto a brisa nos fazia deslizar sobre águas azuis que eu até então apenas imaginara, enrosquei-me no convés, com um velho cobertor debaixo da cabeça. O ar era mais fresco sob a neblina, ainda quente, mas agradável. *Murphy* enrolou-se numa bola a meu lado e eu passei-lhe carinhosamente a mão pelo corpo, sussurrando algumas palavras para o vento.

— Não desista, Yipes. Nós vamos salvá-lo.

Pouco depois estava dormindo, embalada pelas ondas, navegando em direção de casa, gozando a companhia calma do Mar da Solidão.

Este seria o último período de calma que eu teria durante algum tempo.

Continua...



É outra vez Verão e como todos os anos Alexa desloca-se a Bridewell com o pai. Depois das aventuras do ano anterior, que podes ler no primeiro livro desta série, *As Montanhas Misteriosas*, Alexa pensa que vão ser umas férias tranquilas. Daquele canto sossegado da biblioteca do velho casarão, Alexa poderá desfrutar de uma vista maravilhosa para os campos em volta e sonhar com novas aventuras.

É claro que o pai a proibiu de transpor as muralhas da cidade... Mas então uma inesperada ameaça surge do exterior. Yípes entrega-lhe uma carta que Warlord tinha guardado para ela antes de morrer, onde lhe revela que só ela pode pôr fim a um perigo assombroso que tudo ameaça destruir. Alexa e os seus amigos, humanos e simpáticos bicharocos – com quem ela consegue falar graças às pedras mágicas –, vão ter de se arriscar a enfrentar perigos impensáveis para trazer de novo a paz ao seu mundo.

Patrick Carman começou por criar esta série de histórias com o propósito de as contar às suas filhas para as entreter e inspirar. Depois, outras crianças, e até adultos, leram e gostaram tanto que a série já atingiu o astronómico número de 550 mil exemplares vendidos em, pelo menos, 14 países.



UMA OBRA QUE VAI AGRADAR A TODOS OS LEITORES DE
HARRY POTTER E AS CRÓNICAS DE NÁRNIA.

 EDITORIAL PRESENÇA



Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Dedicatória](#)

[PARTE I](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[PARTE II](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)